

## Tese de Doutorado



## "Direto da guerra"

Uma análise da cobertura da Guerra do Iraque no jornal *Folha de S. Paulo*

Vanessa Pedro

Março/2007

Ao povo d'água  
Às crianças que sofrem com as guerras

“A meu ver, Coppola devia ter pago um pouco a Nixon pelo filme sobre o Vietnã; pois todas as suas idéias sobre o Vietnã vêm de Nixon, e não de outra fonte. Não se tem idéias assim.”

**Jean-Luc Godard**

“O Historiador nunca está ausente do enunciado que produz, e, sem levar o paradoxo a ponto de supor que todo livro de história é antes uma autobiografia do autor do que um levantamento científico de dados irrefutáveis, admitiremos – como ponto final – a abordagem bastante pessoal do se segue”.

**Gerard Vincent**

“Que o leitor não espere encontrar aqui um quadro acabado. O que ele vai ler, incompleto, recheado de pontos de interrogação, não passa de um esboço”.

**Georges Duby**

## **Agradecimentos**

Os agradecimentos de alguma forma são o espaço da memória da tese e o momento para destacar pessoas e instituições que, de alguma forma, fizeram parte da minha trajetória pessoal e acadêmica durante o tempo que durou esta pesquisa e antes. Primeiramente, agradeço o espaço oferecido pela Pós-graduação em Literatura e pela Universidade Federal de Santa Catarina, acima de tudo pública e de qualidade, para o desenvolvimento desta pesquisa e as oportunidades de debate e aprendizado proporcionadas pelos professores deste curso. Antes de mais nada, agradeço em especial a meu orientador pela condução deste processo, pelas suas leituras e por seu olhar sobre os temas.

Os cursos de Literatura podem ser hoje um espaço político onde desenvolver pesquisas que debatam as realidades contemporâneas com a contribuição de diversas áreas. A lamentar apenas a pequena quantidade de bolsas disponibilizadas aos alunos. Por isso, também agradeço imensamente a possibilidade de ter recebido uma bolsa de estágio no exterior, através do programa PDEE da Capes, que me proporcionou a estada de um ano na University of London inteiramente disponível à pesquisa, único momento remunerado para a realização do Doutorado. Dessa forma, também agradeço ao Birkbeck College, que me recebeu como aluna durante esse período, com todos os acessos e possibilidades que a escola oferece aos seus alunos regulares. De um lado a Capes proporcionou minha estada e as despesas de matrícula e, de outro lado, o Birkbeck College, a meu pedido, concedeu desconto de 50% na anuidade exigida aos estudantes estrangeiros. Mais importante ainda que a instituição foi a acolhida que recebi de meu orientador no exterior, prof. William Rowe, que me acompanhou durante todo o período, lendo atentamente meu trabalho e procurando me integrar aos grupos de pesquisa e cursos que participa. Em Londres, ainda agradeço a profa. Luciana Martins, que também colaborou com minha pesquisa e com minha adaptação na cidade e ao professor David Tracey, que me convidou para participar das discussões do Centre for the Study of Brazilian Culture and Society, do King's College. Também agradeço a amizade, a acolhida e as conversas acadêmicas e pela cidade dos meus amigos e competentes pesquisadores Cecília Mello, Aquiles Alencar-Brayner, Christina Chinas, Maria José López e Alessandra Malaquias. Cada

um na sua área, cada qual com suas nacionalidades e interesses fez desse ano em Londres uma experiência que vou guardar com carinho.

De volta aos agradecimentos brasileiros, tenho ainda várias pessoas a mencionar. Agradeço a amizade e as contribuições intelectuais, políticas e pessoais de Branca Cabeda Moellwald, Simone Schmidt, Alai Diniz, Maria Aparecida Leite e Sônia Maluf. Aos amigos de outras seções de agradecimento desde o TCC e do Mestrado, continuo agradecendo a presença, a amizade e insistência para que eu terminasse essa tese logo. Agradeço a Marina Moros, Clarissa Alcântara, Terezinha Silva, Ana Paula Barreto e Alex Cunha. Tem ainda os amigos da TESE, a quem agradeço a presença constante dos últimos dois anos, mas também a presença nos meus pensamentos desde antes da inauguração da Casa. Pensando em todos, agradeço nominalmente meu amigo Cesinha, minha mãe Beta e meu leitor Sete Cruzes.

Minha família sempre fica por último nos agradecimentos, mas é porque guardo o pedaço mais gostoso do bolo para o final para aproveitar mais. Meus pais estão já no terceiro agradecimento. Desde sempre são lembrados e serão sempre por tudo que me proporcionaram, pelo esforço, pela compreensão, por me respeitar como pessoa e por sempre saber que o acesso a uma boa escola é a melhor de todas as heranças. Agradeço especialmente à Rosana, que me incentiva diariamente a chegar ao fim deste trabalho, me dizendo até que já passei pela pior parte mesmo que eu às vezes não acreditasse. Agradeço também pelo pedaço de bolo com coca-cola que ela me trouxe hoje à tarde enquanto escrevia estes agradecimentos.

## **Resumo**

A presente tese analisa a cobertura da Guerra do Iraque realizada pelo jornal brasileiro *Folha de S. Paulo*, tomando como objeto notícias publicadas no “Caderno Mundo” durante o período de um mês em que o periódico teve dois jornalistas no local do conflito. Durante este período, a editoria de notícias internacionais publicou diariamente, ocupando diversas vezes a capa do jornal, notícias dos correspondentes em Bagdá, textos traduzidos de veículos internacionais, matérias de agências de notícias, textos de seus enviados em outros locais, matérias produzidas por sua equipe na redação brasileira e artigos de análise. Essa variedade de formas de produzir a cobertura de guerra, agregada ao contato com diversas fontes de informação sobre o conflito, produziu um mosaico de interpretações e de vozes criando uma cobertura multifacetada. Em muitos momentos, o desejo de fazer parte da cobertura internacional ao lado de grandes redes de países centrais, publicando textos que são publicados por dezenas de jornais pelo mundo, matérias de agências internacionais, traduções das principais empresas jornalísticas e privilegiando as fontes oficiais de informação, fez com que a cobertura do jornal mais se tornasse hegemônica e menos crítica. Em outros, na medida em que se desligava dessa reprodução de textos prontos e de fontes oficiais e assumia seu lugar de periferia, publicando informações de seus próprios jornalistas no Iraque, entrevistando a população vítima do conflito, relendo informações e declarações na redação brasileira ao invés de apenas traduzir textos e publicar opiniões, ou analisando o próprio papel dos meios de comunicação, o jornal passou a realizar uma cobertura mais crítica. A cobertura própria, sem disputar ou buscar ser igual às grandes redes internacionais produziu uma cobertura diferenciada e mais próxima do público brasileiro. A necessidade da cobertura ao vivo também foi analisada nesta tese como contraponto e influência na cobertura do jornal impresso. Esta análise comparada é especialmente importante para se discutir a importância e a utilização da presença do repórter cobrindo um evento como a guerra direto do local do conflito.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>09</b>
-------------------------	-----------

### **Capítulo 1:**

<b>Guerra do Iraque nas páginas do jornal .....</b>	<b>27</b>
---	-----------

A guerra sempre como mônada .....	28
-----------------------------------	----

FSP (20 de março de 2003): a primeira edição da guerra .....	43
--	----

O desejo de ser parte da cobertura mundial .....	56
--	----

### **Capítulo 2:**

<b>A guerra oficial .....</b>	<b>77</b>
-------------------------------	-----------

A força do discurso oficial e as possíveis resistências .....	78
---	----

A guerra e as cidades .....	119
-----------------------------	-----

### **Capítulo 3:**

<b>Novas tecnologias da presença .....</b>	<b>130</b>
--	------------

<i>A Folha de S. Paulo</i> e a cobertura ao vivo na TV brasileira .....	131
---	-----

Os 03 mil jornalistas nas bordas da guerra .....	151
--	-----

Mais algumas resistências .....	175
---------------------------------	-----

O lugar da narrativa .....	183
----------------------------	-----

<b>Conclusão .....</b>	<b>198</b>
------------------------	------------

<b>Bibliografia .....</b>	<b>204</b>
---------------------------	------------

## **Introdução**

A guerra da audiência, a guerra dos discursos, a guerra para definir o que é importante na produção do texto jornalístico, a guerra da interpretação, a guerra da imposição do discurso oficial, a guerra das versões, a Guerra do Iraque são as guerras analisadas nesta tese. A cobertura da Guerra do Iraque, iniciada em março de 2003, é o alvo principal desta análise, que consiste em perceber de que modo a imprensa brasileira, em particular o jornal *Folha de S. Paulo*, representou o evento desde a declaração de guerra, passando pelas primeiras ações do conflito, pela invasão das tropas norte-americanas até as primeiras semanas do evento, levando em conta especialmente o desejo do jornal de estar inserido numa cobertura mundial realizada por grandes emissoras e publicações internacionais.

A tese consiste justamente em perceber que há um desejo da imprensa brasileira, em especial na análise do jornal *Folha de S. Paulo*, de fazer parte da cobertura mundial da Guerra do Iraque ao lado de grandes redes de TVs e jornais ocidentais. O que há de importante nesta reflexão é perceber as implicações e o investimento do periódico neste projeto, o modo como a sua produção jornalística contribuiu para inseri-lo no contexto internacional e como esse desejo também contribuiu para que o jornal se consolidasse definitivamente como o jornal de maior referência nacional no Brasil. O que interessa neste contexto é perceber em que momento e sob que condições a imprensa brasileira e a cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* mantêm a leitura preferencial internacional ocidental resignificada diariamente por grandes empresas de comunicação norte-americanas e britânicas ou se opõe a ela, criando novos sentidos e significados próprios, atuando nas brechas dessa grande narrativa contemporânea. Neste sentido, também, perceber em que a imprensa brasileira se assume como periferia e até que ponto esta condição colabora



ou dificulta o acesso aos acontecimentos, às pessoas, às narrativas, à guerra. A partir da análise dos jornais é possível detalhar e refletir sobre as escolhas de jornalistas e veículos, aquilo que não é possível modificar e os acessos que realmente se almeja.

A *Folha de S. Paulo* foi o único veículo a enviar jornalistas para o Iraque durante a guerra e realizou uma cobertura diária do evento, com enviados no local e uma rede de correspondentes nos Estados Unidos, além de repórteres que escreviam e editavam as matérias do caderno de notícias internacionais no Brasil. O jornal contou também com a publicação de textos de análises de seus colaboradores e especialistas e pesquisadores que esporadicamente eram publicados, através da tradução de textos já editados em outras fontes ou em textos originais. A cobertura da guerra analisada localiza-se em especial no “Caderno Mundo”, editoria dedicada a notícias internacionais, assim como nas capas de algumas edições no período apresentado, considerando que a Guerra do Iraque foi um tema que ocupou por semanas as primeiras páginas do periódico.

A crítica do jornal à própria guerra e seus agentes varia de acordo com a possibilidade de estar inserido na cobertura mundial, do mesmo modo que esta aproximação acontece com maior intensidade à medida que o jornal mais utiliza textos prontos de outros jornais, de agências ou se embasa em fontes oficiais. Na medida em que ocorre a utilização de textos prontos de agências internacionais, de jornais internacionais e de assessorias de imprensa e o privilégio a fontes oficiais, a cobertura mais se aproxima da cobertura ocidental mundial, que determina as discussões e as pautas de jornais pelo mundo todo, mas menos crítica a cobertura brasileira se torna à guerra e às opiniões de quem a realiza. Quanto mais o jornal se volta para a produção de textos próprios, à análise e às fontes não-oficiais, menos ela se parece e está inserida na cobertura factual internacional, assumindo seu lugar de

periferia na medida em que não se dedica apenas à factualidade da guerra, incluindo também a análise das coberturas mundiais em suas edições, mas mais crítica ela se mostra. A cobertura jornalística da imprensa brasileira, em especial da *Folha de S. Paulo*, mais está inserida na cobertura mundial e parece menos crítica quanto mais está ligada a uma visão da produção jornalística que dá voz à declaração e aos atores oficiais, e se mostra mais crítica à medida que se aproxima da reflexão feita pela historiografia contemporânea ao próprio texto, deixando de contar a história das grandes personalidades e utiliza o discurso oficial como fonte principal da uma única versão totalizadora da história. Ao contrário, a historiografia contemporânea passou a admitir que há versões da história, ela mesma uma construção narrativa que depende do momento em que é escrita, por quem e com que tipo de olhar, e optou, já livre de contar apenas a verdade dos fatos através das lideranças oficiais, por tornar visível histórias de “pessoas comuns”, assumindo um mosaico de versões e histórias, onde o historiador e o leitor, utilizando um conceito de Benjamin, criarão a sua própria constelação de significados. Quando o jornal se volta para as suas fontes fundadoras, que são as “pessoas comuns”, para a produção de textos próprios e para a análise, menos totalizadora ela se parece, menos “autista” e mais crítica aos acontecimentos da guerra ela se mostra.

A imprensa contemporânea, e também a brasileira, está inserida numa rede de produção do discurso jornalístico como jamais se viu, produzindo uma difusão de informação capaz de fazer um texto circular em várias partes do mundo e ser publicado em veículos diferentes como um jornal europeu e um brasileiro. A cobertura da Guerra do Iraque por sua vez assume novas configurações que haviam sido apresentadas anteriormente apenas de forma incipiente. Ainda que a presença do repórter no *front* já fosse uma realidade em guerras anteriores e que a cobertura ao

vivo já tenha começado a ser importante na Guerra do Golfo (1991), é na Guerra do Iraque (2003 -) que essas duas características da cobertura se apresentam conjuntamente e evidentes. Depois da transmissão ao vivo dos atentados à cidade de Nova York (2001), que derrubou as torres gêmeas do World Trade Center, a Guerra do Iraque é o evento que inaugura as transmissões ao vivo do local da guerra, transmitindo em tempo real e com cobertura mundial desde a declaração de guerra até os primeiros bombardeios à capital do Iraque, Bagdá.

Em 20 de março de 2003 (hora local e 19 de março na hora do Brasil), o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush aparece ao vivo nos canais de TV do seu país, retransmitidos ao vivo por boa parte das emissoras do mundo, para declarar guerra ao Iraque. De gravata vermelha e terno preto, Bush aparece detrás de sua mesa no salão oval da Casa Branca, sede do governo, tendo ao fundo a bandeira norte-americana e dois porta-retratos com fotos das duas filhas e de sua mulher com o cachorro da família. Deste cenário ele anuncia os motivos pelos quais inicia a guerra, exhibe seus objetivos e crenças e declara o início dos bombardeios aéreos à Capital do Iraque. Minutos depois, a TV portuguesa RTP é a primeira a mostrar as bombas caindo em Bagdá já no amanhecer do dia 20 de março no Iraque e pouco mais de meia-noite no horário oficial do Brasil. Assim são declaradas e transmitidas as guerras contemporâneas, ao menos as movidas pelo Ocidente e encabeçadas pela maior força militar da região, também detentora das principais cadeias de TV do mundo: ao vivo, do ato oficial e limpo de quem ataca até às consequências das bombas sobre a cidade do Oriente Médio que virou alvo. A mídia faz parte do evento, o repórter ao vivo, via satélite, sem mais supostas declarações de guerra. A notícia é instantânea, em “tempo real”, e a mídia a reporta diretamente e ao vivo. Pelo menos até que volte a sua atenção para outro evento. “A informação só tem valor no momento em que é nova.

Então precisa entregar-se inteiramente a esse momento e explicar-se nele”<sup>1</sup>. Suposta não é mais a declaração, mas são os acontecimentos, o número de mortos e os motivos pelos quais a guerra é declarada. Da declaração de guerra ao cenário dos combates, a imprensa é a base da narração contemporânea dos conflitos armados como a Guerra do Iraque e os atentados de 11 de setembro, faz parte dos eventos e costura as histórias para dar sentido à narrativa contemporânea.

Os fragmentos que constituem a narração contemporânea são organizados por um veículo que se constrói também como um quebra-cabeça, relatando acontecimentos cotidianos, noticiando, transmitindo imagens e depoimentos, versões e declarações. A pergunta a ser feita é: qual é a capacidade do discurso jornalístico de narrar eventos contemporâneos como a Guerra do Iraque? Não é mais possível pensar que o discurso contemporâneo tenha capacidade de oferecer uma narrativa totalizante como as grandes narrativas do passado, mas é necessário falar sobre a homogeneidade do discurso jornalístico, especialmente em relação a esses eventos, que oferece aos leitores não mais conselhos mas uma explicação. Importa analisar a capacidade da mídia como lugar da narrativa contemporânea, pensar o que constrói o discurso da imprensa em relação a esses eventos e quais as explicações que ela tem oferecido. Para Walter Benjamin, a informação não aconselha mais como faziam os contadores de histórias, no sentido de oferecer uma estrutura narrativa básica e deixar que o leitor ou ouvinte se encarregue de desenhá-la, de interpretá-la. A narrativa jornalística, para Benjamin, explica, sem possibilidade de interpretação, sem dar mobilidade ao leitor. Mas será que ela não dá mais conselhos ao leitor? Após analisar em *Orientalismo*<sup>2</sup> as maneiras como os discursos sobre o Oriente têm criado o que chamamos de Ocidente e Oriente, em *Cultura e Imperialismo*, Edward Said reflete sobre as estreitas relações

---

<sup>1</sup> Walter Benjamin, 1985 [1936] – p. 203.

<sup>2</sup> Edward Said, 1990.

entre, não apenas a política e a economia, mas entre a cultura e as formas do império, entre hegemonia e formas de poder. Para Said, o que o romance significou para compreender o século XIX, os estudos sobre a mídia podem servir para analisar as narrativas e os eventos contemporâneos. “Teoricamente, estamos apenas no estágio de tentar inventariar a *interpelação* da cultura pelo império, mas o esforço feito até agora é pouco mais do que rudimentar. E conforme o estudo da cultura se estende para os meios de comunicação de massa, para a cultura popular, para a micropolítica e assim por diante, os focos sobre os modos de poder e hegemonia vão se tornando mais nítidos”<sup>3</sup>. É a narrativa jornalística que conta a história contemporânea, em pedaços, sem continuidade, sem se contentar com apenas conselhos, mas interessada em explicar como tudo aconteceu naquele dia. O dia seguinte é outra história.

O objetivo desta tese, portanto, é analisar, a partir da intersecção de saberes, olhares e teorias que se encontram articuladas pela Teoria Literária, os discursos e as representações produzidos na imprensa brasileira sobre uma guerra contemporânea realizada, e ainda não finalizada, pelos Estados Unidos no Iraque, que vem acontecendo desde o início de 2003. O foco de análise é a cobertura jornalística do diário *Folha de S. Paulo*, que vem dedicando parte significativa de seu espaço principalmente no caderno de notícias internacionais, “Mundo”, mas também em editoriais, textos de opinião, charges e colunas. É um dos jornais com maior circulação em todo o território brasileiro e sua linha editorial se pretende nacional. Interessa saber de que modo regiões e culturas diretamente envolvidas nesses conflitos são apresentadas e de que forma o próprio Brasil é inserido neste contexto, observando a imprensa como a superfície narrativa onde essas questões apareceram e os acontecimentos mais foram tratados. Deste modo, mesmo a *Folha de S. Paulo*

---

<sup>3</sup> Edward Said, 1990 – p. 98.

sendo o foco de análise, é importante relacionar o objeto principal de estudo com outros formatos de cobertura da mídia como a TV, que participou dessa cobertura com forte presença ao vivo que influenciou no modo como os jornais impressos tratariam o evento, assim como perceber a cobertura brasileira diante da cobertura da mídia internacional, observando o desejo da imprensa brasileira de estar inserida na cobertura mundial.

O evento da guerra, com implicações no local do conflito, no país que declara a guerra e no Brasil, e a produção jornalística, construída a partir de pequenos fragmentos, fontes, informações e versões diárias, produzindo uma profusão de materiais, serão pensadas e organizadas numa análise como constelações<sup>4</sup> para as quais a pesquisa dará um sentido. O acontecimento proposto como objeto de análise, assim como a sua representação num universo vasto e multirreferencial como a imprensa internacional e brasileira, são paradigmáticos para entender o momento contemporâneo mundial, as idéias de construção da nação, a presença da mídia como poder mundial, a relação entre poder e império e entre poder e produção do discurso jornalístico. Na cobertura da imprensa brasileira, e na *Folha de S. Paulo* em especial, é importante observar se há diferentes modos de narrar o Oriente Médio e os Estados Unidos e perceber em relação a que temas os discursos se alteram à medida que a guerra vai se desenvolvendo, como a apresentação da guerra e a legitimidade do conflito vai sendo construída à medida que o evento se desenrola. A pesquisa demonstra a necessidade de refletir sobre diferentes textos midiáticos e reuni-los

---

<sup>4</sup>Utilizo o conceito de “constelação” de Walter Benjamin, cunhado no texto “Thesis on the Philosophy of History”, escrito em 1940. “Historicism contents itself with establishing a causal connection between various moments in history. But no fact that is a cause is for that very reason historical. It became historical posthumously, as it were, through events that may be separated from it by thousands of years. A historian who takes this as his point of departure stops telling the sequence of events like the beads of a rosary. Instead, he grasps the constellation which his own era has formed with a definite earlier one. Thus he establishes a conception of the present as the ‘time of the now’ which is shot through with chips of Messianic time”. Minha proposta é tanto considerar esse conceito para a reunião dos três eventos como tema de pesquisa quanto para a possibilidade de relacionar produções textuais de diferentes coberturas jornalísticas realizadas sobre os atentados de 11/9 e as duas guerras analisadas.

numa constelação de análise pensando que a compreensão da guerra através da imprensa se dá ela mesma de modo fragmentado, descontínuo e a partir de diversas fontes de informação que atuam concomitantemente.

A guerra acontece para milhões através da TV e dos jornais do dia seguinte. O início dos bombardeios ao Iraque foi transmitido ao vivo por todas as grandes emissoras de televisão ao redor do mundo e retransmitido em centenas de países. “On this day, all the images were simply the same. Above station identification logos and text descriptors highlighted on brightly colored backgrounds, intense white flashes tinged with orange filled the screen”<sup>5</sup>. Nicholas Mirzoeff analisa a narrativa de guerra e o papel da imagem nesse discurso e reflete sobre a pessoa que assistia maravilhada ao seu lado numa academia de ginástica nos Estados o início da guerra. Trajado com um boné de beisebol camuflado e uma camiseta tipo militar, o espectador não dava chances a qualquer argumento que o autor quisesse usar para criticar o ato do governo norte-americano. Mirzoeff se dá conta que o “exercise soldier” ao seu lado havia ido à academia justamente com aquelas roupas naquele dia para assistir à guerra. “For all the deconstructive, feminist, anti-racist, visual culture theory that I have at my disposal, there was no way to counter the sweating, exulting triumph of the war watcher”<sup>6</sup>. Os meios de comunicação têm um papel central na narração da história contemporânea. Deste modo, é fundamental refletir sobre ela, sobre suas representações e seus discursos e de que forma o olhar sobre esses eventos é construído de acordo com o lugar de onde se observa. Isto significa dizer também que a imprensa brasileira construiu as suas impressões e imagens desse acontecimento além de um simples binarismo entre “Oriente” e “Ocidente”, utilizando-se de outras influências e percepções. Esse “lugar” é construído a partir de várias referências e

---

<sup>5</sup> Nicholas Mirzoeff, 2005.

<sup>6</sup> *Idem.*

identificações culturais, não apenas através de uma identidade nacional, mas também atentando para o modo como a idéia de nação tem sido construída no Brasil.

Para articular todas estas questões e outras ainda a ser expostas, a escolha foi uma tese em Literatura, um campo que permite e garante confrontar diferentes áreas de conhecimento e instrumentos de análise como os que vêm da Teoria Literária, da História e do Jornalismo, tendo como ponto principal a análise de narrativas e percebendo os textos e imagens analisados como textos culturais. A historiografia e os estudos literários, principalmente, estão no cerne da reflexão contemporânea sobre os textos jornalísticos porque propõem debates sobre questões como a “textualidade da história” e a “historicidade dos textos” <sup>7</sup>. “A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado, seu texto faz parte da literatura” <sup>8</sup>. O texto jornalístico está na encruzilhada desta discussão na medida em que se debate com o discurso da objetividade, com a imposição pela busca do fato, do que “realmente aconteceu”, com a escolha das vozes sociais que disputam um lugar como fontes e com a função de falar da realidade cotidiana e contemporânea e ao mesmo tempo construir narrativas sobre o passado. “A objetividade ou a transcendência da história é uma miragem, pois o historiador está engajado nos discursos através dos quais ele constrói o objeto histórico. Sem consciência desse engajamento, a história é somente uma projeção ideológica” <sup>9</sup>. Os estudos literários são fundamentais para compreender o texto jornalístico como narrativa contemporânea. “Os contextos não são eles mesmos senão construções narrativas, ou representações, ainda e sempre, textos” <sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Expressões analisadas por Antoine Compagnon, 1998 – p. 223.

<sup>8</sup> Antoine Compagnon, 1998 – p. 222.

<sup>9</sup> *Idem*. O autor neste trecho fala das contribuições desta idéia por Michel Foucault, Hayden White, Paul Veyne, Jacques Rancière e outros.

<sup>10</sup> Antoine Compagnon, 1998 – p. 223.



## **Lugar da autoria**

A questão da autoria aparece duplamente para a discussão deste trabalho. Antes de tudo é importante discutir a autoria dos textos jornalísticos analisados pela peculiaridade de serem narrativas publicadas por jornais brasileiros sobre eventos que ocorreram e ainda se desenrolam em outros países. Outro elemento importante é o grande número de textos escritos e publicados por jornais norte-americanos e ingleses traduzidos e publicados nos jornais brasileiros. Grande parte dos textos dos cadernos de notícias internacionais são traduções do inglês, muitos deles produzidos por agências internacionais de notícias como *Reuters*, *France Presse*, *Associated Press* ou pelas versões eletrônicas das emissoras BBC (britânica) e CNN (norte-americana) ou ainda oriundos de assessorias de imprensa das fontes oficiais utilizadas.

Somada a esta discussão está ainda o lugar do leitor, que para muitos autores determina o conflito entre as duas interpretações recorrentes sobre a autoria<sup>11</sup>. “Para escapar dessa alternativa conflituosa e reconciliar os irmãos inimigos, uma terceira via, hoje muitas vezes privilegiada, aponta o leitor como critério da significação literária”<sup>12</sup>. Neste sentido, o leitor talvez possa ser pensado como um possível lugar de resistência aos discursos hegemônicos na imprensa, um dos temas tratados na tese ao lado das formas hegemônicas e das brechas e resistências encontradas no interior dos textos jornalísticos. Said, em *Cultura e Imperialismo*, discute principalmente as formas e as possibilidades de resistência ao discurso imperial e hegemônico. Analisando os impérios britânico e francês, Said volta-se para a questão da resistência cultural e política contra a dominação européia. A sua análise, principalmente o fato

---

<sup>11</sup> “O conflito se aplica ainda aos partidários da *explicação* literária como a procura da intenção do autor (deve-se procurar no texto o que o autor quis dizer), e aos adeptos da *interpretação* literária como descrição das significações da obra (deve-se procurar no texto o que ele diz, independentemente das intenções de seu autor)”.

<sup>12</sup> Antoine Compagnon, 1998 – p. 223.

de perceber a importância da resistência cultural e política junto com a força do império pode trazer elementos importantes para a reflexão sobre a resistência aos discursos contemporâneos sobre a guerra. “O contato imperial nunca consistiu na relação entre um nativo não ocidental inerte ou passivo; *sempre* houve algum tipo de resistência ativa e, na maioria esmagadora dos casos, essa resistência acabou preponderando”<sup>13</sup>.

Para Said, também há um outro desdobramento a ser discutido em relação à autoria, que é a necessidade de pensar sobre a autoria do próprio texto acadêmico. Said afirma que, se toda produção de conhecimento nas ciências humanas não pode mais ignorar o envolvimento do autor como sujeito em suas próprias circunstâncias, também é verdade que é fundamental para um europeu ou americano que estuda o Oriente Médio pensar a sua condição de europeu e americano. “Não pode haver negação das circunstâncias mais importantes da realidade dele: que ele chega ao Oriente primeiramente como um europeu ou um americano, e depois como indivíduo”<sup>14</sup>. Esta reflexão de Said expõe a importância que deve ser dado para o “lugar” de onde fala o autor do texto acadêmico. Não um lugar geográfico simplesmente, mas o lugar cultural de onde ele se expressa. Este trabalho não foi construído a partir da realidade estadunidense ou iraquiana, ao mesmo tempo em que não se trata de um lugar suspenso na história, na medida em que está lidando com textos que se referem a eles, produzidos ou compilados por jornalistas e veículos que atuam no Brasil. A pesquisa trata de textos contemporâneos da imprensa brasileira sobre o Oriente Médio e sobre os EUA. Dessa obra, a pesquisa toma a busca por uma nova historiografia que o autor chama de nômade, que utiliza um método de análise contrapontual, e que implica em perceber que não tratamos de identidades fixas com contornos rígidos e

---

<sup>13</sup> Edward Said, 1993 – p. 12.

<sup>14</sup> Edward Said, 1990 – p. 23.

definidos apenas por fronteiras nacionais<sup>15</sup> e que o autor da análise também está inserido no contexto que analisa e não acima dele.

### **Narrativas da guerra**

O tema fundamental tratado na pesquisa é, sobretudo, a guerra e as maneiras como diferentes eventos da Guerra do Iraque têm sido discutidos, representados e interpretados. Como lembra Hobsbawm citando Hobbes: “a guerra consiste não só na batalha, ou no ato de lutar, mas num período de tempo em que a vontade de disputar pela batalha é suficientemente conhecida”<sup>16</sup>. Cada vez mais desde os atentados de 11 de setembro se percebe esse desejo de batalha expresso nas resoluções dos governos, especialmente o norte-americano. As configurações da “guerra” precisam ser investigadas, relidas, comparadas para se entender melhor o momento em que a Guerra do Iraque aconteceu e o modo como a sua cobertura jornalística tem sido realizada. Hannah Arendt analisando o momento da guerra fria percebeu que “o desenvolvimento técnico dos implementos da violência alcançou o ponto em que nenhum objetivo político poderia presumivelmente corresponder ao seu potencial de destruição, ou justificar seu uso efetivo no conflito armado”<sup>17</sup>. Hoje vê-se cada vez mais o desenvolvimento de tecnologias bélicas e o maior exército da história buscando meios políticos de justificar a sua utilização. Ao mesmo tempo que a ameaça de uso deste aparato bélico tecnológico que pode matar em massa foi utilizada também como motivo para a realização da guerra, na medida em que o governo dos EUA oficialmente decide atacar e invadir o Iraque para livrar o país e o Ocidente de

---

<sup>15</sup> Edward Said, 1990 – p. 28.

<sup>16</sup> Eric Hobsbawm, 1994 – p. 224.

<sup>17</sup> Hannah Arendt, 2000 – p. 13.

supostas armas de destruição em massa, que mais adiante, quando não houve provas da existência dessas ADM, não são mais o motivo da guerra mas a libertação dos iraquianos com a queda de um ditador. Ao contrário do que Hannah Arendt previu, a guerra não perdeu o seu fascínio<sup>18</sup>.

Se a guerra no Afeganistão foi justificada pelo governo dos Estados Unidos como uma guerra de “salvação”, a Guerra no Iraque foi apresentada como uma guerra de “libertação” com o objetivo de entrar no país, derrubar e ocupar. Diferente do Afeganistão também foi a presença da imprensa. As TVs e os jornais ocidentais estavam no Iraque, especialmente em Bagdá, antes dos bombardeios começarem. Do Brasil, estiveram desde o início dos conflitos apenas dois jornalistas do jornal *Folha de S. Paulo*, Sérgio Dávila e Juca Varella, enviando diariamente textos e imagens da guerra. Há, portanto, muito a analisar dessa presença internacional e brasileira no Iraque, assim como discutir a ausência da maior TV brasileira em Bagdá e suas estratégias para transmitir a guerra ao vivo. A Rede Globo enviou um repórter ao Oriente Médio para cobrir a guerra que estava na iminência de começar. O repórter foi instalado na capital do país vizinho ao conflito, o Kuwait, e transmitia ao vivo através de um aparelho de videofone para todos os telejornais da TV Globo. O novo elemento tecnológico utilizado por redes de televisão de todo o mundo durante a cobertura da guerra norte-americana no Iraque modificou a forma de reportar a guerra via satélite. O uso do videofone também foi fundamental para dar o tom da cobertura jornalística da TV Globo no Brasil durante o período em que a emissora teve um repórter no Oriente Médio. Supostamente a TV Globo, através do seu videofone, tinha um jornalista no *front*. A TV Globo enviou à guerra contra o Iraque apenas um repórter, mas dispendeu ao conflito grande parte do noticiário de seu principal

---

<sup>18</sup> Hannah Arendt, 2000 – p. 13.

telejornal, o Jornal Nacional, durante o período inicial da invasão até que o exército norte-americano entrou em Bagdá. O videofone insere a TV Globo na cobertura mundial. Nas guerras contemporâneas a cobertura ao vivo é a principal característica da cobertura jornalística. Da declaração de guerra ao momento em que o conflito está ocorrendo, tudo é acompanhado em frente à TV. No mundo todo, milhares de pessoas viram, direto do salão oval da Casa Branca, o presidente dos Estados Unidos declarar guerra ao Iraque e dizer que naquele momento começavam os bombardeios.

O jornal como veículo oferece espaço para que tipo de narrativa? Os jornalistas da *Folha de S. Paulo* retornaram do Iraque no final de abril (a guerra começou em 20 de março) e em seguida publicaram um livro sobre o conflito com textos e fotos produzidos no Iraque mas não publicados no jornal. O livro acaba se tornando um espaço para discutirem o próprio trabalho jornalístico, as dificuldades de apuração da notícia, os empecilhos impostos pelo discurso oficial e pelas autoridades do Iraque e dos Estados Unidos, o medo da guerra, o contato com a população local e com os outros jornalistas. Nesse texto e nessas imagens também aparecem as narrativas e as vozes dos habitantes de Bagdá que muitas vezes são excluídos dos relatos jornalísticos que tratam de números e da marca dos mísseis, da quantidade de mortos e da marcha dos soldados. Muitas questões se apresentam: será que apenas a publicação de um livro é capaz de oferecer espaço para as histórias comuns e para reflexão sobre o trabalho do próprio repórter? O único espaço para as reportagens é o livro? As páginas de jornal estão fadadas às estatísticas, números, marcas, ao factual e ao discurso oficial?

Para compreender o novo lugar da reportagem e compreender que tipo de relato jornalístico se produz nos jornais brasileiros hoje, é importante tratar de coberturas de guerra realizadas por jornalistas brasileiros no Brasil e no exterior em

outros momentos do século XX e mesmo anteriormente, durante as últimas décadas do século XIX, como na Guerra do Paraguai. É interessante pensar como a cobertura de guerra foi sendo alterada dos relatos dos diários de guerra dos soldados até as coberturas contemporâneas da imprensa diária e das coberturas ao vivo nas emissoras de TV. Na Guerra do Paraguai (1864 – 1870), a maior parte das narrativas escritas sobre o conflito são textos literários como *A Retirada da Laguna*<sup>19</sup>, de Visconde de Taunay, e diários de guerra como o de André Rebouças<sup>20</sup>. Na Guerra de Canudos, Euclides da Cunha já era um jornalista no front cobrindo o conflito para o jornal *Estado de S. Paulo*, mas a grande repercussão e o modo como sua narrativa mais ficou conhecida foi através do texto de *Os Sertões*<sup>21</sup>, que se tornou um clássico da literatura brasileira. Na Guerra do Vietnã, uma cobertura internacional foi produzida pelo jornalista José Hamilton Ribeiro para a *Revista Realidade*. O jornalista voltou ao Brasil tendo perdido uma perna ao pisar numa mina e até hoje trabalha como repórter. Ainda se destacava na época a produção de reportagens e José Hamilton, que também foi jornalista da *Folha de S. Paulo*, é o repórter que mais vezes ganhou o Prêmio Esso, a mais importante premiação do jornalismo brasileiro. Atualmente, a cobertura de guerra ocorre basicamente na imprensa diária, tanto na TV quanto nos jornais, com mais espaço para notícias que para reportagens sobre os conflitos.

### **Mídia como parte do evento e as cidades da mídia**

Além de perceber de que maneira os meios de comunicação repercutiram a Guerra do Iraque, duas questões importantes envolvem a imprensa como parte dos

---

<sup>19</sup> Alfredo Taunay, 1997 [1871].

<sup>20</sup> André Rebouças, 1973.

<sup>21</sup> Euclides da Cunha, 1998.

eventos: a presença da própria imprensa em “tempo real”, registrando a declaração de guerra e os bombardeios e a aparição da TV Al Jazeera, do Qatar, já durante os ataques norte-americanos ao Afeganistão e se consolidando como alternativa de representação durante a Guerra do Iraque. Essas duas presenças alteraram a percepção dos acontecimentos, seja reafirmando a espetacularização da cultura como no caso das imagens da CNN transmitindo ao mundo desde o desabamento do World Trade Center até a Guerra do Iraque ou, no caso da Al-Jazeera, modificando completamente a representação do que se esperava da transmissão dos bombardeios norte-americanos.

Quando os bombardeios ao Afeganistão começaram, parecia que tudo seria como na Guerra do Golfo: imagens distantes que mostravam luzes verdes cruzando um céu também esverdeado, como se tudo fosse um simples videogame. Sem vítimas aparentes, um bombardeio “cirúrgico” e “limpo”, com no máximo alguns “efeitos colaterais”. Então surge na cena mundial a TV Al-Jazeera, de um pequeno país árabe no Oriente Médio, o Catar. Essa TV árabe passa a ser a única emissora com permissão para entrar no Afeganistão e obrigou de alguma forma o resto do mundo a contar outras histórias. Passou a mostrar os vídeos de Bin Laden, entrevistas com fontes que nunca apareciam em TVs como a norte-americana CNN e a britânica BBC; que nos bombardeios morria gente. Os “efeitos colaterais” dos bombardeios são traduzidos em número de mortos e imagens de casas destruídas. A Cruz Vermelha no Afeganistão é atacada “por engano”, um engano reconhecido apenas depois que a TV distribui as imagens do prédio destruído. As TVs do mundo todo tiveram que mostrar imagens da guerra, gente que morre, por mais que o governo norte-americano tenha pedido aos canais que “selecionassem melhor” as imagens antes de transmiti-las. Não foi possível. Era uma questão de audiência.

Uma fonte importante de representações analisada neste contexto é também a imagem produzida sobre a cidade contemporânea durante a cobertura da Guerra do Iraque e como ela encontra correspondência à imagem de cidade produzida antes do conflito. Bagdá e outras cidades do Oriente Médio nunca são apresentadas como cidade com uma ordem, organização, sentido, quase nunca com uma idéia geral da cidade moderna contemporânea. Nas representações presentes na imprensa, a guerra no Oriente Médio chega já a cidades que não têm ordem e já estão destruídas. São em geral imagens de destruição que se repetem. Nunca é a imagem de uma cidade moderna ordenada que de repente é atingida, destruída, desorganizada. É a imagem do caos não-moderno que mais uma vez convulsionou e representa de algum modo ameaça ao Ocidente. Talvez neste sentido Bagdá tenha surpreendido a todos que tiveram acesso a imagens anteriores à guerra, ainda que por poucas horas antes dos ataques. Neste sentido, também, a imprensa brasileira pode se diferenciar das empresas de mídia internacionais ocidentais porque as cidades brasileiras e da América Latina em geral sofrem do mesmo olhar que não as considera modernas nem ordenadas.

Diante das considerações apresentadas, a cobertura da imprensa brasileira se parece mais com a cobertura internacional de grandes redes ocidentais quanto mais utiliza produtos prontos como textos de agências internacionais e fontes oficiais, resultando numa produção menos crítica à própria guerra. Essa crítica mais evidente ao conflito e aos atores que promovem a guerra aparece com mais força quando o jornal opta por produzir seus textos, seja através de correspondentes internacionais ou produções de jornalistas que estão nas suas redações no Brasil, possivelmente complexificando mais o processo de tradução das mensagens que chegam desses discursos oficiais e se deixando permear pela leitura da população envolvida no



conflito e da própria população brasileira que, diferente da norte-americana, não justifica a realização da guerra. Desse modo, também a imprensa brasileira se afasta da cobertura hegemônica internacional que aos poucos vai legitimando a Guerra do Iraque.

## **Capítulo 1**

### **Guerra do Iraque nas páginas do jornal**

## **A guerra sempre como mônada**

A guerra é o objeto principal que justifica esta análise e a busca por compreender os mecanismos que produzem a cobertura jornalística, levando em conta o conceito de guerra como um ato de violência que procura subjugar o outro e convencer a opinião pública de que os objetivos do conflito são nobres e justificados. “War therefore is an act of violence intended to compel our opponent to fulfill our will”<sup>22</sup>. Os acontecimentos da Guerra do Iraque analisados são os resultados de atos de violência e dos mecanismos armados e discursivos para buscar a vitória militar e interpretativa, com destaque fundamental para o modo como as representações da imprensa contribuem para o início, o desenvolvimento e o resultado da guerra. A construção desse olhar sobre a guerra resulta ainda da constatação de que a observação desse objeto, embora em contextos diferentes, já possui uma trajetória que ultrapassa a pesquisa atual e se liga a ela, assim como certas referências teóricas que acompanham as considerações formuladas sobre o tema da guerra.

Desde a dissertação de mestrado<sup>23</sup>, pesquisa anterior que resultou na análise das representações dos negros na Guerra do Paraguai, duas referências se mantêm como fios que conduzem a reflexão de ambos os temas daquele e deste texto: a guerra como objeto da pesquisa e a constante presença teórica de Walter Benjamin, ainda mais observando sua maneira de perceber o jornalismo, a guerra e a história e seu modo de construir o olhar sobre o tema e o contexto pesquisados do que propriamente pela citação de suas teorias. As teorias de Walter Benjamin sobre a guerra e a relação

---

<sup>22</sup> Carl Von Clausewitz, 1982 [1832] – p. 101.

<sup>23</sup> Vanessa Pedro, 2001 (Dissertação de Mestrado intitulada “Morte e liberdade na guerra do outro – os negros em narrativas sobre a Guerra do Paraguai”, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Profa. Dra. Alai Garcia Diniz, do Curso de Pós-Graduação em Literatura).

que ele estabelece entre cultura e barbárie já possibilitaram uma nova leitura sobre os acontecimentos e desdobramentos da Guerra do Paraguai, conflito que levou Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai a se enfrentar de 1864 a 1870, e da representação ou da invisibilidade da presença dos negros nos textos que narraram o acontecimento, desde os diários de comandantes até textos de jornais da época. Naquela guerra como nesta, permanece válida uma de suas mais importantes análises ao perceber as relações entre os conflitos bélicos e suas articulações, motivações e usos culturais: “Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”<sup>24</sup>. Em sua vasta obra sobre a guerra, ainda que na condição de participante ativo de conflitos armados ao mesmo tempo que um de seus principais comentaristas, Clausewitz também não acreditava que os conceitos de civilização e de progresso modificassem a definição da guerra como ato de violência. “The invention of gunpowder, the constant progress of improvements in the construction of firearms, are sufficient proofs that the tendency to destroy the adversary which lies at the bottom of the conception of war is in no way changed or modified through the progress of civilization”<sup>25</sup>. Esta é uma nova guerra, um conflito contemporâneo com conseqüências e destaque para a comunidade internacional incomparáveis à guerra brasileira do século XIX. São outros os excluídos e outras as vozes oficiais, mas esta guerra também pode ser analisada através da busca pelas ruínas do texto e da representação para construir um novo olhar e uma constelação interpretativa própria do pesquisador para analisar um acontecimento histórico tão atual.

Para Benjamin, a fila de vencidos é atualizada a cada nova guerra e a cada nova representação da realidade, construindo a idéia da cultura ligada a uma sucessão de barbáries justificadas em nome de um processo civilizatório e, no caso da Guerra

---

<sup>24</sup> Water Benjamin, 1985 [1940] – p. 225.

<sup>25</sup> Clausewitz, Carl Von, 1982 [1832] – p. 103.

do Iraque, da vitória da democracia. O autor elaborou um novo conceito de história, refletindo sobre as relações de forças que se repetem ao longo do tempo e que, segundo ele, deixam uma fileira de vencedores e vencidos. A própria declaração desta guerra contemporânea foi alvo da disputa da civilização contra a barbárie, evidenciando uma disputa de argumentos e de propósitos que justificaram o início de um bombardeio, acompanhado ao vivo por câmeras de todo o mundo. Sob o discurso do governo norte-americano, muitas vezes corroborado pela imprensa ocidental, de um lado se queria mostrar um país governado por um tirano que teria armas de destruição em massa prontas para alcançar o Ocidente e de outro um exemplo de nação democrática que propunha uma guerra preventiva em nome da manutenção da paz, dos princípios democráticos e da civilização. A barbárie contra a barbárie se concretizou a 20 de março de 2003 com os primeiros bombardeios sobre Bagdá.

As guerras aparecem em vários momentos da obra de Benjamin, como objetos de estudo e como exemplos nítidos do resultado bárbaro produzido pela cultura. Mais uma vez, a pesquisa parte da idéia de Benjamin para pensar a guerra também como mônada das relações de força e poder que constroem a história e o discurso dos vencedores. Os vencedores e vencidos de uma guerra são como uma amostra do que acontece ao longo da história. “Quando o pensamento pára, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhe comunica um choque, através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada”<sup>26</sup>. Para Benjamin, é pensando o objeto histórico como mônada que nos aproximamos dele, o que se traduz na idéia de que a utilização do conceito de mônada é “uma oportunidade revolucionária de lutar por um passado oprimido”.<sup>27</sup>

---

<sup>26</sup> Walter Benjamin, 1985 [1940] – p. 231

<sup>27</sup> *Idem.*

Tanto a Guerra do Paraguai, que ocupou a atenção de países periféricos na América do Sul no final do século XIX, quanto a Guerra do Iraque, ocorrendo entre a maior potência militar contemporânea e um país também periférico, mas importante fonte de riqueza natural, no Oriente Médio, foram palcos onde se utilizou o discurso da necessidade de levar a “civilização” àqueles que eram vistos como “bárbaros”. Com esse propósito, assim como milhares de soldados dos países que compunham a Tríplice Aliança deram corpo à guerra no Paraguai e ajudaram a construir um dos maiores mitos de formação do Estado brasileiro, soldados norte-americanos compuseram as filas do exército dos Estados Unidos para dar corpo à Guerra do Iraque e construir o importante mito de que os EUA produziram o conflito para espalhar a democracia e se consolidar como referência de civilização não apenas para o Ocidente, mas para outras partes do mundo. Em muitos momentos, a imprensa, como principal narradora do evento contemporâneo contribuiu para a construção deste discurso ou não se colocou como uma voz alternativa que demonstrasse essa construção discursiva, tampouco deu voz a esses soldados que na realidade da guerra foram descobrindo que não eram bem-vindos e esperados como salvadores. A construção do Brasil como nação e a criação de um exército nacional foram os despojos resultantes da Guerra do Paraguai, demonstrando o quanto a construção cultural brasileira está calcada em sua própria barbárie. Do mesmo modo que a democracia como principal característica da história e do presente norte-americano está ela também alicerçada em guerras que colocam em questão esta bipolaridade da civilização contra a barbárie, não apenas com uma dimensão continental ou nacional como a guerra protagonizada pelo Brasil, mas global.

Durante o período mais recente de ditadura no Brasil, que teve início com o golpe militar de 1964, o governo brasileiro se utilizou das glórias da Guerra do

Paraguai. Embora ainda faltem estudos sobre os usos que o governo militar e o exército brasileiro fizeram da Guerra do Paraguai durante a ditadura, é possível dizer que a postura pró-guerra do governo militar impediu que os pesquisadores brasileiros oferecessem maior contribuição para revisar a história da guerra, exatamente quando se completavam os cem anos de término do conflito, em 1970. O general Castelo Branco, presidente da República durante o ano de 1965, enviou uma carta ao presidente da Academia Rio-grandense do Livro agradecendo e fazendo elogios ao recém editado livro *Efemérides da Campanha do Paraguai*. Escreve o general: “Quero dizer que a obra merece encômios pela preocupação de analisar, em estilo escorreito, as principais ocorrências da Guerra do Paraguai e que a considero não só de interesse militar assim como de utilidade para os pesquisadores da nossa História nas comemorações do centenário daqueles feitos, que ora se celebram”<sup>28</sup>. Ao falar em comemorações é possível perceber o tipo de história que o militar brasileiro gostaria de ver contada pelos pesquisadores da “História” com letra maiúscula.

As falas e as atuações políticas do governo norte-americano em relação à Guerra do Iraque atuam de modo ainda mais imperativo, porque não se trata da postura pró-guerra de um governo cem anos após o conflito, mas da postura pró-guerra da instituição que na atualidade produz o conflito, contribuindo para dificultar interpretações que se oponham ou ponham em dúvida a necessidade da guerra. Se inicialmente a Guerra do Iraque é percebida pela imprensa como revide de ações organizadas contra os Estados Unidos, ao longo da cobertura ela vai se consolidando como possibilidade, realidade e necessidade, até que tempo demais tenha passado sem que as procuradas armas de destruição em massa sejam encontradas e que a guerra chegue ao fim. A imprensa norte-americana é novamente bombardeada, assim como a

---

<sup>28</sup> A carta do general Castelo Branco ao presidente da Academia Rio-grandense do Letras faz parte do acervo do Memorial do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, e foi analisada na Dissertação de Mestrado da autora.

imprensa mundial, com novos argumentos que continuam sustentando o discurso da civilização contra a barbárie, onde as armas de destruição em massa não se constituiriam mais como as ameaças principais do Iraque, mas a própria existência de um governo antidemocrático naquele país. Neste contexto, a imprensa brasileira, neste caso específico da análise, o jornal *Folha de S. Paulo*, por estar à margem desta área de influência direta do discurso governamental norte-americano e da identidade quase patriótica que tem influência sobre os jornalistas que cobrem as ações do exército e do governo do seu país já imersos na guerra, apesar de buscarem fazer parte da cobertura internacional da guerra, produzem narrativas críticas a essa mudança de argumentos sobre o mesmo binômio, civilização versus barbárie. Cabe aos interessados em fazer uma crítica da história, seguindo as indicações de Walter Benjamin, buscar por trás dos discursos simplificados e otimistas, as ruínas e os vencidos. “O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”.<sup>29</sup>

Para Benjamin, os vencidos de agora são herdeiros daqueles que foram dominados e excluídos ao longo da história, assim como também “os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão”.<sup>30</sup> Com essa tese, o autor relaciona os agentes históricos de todos os tempos e transforma todo monumento da cultura, os bens culturais, em despojos dessa constante guerra. No Brasil, a idéia de nação foi em muitos momentos construída sobre as vidas de milhares de soldados, muitos deles negros escravos, que participaram da guerra em troca da alforria ou em nome de um ideal de civilização e progresso. Até hoje, a história desses negros continua tendo

---

<sup>29</sup> Walter Benjamin, 1985 [1940] – p. 223.

<sup>30</sup> *Idem* – p. 225.



ressonância nos milhares de excluídos que ainda ocupam as favelas e os cortiços brasileiros. Do mesmo modo que as representações cotidianas da Guerra do Iraque, especialmente as construídas e difundidas pelos meios de comunicação, fazem parte de uma construção maior da hegemonia norte-americana contemporânea no mundo, de uma certa idéia de nação para os próprios norte-americanos e coloca os vencidos da guerra ao lado dos de outras guerras.

O que muda com esta guerra é que a idéia de nação construída dentro dos Estados Unidos e pelos meios de produção do discurso jornalístico naquele país em momentos determinados e importantes difere da imagem que outros meios de comunicação pelo mundo têm dos EUA em função da guerra e do próprio conflito, ainda que a condução principal de coberturas como a do jornal brasileiro em análise sirva também para colocá-lo entre as principais testemunhas e narradores do conflito ao lado de jornais de circulação mundial e, com isso, contribuir para construir determinadas idéias de nação dentro do próprio país de origem do periódico. A imagem que Benjamin cria para mostrar que a história da humanidade é construída sobre tragédias e aniquilações de diversos segmentos é a da guerra, tema que muitas vezes foi seu objeto de estudo. Benjamin acreditava que a guerra tinha se tornado um espetáculo. “Na época de Homero, a humanidade se oferecia em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma”<sup>31</sup>. Para o autor, junto com essa face espetacular, aguçada pelos avanços técnicos da parafernália de combate, vem a percepção da guerra como objeto do prazer estético, como manifestação do belo. O autor como testemunha principalmente dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, sendo inclusive vítima fatal desse conflito, falava de uma realidade que ainda não previa a transmissão da guerra ao vivo, mas já percebia a

---

<sup>31</sup> Walter Benjamin, 1985 [1935/1936] – p. 196.

construção desse desejo na sociedade. Na Guerra do Iraque, que aperfeiçoa uma tendência já iniciada pelas coberturas ao vivo da Guerra do Golfo e acontece depois da transmissão dos atentados de 11 de setembro em tempo real e ao vivo pelas emissoras de TV, a guerra é transmitida ao vivo como espetáculo midiático. A guerra estética aparece nos meios de comunicação desde os instantes que antecedem ao início do conflito, como demonstra a transmissão direto do gabinete do Presidente George W. Bush na Casa Branca da declaração de guerra, até o primeiro bombardeio também transmitido ao vivo por TVs de todo o mundo, inclusive brasileiras, e os momentos seguintes da ocupação do Iraque. Mas também como espetáculo televisivo garante audiência e interesse como fato capaz de ocupar as páginas dos jornais e os minutos dos telejornais por um tempo determinado, deixando de ser notícia mesmo que não tenha chegado ao final.

Benjamin discorre sobre o tema da guerra como espetáculo com indignação: “sua auto-alienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem”.<sup>32</sup> O autor explicita sua preocupação com a estetização da guerra e sua percepção dos meios de comunicação como instrumento político mais claramente no texto “A obra de arte da era da sua reprodutibilidade técnica”, ao definir o fim da aura através de meios de massa como o cinema. “Todos os esforços para estetizar a política convergem para um ponto. Esse ponto é a guerra. A guerra e somente a guerra permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes”<sup>33</sup>. Sua preocupação era de que as imagens retratassem o cotidiano e os verdadeiros dramas das pessoas e não construíssem novos mitos, novos rituais e novas auras. “A chapa fotográfica, por exemplo, permite uma grande variedade de cópias; a questão da autenticidade das

---

<sup>32</sup> Walter Benjamin, 1985 [1935/1936] – p. 196.

<sup>33</sup> *Idem* – p. 195.

cópias não tem nenhum sentido. Mas, no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política”<sup>34</sup>. Mas em nome da guerra, tanto os negros brasileiros tornaram-se soldados e engrossaram as fileiras do exército nacional para representar um país que sempre os colocou na condição de escravos quanto os latino-americanos ocupam os batalhões que foram ao Iraque em nome do governo dos Estados para ganhar um soldo, aumentar a renda, sentirem-se parte de um projeto nacional ou levar a democracia a um país em barbárie. Como os negros brasileiros, soldados norte-americanos latinos vão a terras alheias para combater inimigos tão subalternos quanto eles. De volta da guerra, no caso da guerra brasileira, os sobreviventes não tiveram outro destino senão a pobreza dos cortiços e a marginalidade, ao passo que os latinos norte-americanos continuam fazendo parte de uma nação que os admira como ex-combatentes, mas que os discrimina como pertencentes à periferia e à pobreza.

Para o autor, a tradição dos oprimidos ensina que as pessoas vivem em constante “estado de exceção” e que é preciso “construir um conceito de história que corresponda a essa verdade”.<sup>35</sup> Benjamin explora, em sua obra *A Origem do Drama Barroco Alemão*<sup>36</sup>, esse conceito jurídico que ofereceu as bases para a teoria da soberania, que no século 17 serviu para legitimar a presença de um soberano com poderes absolutos quando há um estado de desordem, de caos, de exceção no país. Ele reflete em sua obra: “quem reina já está desde o início destinado a exercer poderes ditatoriais, num estado de exceção, quando este é provocado por guerras, revoltas ou outras catástrofes.”<sup>37</sup> Benjamin busca no século 17 e nos textos do acadêmico de

---

<sup>34</sup> Walter Benjamin, 1985 [1935/1936] – p. 195.

<sup>35</sup> Walter Benjamin, 1985 [1940] – p. 226.

<sup>36</sup> Walter Benjamin, 1984 [1925].

<sup>37</sup> *Idem* – p. 89.

direita, Carl Schmitt, uma teoria que explicasse o momento que, alguns anos depois, iria propiciar a subida de Hitler ao poder. Via com horror tudo o que poderia acontecer quando algum radical de direita resolvesse assumir a direção do país em bases ditatoriais, apoiado no julgamento de que se vivia um estado de caos, ao passo que Carl Schmitt justificava, com a teoria da soberania, a ascensão de Hitler. A mesma teoria que defende a escolha de um inimigo visível – no caso da Segunda Guerra os alvos foram judeus, ciganos, homossexuais e outros grupos – e ação em lugar de debater como na democracia representativa. “Prior to about the mid-1980s, when you were asleep you would just play the record: the Russians are coming. But he lost that one and he’s got to make up new ones, just like the Reaganite public relations apparatus did in the 1980s. So it was international terrorists and narco-traffickers and crazed Arabs and Saddam Hussein, the new Hitler, was going to conquer the world. They’ve got to keep coming up one after another” <sup>38</sup>. O autor identifica esta necessidade pela busca de um inimigo comum à nação, alterando as configurações, os motivos e os grupos que ocupam este lugar de alvo, como forma de controle da população interna através do medo. “You frighten the population, terrorize them, intimidate them so that they’re too afraid to travel and cower in fear. (...) That’s one of the ways in which you can keep the bewildered herd from paying attention to what’s going on around them, keep them diverted and controlled” <sup>39</sup>.

Após os atentados de 11 de setembro, que expôs a inabilidade de um governo eleito sob suspeita de fraude eleitoral ao mesmo tempo em que o proporcionou legitimidade e apresentou uma guerra fora dos padrões que colocam em confronto dois exércitos, o governo dos Estados Unidos passou a reforçar, seguindo uma construção cultural de décadas, a imagem de um inimigo contemporâneo árabe, capaz

---

<sup>38</sup> Noam Chomsky, 2002 – p. 44.

<sup>39</sup> *Idem*.

de conter em si a idéia de barbárie e ser visto como ameaça à soberania e à democracia norte-americana e ocidental. Construída a idéia e a face do inimigo, a guerra estaria justificada a ponto de não ser contestada em grande escala dentro dos EUA, o que não aconteceu no restante do mundo, cenário de manifestações anti-guerra poucas vezes vistas. Nas semanas que antecederam o início da guerra, em março de 2003, foram realizadas manifestações populares públicas em diversas cidades do mundo, incluindo latino-americanas e européias. Do mesmo modo que continuaram a haver grandes protestos mundiais em momentos importantes do conflito como o primeiro aniversário do início da guerra, em 2004. De Londres a São Paulo, passando por outras cidades, grandes e médias, houve importantes demonstrações de recusa à invasão do Iraque, que acompanharam o resultado de pesquisas de opinião que indicavam contrariedade da população de diferentes países à guerra.

Ainda que a idéia do inimigo comum tenha sido cada vez mais reforçada, a resistência não oficial à guerra e os debates a respeito de meios pacíficos para lidar com questões políticas e sobre as reações aos conflitos armados ficaram talvez mais evidentes e internacionalizados do que as alianças estatais forjadas para demonstrar que a guerra possuía respaldo da comunidade internacional. “I know myself that the kind of talks I give today in the most reactionary parts of the country – central Georgia, rural Kentucky, etc. – are talks of the kind that I couldn’t have given at the peak of the peace movement to the most active peace movement audience. Now you can give them anywhere. People may agree or not agree, but at least they understand what you’re talking about and there’s some sort of common ground that you can pursue”<sup>40</sup>. Mesmo dentro dos Estados Unidos, a reação contrária à guerra, ainda que

---

<sup>40</sup> Noam Chomsky, 2002 – p. 39.

não hegemônica, foi imediata e contundente, a ponto de autores como Chomsky declararem que estava sendo mais articulada e antecipada do que as manifestações contrárias à Guerra do Vietnã, que não ocorreram antes que o conflito tivesse início, mas apenas quando os caixões com filhos da classe média começaram a voltar ao país. “In the 1960s the dissident culture first of all was extremely slow in developing. There was no protest against the Indochina war until years after the United States had started bombing South Vietnam. When it did grow it was a very narrow dissident movement, mostly students and young people”<sup>41</sup>. O autor defende que na década percebida por muitos críticos como cética e sem a presença de um espírito de resistência a reação à guerra tem sido mais evidente e organizada do que nos períodos mais conhecidos de resistência cultural como nos anos de 1960 e 1970.

Em suas teses de *Sobre o Conceito de História*, Benjamin reflete sobre a resistência e desenvolve a idéia de originar um “verdadeiro estado de exceção”<sup>42</sup>, que fortaleceria a luta contra o nazismo. Essa afirmação de Benjamin está próxima da discussão e da defesa que o autor faz da revolução no texto *Crítica da Violência – Crítica do Poder*.<sup>43</sup> Benjamin é contrário à guerra pela guerra, realizada para manter a ordem existente celebrada sem sentido e baseada na repetição da luta de classes. Ele defende a guerra civil, que acaba com a guerra fútil e cria um espaço onde as pessoas se levantam para lutar contra sistemas como o fascismo. “Estes darão uma prova de sensatez quando se recusarem a ver na próxima guerra um episódio mágico e quando descobrirem nela a imagem do cotidiano; e, com essa descoberta, estarão prontos a transformá-la em guerra civil: mágica marxista, a única à altura de desfazer esse sinistro feitiço da guerra”.<sup>44</sup> Benjamin faz críticas ao conformismo, que leva as

---

<sup>41</sup> Noam Chomsky, 2002 – p. 38.

<sup>42</sup> Walter Benjamin, 1985 [1940].

<sup>43</sup> Walter Benjamin, 1986 [1921].

<sup>44</sup> Walter Benjamin, 1986 [1930] – p. 72.

parcelas com menos expressão política a se entregarem às classes dominantes como seu instrumento. A cena contemporânea vive uma guerra de versões, discursos e representações. Nessa guerra cotidiana e na Guerra do Iraque a imprensa tem papel fundamental, facilita versões oficiais assim como pode se construir como um espaço de resistência. Hobsbawm afirma que a democracia representativa com uma Constituição garantindo a propriedade e os direitos civis ganhou mais adeptos a partir do século XIX porque reduzia a atuação da população sobre as decisões políticas. “O povo comum tinha alguma participação na política dentro de limites que garantissem a ordem social burguesa e evitassem o risco dela ser derrubada”.<sup>45</sup> Para Hobsbawm, a classe média tinha medo da revolução social e concluiu que a democracia era inevitável, incômoda, mas inofensiva.<sup>46</sup> Nesses termos ela também é a principal moeda de troca e pretexto para legitimar a guerra no seu objetivo de impor a civilização contra a barbárie e nesse sentido é uma expressão incontestável inclusive nos meios de comunicação. Em nome da democracia a guerra foi declarada e aos poucos foi sendo legitimada e também em nome dela os jornais se posicionam em relação a diversas ações produzidas pelos vários atores envolvidos no conflito.

As reflexões de Benjamin estão sempre voltadas para a tentativa de redefinir o conceito de história e o papel do crítico. Para o autor, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’”<sup>47</sup>, mas reconhecê-lo como ele se apresenta naquele exato momento para que se deixe fixar.<sup>48</sup> Contemporaneamente, a imprensa é um espaço onde mais identificamos essa possibilidade de um “*flash*” sobre os acontecimentos, não porque se constitua como lugar do fragmento por definição, mas por acompanhar e reapresentar os eventos

---

<sup>45</sup> Eric Hobsbawm, 1997.

<sup>46</sup> *Idem*.

<sup>47</sup> Walter Benjamin, 1985 [1940] – p. 224.

<sup>48</sup> *Idem* – p. 224.

contemporâneos cotidianamente e se mostrar como narrador fundamental do presente e fonte essencial de pesquisa, conforme afirmou Edward Said, dos pesquisadores que constroem interpretações sobre o século XX e a atualidade. Conforme Benjamin, em relação à história esse reconhecimento se dá na medida em que o passado tem algum ponto de contato com o presente. O passado chega até o presente como a luz de uma estrela que morreu há milhares de anos ou do “*flash*” de uma câmera fotográfica. Benjamin acredita que essa luz que vem do passado é a esperança, que o pesquisador tem o dom de despertar e que tem o poder de colocar os mortos (os vencidos) em segurança.<sup>49</sup>

Do mesmo modo que as construções discursivas da imprensa sobre a guerra têm relação direta com conceitos prévios de conflitos produzidos anteriormente entre países, de ameaças históricas, de inimigo, de civilização, de barbárie, de progresso e uma idéia mesmo de passado que é reconhecida pela leitura do presente. O passado mítico norte-americano é construído, inclusive através dos meios de comunicação, como uma história do desenvolvimento da democracia e do progresso, ao passo que o Oriente Médio é o lugar do conflito, do autoritarismo, da ameaça e das personalidades que se desenvolvem, não como expressão do indivíduo bem-sucedido ou do *self-made man*, mas acima da nação e a utilizando para ter poder.

Essas idéias de história e de passado refletem os caminhos que a cobertura jornalística vai tomar para relatar o presente, posicionando-se de maneiras diferentes dependendo da relação que cada veículo, vindo de cada país, região, povo e cultura tem com os envolvidos com a guerra, com o que já realizou diretamente em relação às regiões que fazem parte do conflito, com os agentes que promovem a guerra. A partir das reflexões de Benjamin, é possível tanto afirmar que o passado é construído em

---

<sup>49</sup> Walter Benjamin, 1985 [1940] – p. 224.



função de uma idéia de presente que percebe a história de determinadas maneiras quanto dizer que o presente é também percebido e relatado a partir do modo como os atores contemporâneos vêem o passado. Desse modo, os mitos e as impressões construídas, mesmo na história recente sobre os habitantes do Oriente Médio, são visões fundamentais que ajudam a construir opinião e discursos sobre os motivos, objetivos e conseqüências da guerra naquela região. Assim como os conceitos e impressões historicamente construídos que cada região tem da história e da atuação política norte-americana ajudam a formar o relato da guerra como um todo e em relação aquele país.

Neste sentido, as interpretações e construções do presente, inclusive na imprensa, se modificam, variam e podem também contribuir para relativizar a tendência de um discurso global que seguiria os padrões de uma cobertura internacional homogênea, ainda que veículos locais tentem buscar de algum modo essa interpretação global para se verem inseridos na elite do jornalismo internacional. Quando essa interpretação global se confronta com interpretações regionais ela já não sobrevive mais da mesma maneira, mas se transforma ou perde para idéias fortemente construídas naquela região. Dessa maneira, ainda que exista uma interpretação emitida de um centro de poder como a imprensa norte-americana, que circula e influencia textos jornalísticos pelo mundo, que na maior parte das vezes percebe os Estados Unidos como potência democrática que ajuda a levar a civilização pelo mundo em lugar da barbárie, em países como o Brasil, com uma história de influência política, econômica e cultural sempre haverá momentos no discurso local de assimilação e de recusa desta visão de mundo.

## **FSP (20 de março de 2003): a primeira edição da guerra**

O jornal *Folha de S. Paulo* foi o único periódico brasileiro a enviar jornalistas para realizar cobertura jornalística da Guerra do Iraque. Este é um dos fatores principais para que o jornal seja o foco da pesquisa, implicando na análise da sua produção jornalística no período em que seus correspondentes estiveram no país em guerra, especialmente os textos e imagens da primeira semana. Inicialmente a *Folha de S. Paulo* enviou dois jornalistas – um repórter de texto e um repórter fotográfico<sup>50</sup> – para realizar uma reportagem especial para a edição de domingo, prevendo uma permanência de aproximadamente 15 dias no Iraque, reportando a situação do país que sofria a ameaça iminente de entrar em guerra. Segundo o repórter fotográfico enviado pelo jornal à época, Juca Varella<sup>51</sup>, a possibilidade de ir ao Iraque surgiu no final de janeiro de 2003 como um convite do veículo e não como uma pauta determinada já que se tratava de um local de risco num momento em que poderia ocorrer um conflito bélico. “Não se trata de uma pauta. Tem que haver a plena vontade do repórter”<sup>52</sup>, afirmou Varella. Aceito o convite, iniciaram, conforme relato do repórter, os preparativos para a viagem, que ocorreria no início de março.

Neste período acirravam-se os ânimos entre os dois países, o governo dos Estados Unidos ameaçava invadir o país, as mobilizações contra a guerra aconteciam, em diversas cidades do mundo, inclusive no Brasil, e os veículos de comunicação já publicavam notícias diárias sobre uma possível guerra. Os dois jornalistas realizaram alguns preparativos como pesquisa sobre a geografia e a política da região, os motivos

---

<sup>50</sup> O jornal *Folha de S. Paulo* enviou para a cobertura da Guerra do Iraque os jornalistas Sérgio Dávila e Juca Varella.

<sup>51</sup> Juca Varella proferiu palestra durante a V Semana de Jornalismo, organizada pelos alunos do Curso de Jornalismo da UFSC, de 31 de julho a 04 de agosto de 2006 no Campus da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>52</sup> *Idem.*

do conflito, as opiniões das partes envolvidas; levantamentos dos materiais necessários para a segurança e a realização da cobertura e um planejamento de como reportar e publicar o que iriam cobrir, que até então ainda não era a guerra. Conforme relato do repórter fotográfico, a dupla, que partiu para a cobertura internacional na metade de março, fez uma escala em Londres para comprar ou alugar equipamentos de segurança como coletes à prova de balas de fuzil e telefone celular satelital para transmitir imagens e textos a partir do Iraque, que facilitaria o deslocamento dos profissionais e garantiria a transmissão das informações em condições adversas. Varella contou que ainda em Londres recebeu do jornal orientação para acelerar a partida para Bagdá e transformar o planejamento inicial da matéria especial de domingo em cobertura de guerra porque os Estados Unidos haviam dado um ultimato de 48 horas ao Iraque, significando o início do conflito caso o governo iraquiano não entregasse supostas armas de destruição em massa (ADM) apontadas pelo governo norte-americano como motivo inicial para o conflito, junto com a acusação de que o governo de Saddam Hussein estivesse de algum modo ligado com a realização dos ataques de 11 de setembro de 2001 contra Nova York.

O prazo venceria em 20 de março de 2003. Decidido o novo rumo da cobertura e antecipando o deslocamento para o Iraque, já como correspondentes de guerra e não apenas como repórteres especiais, os jornalistas começaram um deslocamento da Europa para o Oriente Médio, entrando no Iraque, de carro, através da Jordânia, com visto jordaniano e iraquiano, sem anuência norte-americana nem aguardando para acompanhar as tropas dos EUA como fez grande parte dos jornalistas que vinham de fora da região do conflito. Os jornalistas da *Folha de S. Paulo*, segundo relato do repórter fotográfico e registro dos dois enviados em

publicação realizada posteriormente sobre a cobertura da guerra<sup>53</sup>, chegaram a Bagdá após 14 horas numa viagem de carro da fronteira da Jordânia até a capital do Iraque, no dia 19 de março após às 22 horas (horário local). Os primeiros bombardeios iniciaram sobre Bagdá, primeiro alvo oficial da guerra, na madrugada do dia 20, conforme o horário do Iraque e ainda dia 19, em horário brasileiro. A partir da chegada a Bagdá, de onde transmitiram as primeiras informações do começo da guerra e, de acordo com Varella, enviaram junto com um fotógrafo francês as únicas imagens capturadas do primeiro conjunto de mísseis sobre a cidade, produziram textos e fotos diários sobre a guerra durante quase um mês.

Na edição nacional do dia 20 de março, distribuída para parte do território incluindo assinantes e bancas de Santa Catarina, o jornal brasileiro já saía às bancas com a guerra iniciada, mas o seu fechamento e impressão ocorreram sem que a guerra efetivamente pudesse ser anunciada. No Iraque os bombardeios começaram por volta das 5h30 da manhã do dia 20 de março e, no horário brasileiro, em torno da meia-noite do dia 19, deixando aos jornais impressos a dúvida quanto ao início dos combates e a possibilidade de saírem às ruas com notícias desatualizadas, ainda que com a certeza de que em algum momento a guerra começaria. Embora a possível Guerra do Iraque tenha sido a principal notícia daquela edição, ocupando quase a totalidade da capa, ocupando cinco das nove manchetes, inclusive a principal, sendo tema das duas fotos que compunham a página e de praticamente todas as reportagens, artigos e análises do caderno de notícias internacionais “Mundo” e a capa do caderno de cultura “Ilustrada”, no momento da primeira venda dos jornais ou envio aos assinantes, o início do conflito já havia sido transmitido ao vivo pelas TVs e estava na internet, inclusive na versão eletrônica do jornal.

---

<sup>53</sup> Sérgio Dávila e Juca Varella, 2003.

A manchete da primeira versão impressa demonstrava a probabilidade do bombardeio da noite anterior, mas não dava conta do início dos ataques: “EUA avançam; em silêncio Bagdá aguarda bombardeio”<sup>54</sup>; acompanhada da frase de apoio sobre o título, demonstrando a mesma indefinição em função da diferença de horário e da incerteza do conflito (“20 mil homens e 10 mil tanques se aproximam da fronteira; na capital, poucos soldados guardam as ruas desertas”<sup>55</sup>). O enviado especial do jornal ao Iraque já fazia parte da cobertura a partir de Bagdá, onde havia chegado no dia 19, ainda durante o dia no horário brasileiro, enquanto a edição da *Folha de S. Paulo* do dia 20 ainda estava sendo produzida. Ele produziu uma matéria, que foi anunciada no texto principal da capa junto com a matéria do enviado especial do jornal a Washington (EUA)<sup>56</sup>, que tratava da expectativa dos iraquianos em relação ao ultimato de 48 horas do presidente norte-americano e não da guerra iniciada, demonstrando também a própria expectativa da imprensa quanto à realização da guerra. A matéria começava: “A menos de duas horas do prazo final dado pelo presidente George W. Bush para que Saddam Hussein deixasse o Iraque ou enfrentasse a guerra, Bagdá esperava o ataque temerosa, mas em silêncio. A cerca de 600 km, tropas americanas e britânicas se aproximam da fronteira iraquiana pelo norte do Kuait”<sup>57</sup>.

A espera e a indefinição tomaram mais ainda a imprensa, que aguardava em seus países, nos Estados Unidos e no Iraque o fim do ultimato e o possível início dos combates a menos que alguma ação dos governos norte-americano ou iraquiano mudasse o rumo dos acontecimentos. Essa indefinição, agravada pelo fato do jornal

---

<sup>54</sup> Manchete principal da edição nacional entregue aos assinantes de SC do jornal *Folha de S. Paulo* em 20 de março de 2003.

<sup>55</sup> Linha de apoio da manchete principal da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003.

<sup>56</sup> Em Washington, nesta edição, o enviado especial da *Folha de S. Paulo* era Fernando Canzian.

<sup>57</sup> Primeira página do “Caderno Mundo”, de notícias internacionais, da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A15.

não poder anunciar nenhuma informação definitiva já que poderia estar nas bancas após os primeiros bombardeios, de algum modo foi transferida à população iraquiana que, evidentemente, também esperava por definições de governos, não apenas o seu, mas também estava, segundo a reportagem, silenciosa porque o repórter observava uma grande cidade, que era Bagdá, durante a madrugada. O segundo parágrafo do texto inicia: “Nas ruas vazias e iluminadas da capital, por volta das 2h15 de hoje (20h15 de ontem em Brasília), poucos carros, a maioria velhos Passats brasileiros, faziam as últimas viagens antes de se recolherem às casas ou irem para o interior, teoricamente mais seguro”<sup>58</sup>.

O silêncio fazia parte da noite de Bagdá e poderia, confirmadas as expectativas, contrastar profundamente com o barulho insano dos bombardeios e de outros armamentos de guerra, enquanto que o “temor” noticiado era um adjetivo presente em qualquer momento de risco e possibilidade de morte, mais do que uma conclusão tirada dos relatos apresentados no restante da matéria. Diferente do clima evidente de um momento pré-guerra, onde a tensão e o medo prevalecem, é a declaração inserida no texto mais adiante, de um iraquiano que pretende levar uma vida normal até que o conflito comece, se ele vier. Mas o sinal de aparente normalidade não ganha destaque nas principais manchetes da edição, aparecendo no meio do texto do correspondente como mais um sinal de provocação do regime iraquiano, que mantém a cidade iluminada, do que de atitude da população. “A ausência de blecaute nas ruas da cidade seria mais um desafio de Saddam à guerra de Bush. ‘Não mudamos nosso dia-a-dia’, disse um balconista de loja. ‘Se a guerra vier? Vamos para o abrigo’, respondeu em inglês”<sup>59</sup>, diz trecho da matéria do correspondente do jornal. A ênfase da matéria é a expectativa silenciosa da cidade, a

---

<sup>58</sup> Primeira página do “Caderno Mundo”, de notícias internacionais, da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A15.

<sup>59</sup> “Caderno Mundo” da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A15.

descrição das ruas durante a noite e a presença do medo, descrito em depoimentos mais pelos que estavam fora da cidade e pelo próprio jornalista que acabara de chegar a Bagdá do que por qualquer morador que esteja presente na matéria. O texto que acompanhou a iminência da guerra e a cidade à noite, sem ter condições de falar do início do conflito, se valia do ambiente noturno e deserto da cidade e da expectativa evidente anterior a uma guerra: “Nas esquinas, soldados solitários armados com fuzis AK-47, com cabos de madeira desgastados, cumpriam a sua ronda habitual, substituídos, em turnos, por outros soldados solitários. Não havia presença pública maciça do Exército e de armas pesadas ou manifestações populares de qualquer espécie”. O silêncio e o temor destacados no texto do correspondente são utilizados separadamente na capa do jornal. No trecho do texto publicado na capa que chama a matéria interna do “Caderno Mundo”, o destaque é o temor da população: “A menos de duas horas do prazo final dado por George W. Bush para que Saddam Hussein deixasse o Iraque ou enfrentasse a guerra, a capital Bagdá esperava temerosa” <sup>60</sup>; enquanto que o silêncio, que também era o silêncio e expectativa da imprensa escrita diante da falta de notícias factuais sobre o início do conflito, foi para a manchete principal: “EUA avançam; em silêncio Bagdá aguarda bombardeios” <sup>61</sup>.

As imagens da edição nacional, especialmente, as duas fotos publicadas na capa, que acompanhavam inclusive a matéria enviada de Bagdá, mostravam as expectativas sem ação dos dois lados do conflito, mas não seguiam as observações e depoimentos colhidos diretamente pelo repórter da *Folha de S. Paulo* em Bagdá. A edição nacional de 20 de março que chegou primeiro às bancas do país não publicou nenhuma imagem do repórter fotográfico que também estava no Iraque, preferindo selecionar para a capa duas fotos de agências internacionais de notícias como a

---

<sup>60</sup> Matéria de capa da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A15.

<sup>61</sup> Manchete principal da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A15.

*Associated Press* e a *France Presse*. A foto principal da capa é de John Moore, da *Associated Press*, que ocupa na horizontal toda a parte superior da página e mostra soldados norte-americanos agachados sob forte tempestade de areia. Na legenda relacionada a essa imagem aparece a primeira menção, que certamente determinou a escolha pela foto, a um aspecto religioso do evento, se referindo ao exército dos EUA e não apenas aos iraquianos ou outros habitantes do Oriente Médio comumente relacionada a este aspecto pela imprensa internacional. A legenda diz: “Sob tempestade de areia, americanos rezam antes de seguir para a fronteira iraquiana” <sup>62</sup>.

A segunda imagem de capa da primeira edição nacional do jornal, de Karim Sahib, da agência de notícias *France Presse*, publicada logo abaixo da primeira foto e da manchete principal, mostra um iraquiano com um fuzil posicionado atrás de uma barricada feita com sacos de areia, com uma mesquita a sua frente, ao fundo da foto e do lado oposto da rua. A legenda que acompanha a foto diz: “Iraquiano monta barricada de sacos de areia em rua de Bagdá, horas antes do prazo dado pelos EUA expirar” <sup>63</sup>. A imagem diurna mostra ainda carros de passeio e um ônibus transitando no local, misturando o cotidiano da cidade com o preparativo para a batalha, mas não fica claro se o iraquiano da foto é um soldado. De lado na foto, o homem aparenta vestir uma farda mas não utiliza, além do próprio fuzil e da própria proteção da barricada, nenhum outro equipamento de ataque ou proteção como capacete utilizado pelos soldados norte-americanos da foto principal. Um aspecto que aparece na composição das duas únicas imagens publicadas na capa é a religião, mostrando em uma a oração dos soldados norte-americanos, cuja única menção é a legenda, sem esclarecer a religião praticada pelos componentes da tropa, mas considerando a maioria das declarações da confissão religiosa dos EUA, demonstra uma fé cristã, e

---

<sup>62</sup> Legenda de foto de capa da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003.

<sup>63</sup> Legenda da segunda foto de capa da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003.



na outra foto um iraquiano que está pronto a defender com seu fuzil o país e a religião muçulmana através da imagem da mesquita. Então, sem produzir, além da legenda, nenhuma outra referência textual, aparece através das imagens um possível conflito religioso que oficialmente não aparece nas motivações da guerra, mas que permeia os debates políticos dos conflitos que envolvem os EUA e países ou instituições do Oriente Médio. O aspecto novo nesta edição de imagens é que abandona a idéia comum de que o Ocidente é o lugar da razão, onde a religião não interfere nas práticas e decisões políticas e militares, defendendo apenas os interesses da democracia, enquanto o Oriente Médio aparece como o lugar da fusão entre religião e política. De certo modo as imagens admitem o aspecto religioso nos bastidores da guerra, mas o faz para ambos os atores, com a mesquita ao fundo da foto no Iraque e com os soldados ajoelhados rezando.

Apesar de, neste primeiro dia da chegada de seus enviados a Bagdá, nenhuma das imagens desta primeira edição nacional ter sido produzida pelo repórter fotográfico da *Folha de S. Paulo* no local, de todas as matérias e informações selecionadas o jornal destacou o texto e as observações de seu jornalista de texto enviado, fazendo desta presença o diferencial da cobertura. Na primeira de três edições publicadas pelo jornal no dia 20 de março, primeiro dia da Guerra do Iraque, a *Folha de S. Paulo* organiza nas suas páginas uma série de assuntos, pautas, versões, enfoques e fontes de informação, que são as diretamente recolhidas por seus jornalistas, como o depoimento do vendedor entrevistado por Sérgio Dávila, em Bagdá e também texto, informações e imagens em diferentes formatos como reportagens, matérias, artigos de opinião, vindos de agências, jornais e revistas internacionais; da redação da *Folha* no Brasil; e de correspondentes e colaboradores em outros países.

Nesta escolha do que publicar, do que produzir por conta dos profissionais do jornal, do que selecionar de outros veículos, de quem ouvir, a quem dar voz e do que privilegiar consiste o embate de versões e de pontos de vista produzidos no interior do jornal, que constroem a cobertura como um todo do periódico. Na capa do jornal há chamadas para matérias do jornalista Roberto Dias, escrevendo a partir de Nova York, sobre as repercussões de uma possível guerra dos Estados Unidos contra o Iraque na cidade que passou pelos atentados de 11 de setembro, evento a partir do qual se desencadeou a parte mais agressiva da política internacional e militar do governo norte-americano; outra sobre a reação da Organização das Nações Unidas (ONU) e do seu Secretário Geral, Kofi Annan, também escrita por jornalistas da *Folha de S. Paulo* em Nova York; uma terceira a respeito da recusa do presidente iraquiano em deixar o país e aceitar ofertas de exílio feitas por países do Oriente Médio, produzida pela redação brasileira do jornal, com informações de agências internacionais; e uma última chamada na capa de artigo, publicado em mais de meia página do “Caderno Mundo”, de autoria do escritor Eduardo Galeano, que desafia o leitor a responder se “Bush é o presidente do mundo?”<sup>64</sup>.

No “Caderno Mundo”, principal editoria que publica notícias internacionais e as informações sobre a guerra, além das matérias que receberam destaque na capa do jornal, foram publicados vários outros textos e imagens de diferentes procedências. Há matérias produzidas pela redação brasileira, em geral com informações compradas de agências internacionais, que são verdadeiras redações com repórteres e fotógrafos espalhados por diversos países e muitas vezes garantem informações, em geral factuais, que os jornais não têm por falta de estrutura para dispor de jornalistas em mais lugares e buscarem eles as falas, as opiniões e as informações. Com um enviado

---

<sup>64</sup> Título da chamada do artigo de Eduardo Galeano na capa da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003. O artigo foi reproduzido no Caderno “Mundo” a partir da agência Envolverde com o título “A guerra: curiosidades” – p. A21.

apenas, e que acabara de chegar a Bagdá, o jornal monta sua primeira edição do início da guerra com textos e informações de várias fontes e sobre vários aspectos e envolvidos. Mais duas matérias, com informações de agências internacionais e redigidas na redação de São Paulo tratam de uma declaração pública de lealdade a Saddam Hussein por parte do parlamento iraquiano (“Parlamento declara lealdade a Saddam”<sup>65</sup>; “Principais lideranças iraquianas permanecem leais ao ditador e rejeitam ultimato iraquiano; vice nega deserção”<sup>66</sup>) e outra sobre a decisão de um país vizinho oferecer asilo político a Saddam Hussein (“Bahrein, aliado dos EUA, oferece asilo ao ditador”<sup>67</sup>). De outra agência internacional, assinada diretamente pela *Reuters* e não apenas com informações retiradas da agência e reescritas na redação, foi publicada matéria nesta edição sobre a imagem dos EUA pelo mundo. Com gráfico comparando a popularidade dos Estados Unidos em sete países em 2002 e 2003, o texto apresenta a queda da avaliação positiva dos países, que teria ocorrido até entre seus apoiadores (“Imagem dos Estados Unidos fica arranhada até entre seus aliados”<sup>68</sup>).

Ao lado dos textos e informações de agências internacionais, de matérias produzidas com fontes no Brasil e enviados aos Estados Unidos, o jornal, ainda na primeira edição de 20 de março, publica matérias de jornais internacionais e artigos de opinião críticos à guerra como a matéria do jornal inglês *The Independent*, escrita pelo jornalista Robert Fisk, e os artigos de Eduardo Galeano (“A guerra: curiosidades”<sup>69</sup>), com mais destaque e ocupando  $\frac{3}{4}$  da página, e de Michael O’Hanlon, publicado originalmente no jornal norte-americano *Financial Times* (“Saddam será derrotado

---

<sup>65</sup> Título de matéria da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A17.

<sup>66</sup> Subtítulo de matéria da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A17.

<sup>67</sup> Título de matéria da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A17.

<sup>68</sup> Título de matéria da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A19.

<sup>69</sup> Título de artigo de Eduardo Galeano publicado na *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A21.

em terra”<sup>70</sup>). O texto de Fisk, conhecido jornalista, que divide sua permanência entre Londres e Beirute, e sabidamente crítico à iniciativa de guerra, é escrito de Bagdá e trata da situação cotidiana dos moradores da cidade, que tiveram que mudar sua rotina e começar a estocar alimentos enlatados assim como o repórter (“Iraquianos fazem estoque e fecham lojas”<sup>71</sup>), enquanto os outros dois textos citados são artigos de opinião e análise escritos por um pesquisador e um romancista, de opiniões divergentes sobre o conflito.

Para analisar a primeira edição da cobertura da Guerra do Iraque há mais um elemento a considerar, ocorrido em função da velocidade, que acomete as iniciativas de guerra e, principalmente, a prática jornalística. Para Paul Virilio, velocidade e guerra estão intimamente relacionados. “A velocidade é a esperança do Ocidente. É que sustenta o moral dos exércitos”<sup>72</sup>. Conforme o autor, é necessário numa guerra que se garanta a velocidade do assalto e se esteja em movimento. Na disputa das narrativas sobre a guerra, que através da mídia internacional tem acesso à única forma de guerra que chega às pessoas confinadas na condição de espectadores, a velocidade da divulgação da declaração e das ações oficiais estão no cerne do trabalho jornalístico diário. A capa da primeira edição da *Folha de S. Paulo* teve três versões no mesmo dia em função da declaração de guerra, da diferença de horário entre o Iraque, local da guerra, os Estados Unidos, local da declaração e da ação que iniciou o conflito e o Brasil, lugar da cobertura em questão. A versão completa da primeira edição analisada nesta pesquisa trata da primeira versão nacional que circulou na maior parte do país, incluindo os assinantes do jornal em Santa Catarina, na manhã do dia 20 de março de 2003, que ainda não continha o início da guerra e os primeiros

---

<sup>70</sup> Título de artigo de Michael O’Hanlon publicado na *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A21.

<sup>71</sup> Título de matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A17.

<sup>72</sup> Paul Virilio, 1996 – p. 63.

ataques norte-americanos. Mais uma edição nacional foi às ruas no mesmo dia, mantendo a incerteza do ataque e a manchete que esperava a guerra, mas não afirmava o ataque (“EUA avançam; em silêncio, Bagdá aguardo bombardeio”<sup>73</sup>), mas com a presença de uma foto enviada pelo correspondente do jornal no Iraque que não participava da primeira edição. A foto do repórter fotográfico Juca Varella passa a ocupar lugar de maior destaque da capa, sendo publicada acima da manchete que não mostrava qualquer mudança no movimento da guerra. A imagem escolhida mostra avenidas da capital do Iraque à noite vistas da janela do hotel onde os dois jornalistas da *Folha de S. Paulo* haviam se hospedado recentemente na noite anterior. A foto dos soldados norte-americanos de joelhos rezando passa para o lugar de segunda imagem da capa, sendo descartada a imagem do iraquiano atrás da trincheira nas ruas de Bagdá na tarde anterior. Na ação da guerra, a capa mantém a mesma espera e a mesma linha narrativa, modificando o intérprete do acontecimento na medida em que valoriza a presença de um repórter de imagens seu na cena da futura batalha, assim como já vinha dando destaque ao repórter de texto que já havia conseguido enviar uma matéria do local.

A grande mudança narrativa acontece na publicação da terceira capa do dia, restrita a uma edição que circulou em São Paulo no dia 20 de março de 2003. A maioria dos textos das edições anteriores é modificada e as duas fotos são mais uma vez alteradas não apenas de lugar mas substituídas. Em letras maiúsculas, diferente das manchetes anteriores e normalmente publicadas pelo jornal, a nova manchete já traz a ação da guerra: “EUA ATACAM IRAQUE”<sup>74</sup>. No subtítulo, também com destaque, a descrição da ação que desencadeou o conflito com referências aos

---

<sup>73</sup> Manchete principal da capa da segunda edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003, à disposição nos arquivos eletrônicos do jornal. A primeira edição nacional não está disponível na versão eletrônica.

<sup>74</sup> Manchete principal de capa da edição da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 em circulação em São Paulo, à disposição nos arquivos eletrônicos do jornal.

presidentes dos dois países envolvidos. “Bush lança bombardeio a alvos específicos em Bagdá às 23h35; na TV, Saddam promete humilhar o inimigo” <sup>75</sup>. As duas imagens que acompanham a nova manchete excluem corpos humanos para se concentrar nas máquinas que fazem a guerra e na destruição em Bagdá. A primeira imagem mantém o destaque para a produção do enviado do jornal que é um dos únicos fotógrafos a registrar as primeiras bombas em Bagdá, ainda que não tenha tanto impacto visual já que mostra a cidade às escuras e um pequeno foco de incêndio sobre um prédio ao fundo. Mas o critério de diferenciação é a presença do repórter no local onde os eventos estão acontecendo em detrimento de uma imagem que deveria circular pelos jornais do mundo todo caso seja produzida por agências internacionais de notícias. A segunda imagem mostra o momento de um lançamento de míssil a partir de um porta-aviões, produzida por agências internacionais, que mostram supostamente de onde saem as bombas que Juca Varella flagrou caindo sobre o Iraque. Os textos da capa também são outros. São descartadas as chamadas das matérias que falam dos gastos com segurança em Nova York e do artigo de Eduardo Galeano criticando o presidente norte-americano, um texto sobre política interna brasileira, um de esportes e o índice do jornal. São mantidas duas matérias sobre economia e polícia no Brasil e o anúncio de uma revendedora da Ford. São adicionados textos que tratam já do início do conflito. Em especial uma matéria que descreve os primeiros momentos dos bombardeios. “Às 5h35 de Bagdá (23h35 de Brasília), os EUA iniciaram a guerra contra o Iraque para derrubar Saddam Hussein. Nas ruas desertas da capital do país, foram ouvidas sirenes, explosões e som de baterias antiaéreas” <sup>76</sup>.

---

<sup>75</sup> Subtítulo da manchete principal de capa da edição da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 em circulação em São Paulo.

<sup>76</sup> Início da matéria de capa da edição local da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003.

## **O desejo de ser parte da cobertura mundial**

Stuart Hall, ao analisar os meios de comunicação, cultura e linguagem, se detém no estudo dos processos de produção da informação e da relação de poder existente entre o produtor e o receptor da notícia. Ao lado de outros autores que analisam os sistemas de comunicação, o autor recusa um modelo tradicional de transmissão da informação que define a comunicação de uma forma linear, seguindo um fluxo unidirecional, onde o emissor origina a mensagem, ela própria bastante unidimensional, e o receptor a recebe – modelo que implica num conceito de comunicação perfeita. “A única distorção nela é que o receptor pode não estar em condições de captar a mensagem que deveria captar. Mas se ele ou ela fosse mais inteligente e alerta o suficiente, obviamente não existiria nenhum problema com o significado”<sup>77</sup>. Para o autor, a mensagem é percebida por cada leitor, não individualmente, mas compartilhada e definida pelo seu pertencimento a uma instituição. “As leituras que você faz surgem da família em que você foi criado, dos lugares onde trabalha, das instituições a que pertence, das suas outras práticas”<sup>78</sup>, ao pertencimento do leitor a uma comunidade interpretativa, ainda que o autor admita não utilizar este termo. Com isso, Hall, seguindo uma linha de pesquisa já bastante desenvolvida por pesquisadores de comunicação no mundo todo, defende que a interpretação varia a cada leitura e não depende exclusivamente das intenções ou das estratégias do codificador, mas do momento histórico, do lugar político e ideológico do leitor, da sua formação intelectual e da sua experiência, considerando que “a noção de sentido sempre possui várias camadas” e que o “significado não é fixo”<sup>79</sup>. Partindo

---

<sup>77</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 354.

<sup>78</sup> *Idem* – p. 378.

<sup>79</sup> *Idem* – p. 354.

desta visão contestadora de Hall, esboçada no início dos anos 1980, as contribuições mais importantes para a presente análise da imprensa brasileira e a guerra são a defesa de dois níveis de significação e a definição do conceito de leitura preferencial.

Na primeira discussão, o autor define a existência de dois níveis de significação, cujo primeiro seria um “processo contínuo de significação do mundo cultural e ideológico, que está sempre significando e resignificando”<sup>80</sup> em um processo sem fim. Hall se aproxima do conceito de senso comum de Antoine Compagnon<sup>81</sup>, também destacado por Jonathan Culler, que o alarga e o define como uma construção histórica a respeito da qual a teoria tem a função de criticar e de demonstrar as maneiras pelas quais ela é historicamente construída<sup>82</sup>. “A teoria é muitas vezes uma crítica belicosa de noções de senso comum; mais ainda, uma tentativa de mostrar que o que aceitamos sem discussão como ‘senso comum’ é, de fato, uma construção histórica, uma teoria específica que passou a nos parecer tão natural que nem ao menos a vemos como uma teoria”<sup>83</sup>. Hall propõe uma noção de significação em geral, não como blocos de concreto, os signos, que são trabalhados e reproduzidos pelos meios de comunicação, mas como um senso comum geral, resignificado por “práticas significantes específicas” dentro das instituições de comunicação. “O repórter está captando algo do mundo pré-significado com o objetivo de significá-lo de uma nova maneira”<sup>84</sup>. Seguindo a abordagem proposta por Hall, as reportagens e escolhas da cobertura do jornal *Folha de S. Paulo* são percebidas e analisadas, como espaços para práticas que resignificam, reforçando ou opondo-se ou negociando com um conceito geral ou senso comum a respeito daquele assunto, muitas vezes resignificado anteriormente por redes midiáticas internacionais.

---

<sup>80</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 362.

<sup>81</sup> Antoine Compagnon – p. 21.

<sup>82</sup> Jonathan Culler, 1999 – p.14.

<sup>83</sup> *Idem.*

<sup>84</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 364.



Há momentos da cobertura da guerra em que é possível perceber as três reações do jornal, definidas por Hall, em relação a conceitos estabelecidos pelo senso comum ou por um discurso hegemônico da imprensa internacional, que seriam, na definição do autor, atribuídos ao leitor. O jornal, neste aspecto, é ele também um receptor ou decodificador, como prefere o autor, dos conceitos e informações que ele irá ler, reinterpretar e novamente codificar para o seu público. Há expressões utilizadas por governos ocidentais e jornais internacionais que a *Folha de S. Paulo* opta por incorporar ao seu texto e reapresentá-la ao leitor brasileiro como a referência a George W. Bush como “presidente americano” e a Saddam Hussein como “ditador iraquiano”. “Colunas de soldados americanos e britânicos, tanques e caminhões avançaram ontem sobre a zona desmilitarizada entre o Kuait e o Iraque horas antes do fim do prazo dado pelo presidente George W. Bush para que o ditador Saddam Hussein e seus filhos deixassem o país”<sup>85</sup>. A simples comparação numa mesma frase das ações de um presidente da república que ameaça um ataque militar e de um ditador de um país que aguarda o fim de um ultimato, seguindo expressões utilizadas pelo senso comum para lidar com líderes das duas nações mencionadas, demonstra a reação do jornal a alguns desses conceitos estabelecidos e a leitura preferencial sugerida aos leitores do periódico. O tratamento desigual a ambos os líderes nacionais provoca uma leitura preferencialmente desigual das motivações e justificativas para que o primeiro, sob uma democracia comandada por um presidente da república, ameace iniciar um conflito bélico contra o país cujo comando está nas mãos não de um presidente ou sequer um líder mas de um ditador.

Uma das questões principais tratadas no livro de George Orwell, *1984*, é justamente em que medida a definição de um vocabulário cada vez mais reduzido e

---

<sup>85</sup> Trecho inicial da matéria do correspondente da *Folha de S. Paulo* em Washington (EUA), que divide a página inicial do “Caderno Mundo” de 20 de março de 2003 – p. A15.

controlado garante a maneira como a sociedade se refere a determinados assuntos, comunidades, instituições e fatos. Considerando a definição de senso comum de Culler como uma construção histórica resultado da vitória de determinadas teorias que tornaram-se habituais e influência do discurso hegemônico na definição de um vocabulário utilizado pela imprensa para tratar determinados assuntos, pessoas e instituições, a obra de Orwell tem muito a dizer no que se refere a escolha de termos, expressões e palavras na construção da cobertura de guerra. Orwell cria um mundo onde há três grandes potências que vivem em conflito entre si. De dentro de uma das potências, a Oceania, que reúne o Reino Unido, as Américas e a Austrália, a personagem principal vive em Londres, uma sociedade vigiada, sob uma doutrina denominada de “Ingsoc”, comandada pelo “Partido”, um núcleo de poder que acompanha os passos de todos os moradores da cidade que trabalham para a máquina pública e ameaça os demais moradores, chamados de proletariado, que vivem à margem dessa camada burocrática.

O autor dá extrema importância para a nova língua criada pelo “*Party*” para substituir o “*Oldspeak*”, que seria o inglês padrão falado antes da “Revolução”. “*Newspeak was the official language of Oceania and had been devised to meet the ideological needs of Ingsoc, or English Socialism*”<sup>86</sup>. Na narrativa, a meta é de que em 2050 todos os habitantes de Oceania tenham abandonado o inglês padrão e falem apenas “*Newspeak*”, que consiste numa nova língua que reduz o número de palavras existentes e cria palavras, junta palavras, apaga palavras ou permite palavras em consonância com as necessidades ideológicas do “*Big Brother*” e a doutrina empregada pelo “Partido”. O objetivo principal é reduzir ao máximo o número de palavras para que as que restarem tenham um significado preciso e não dêem margem

---

<sup>86</sup> George Orwell, 2000 – p. 312.

a associações do pensamento crítico. O “Partido” passa a produzir a 11<sup>a</sup>. edição do dicionário de “*Newspeak*”, esperada como definitiva. As versões utilizadas ainda no suposto ano de 1984 são a 9<sup>a</sup>. e a 10<sup>a</sup>. edições, que ainda utilizam palavras da antiga forma de falar. A palavra “good” é mantida no novo dicionário, mas a palavra “bad” não é mais necessária. O dicionário determina então que seja usada a palavra “ungood”. “*Newspeak was designed not to extend but to diminish the range of thought, and this purpose was indirectly assisted by cutting the choice of words down to a minimum*”<sup>87</sup>. A palavra “freedom” é mantida mas apenas no sentido de se estar livre de algo, como dizer “the house is free from rats”. Não é mais usado com o sentido de politicamente livre, até porque liberdade política e intelectual também não existem mais como conceitos. Portanto a palavra liberdade não tem mais como ser ligada a esses conceitos. “The purpose of Newspeak was not only to provide a medium of expression for the world – view and mental habits proper to devotees of Ingsoc, but to make all other modes of thought impossible”<sup>88</sup>.

A análise da estrutura e dos princípios do “*Newspeak*” pode servir de comparação para a análise das expressões utilizadas pelo governo norte-americano para se referir às guerras e aos atentados de 11 de setembro e em alguns momentos recodificados pela imprensa. O discurso governamental escolhe um reduzido número de palavras para se referir à guerra – antes de tudo transformando os atentados ao Nova York em guerra sempre que se refere ao evento – , à invasão do Iraque, às populações do Oriente Médio, às justificativas para a guerra e a todos que contemporaneamente realizam quaisquer atos armados contra instituições governamentais. Em 1984 todos os pensamentos contrários ao “*Big Brother*”, determinadas ações que não correspondam às bases da doutrina do *Party* e

---

<sup>87</sup> George Orwell, 2000 – p. 313.

<sup>88</sup> *Idem* – p. 312.

determinadas palavras utilizadas por algum membro do Partido são classificados sob a expressão “*thoughtcrime*”, um crime que leva a confissão, tortura e morte. No discurso do governo norte-americano e também na cobertura da guerra na imprensa internacional a palavra “terrorista” é uma das que merece uma análise mais apurada já que se tornou corrente desde os atentados de 11 de setembro e mesmo antes deles e é aplicada como *thoughtcrime* a todos os que de algum modo se contrapõem às ações do governo norte-americano. Desde os que lançaram os aviões contra o World Trade Center, aos que protestam nos movimentos anti-globalização, aos que se suicidam na Palestina, aos guerrilheiros na Colômbia, todos são denominados em algum momento “terroristas”. É uma palavra que reúne todas as formas de ação contra o poder central. Outros países além dos Estados Unidos também usam a mesma expressão para tratar grupos insurgentes. Cada governo tem seus terroristas do mesmo modo que nos anos 1970 cada governo denominava os seus comunistas. Assim como o governo russo denomina contemporaneamente de terroristas os rebeldes na Chechênia e até mesmo os participantes do Fórum Social Mundial já foram chamados de terroristas por um membro da administração norte-americana.

Chomsky traz a definição oficial de terrorismo que consta em manuais do exército dos Estados Unidos, observando que o conceito vale apenas para os atos realizados contra o país, não incluindo suas próprias ações. O autor cita: “the calculated use of violence or the threat of violence to attain goals that are political, religious or ideological in nature... through intimidation, coercion or instilling fear”<sup>89</sup>. O autor constata que é uma descrição muito próxima das ações tomadas pelo próprio governo e por outros governantes de outras nações, mas que, quando lançada mão pela força oficial, passa a ser chamar contraterrorismo ou ato de defesa. “The

---

<sup>89</sup> Apud Noam Chomsky, 2002 – p. 79.

official definition is unusable. It's unusable for two important reasons. First of all, it's very close paraphrase of official government policy, it's called low-intensity conflict or conterterror”<sup>90</sup>. Chomsky encontra uma saída para observar a definição de terrorismo nos discursos oficiais dos governos e mesmo nas páginas de jornal, atentando para o fato de que terror é sempre aquilo que os “outros” fazem contra “nós”, independente de quem são o “nós” e os “outros”. “The solution is to define terrorism as the terrorism that they carry out against us, whoever we happen to be. As far as I know, that's universal – in journalism, in scholarship, and also I think it's a historical universal”<sup>91</sup>. A partir dessa nova definição de terrorismo, o autor propõe uma leitura nova dos atos descritos como terror, apesar das construções a respeito de quem comete esses atos, se são uma coalizão ou um país. “Well, with this useful characterization of terrorism, we can then draw the standard conclusions that you read all the time: namely, that we and our allies are the main victims of terrorism, and that terrorism is a weapon of the weak”<sup>92</sup>.

No discurso oficial norte-americano, o exército nunca é invasor, colonialista, sequer é o governo norte-americano o agente direto da guerra no Iraque, mas são as “forças de coalizão” que “atuam” no Iraque e não “invadem” o país. Em seu primeiro pronunciamento em cadeia nacional de televisão, transmitido nos Estados Unidos e por emissoras do mundo todo e publicado na íntegra pela *Folha de S. Paulo*, o presidente norte-americano iniciou seu discurso enfatizando que a iniciativa da ação militar partir de um conjunto de países que ele denominava “coalizão”, aproximando-se da expressão “aliados” utilizada durante a Segunda Guerra Mundial para definir o conjunto de países que lutava contra as nações do “Eixo”, composto pela Alemanha, Itália e Japão. “Sob minhas ordens, as forças de coalizão começaram a atacar alvos

---

<sup>90</sup> Noam Chomsky, 2002 – p. 80.

<sup>91</sup> *Idem* – p. 81.

<sup>92</sup> *Idem*.

militares importantes a fim de minar a capacidade de Saddam Hussein de guerrear. É o princípio de uma campanha ampla e concentrada. Mais de 35 países estão oferecendo um apoio crucial, do uso de bases aéreas e navais e suporte de inteligência e de logística à participação de unidades de combate. Todas as nações dessa coalizão optaram por assumir sua obrigação e dividir a honra de servir à nossa defesa comum”<sup>93</sup>. Ao lado de outras expressões e temas que seguem a explicação do ataque ao Iraque no dia anterior, a coalizão permeia todo o texto e é citada em outros momentos do mesmo discurso. “Eu quero que os americanos e todo o mundo saibam que as forças da coalizão farão todo o esforço para poupar civis inocentes do dano”<sup>94</sup>. O jornal não passa a utilizar a expressão “coalizão”, mas a publica em falas e em discursos de autoridades norte-americanas, optando editorialmente por publicar na íntegra declarações que considera importantes e não apenas produzir uma matéria sobre a fala oficial proferida. O texto aparece em letras de tamanho menor do que o utilizado no texto das reportagens e artigos, aparecendo como um texto de apoio para os que querem saber quais foram diretamente as palavras proferidas pela autoridade, no caso analisado, o presidente norte-americano. É uma maneira de dar destaque a uma fala oficial, mas também de proporcionar ao leitor a possibilidade de avaliar o conteúdo do discurso de forma mais completa, sem contar apenas com a edição ou a interpretação do repórter, ainda que ela continue existindo nas demais matérias jornalísticas que compõem a página do jornal e na própria escolha de quais discursos devem ser publicados na íntegra e quais não merecem tal espaço e destaque.

Na guerra declarada de propaganda, quando o exército norte-americano anunciou ter despejado sobre o território iraquiano panfletos em árabe com instruções

---

<sup>93</sup> Discurso do presidente dos EUA, George W. Bush, publicado na íntegra na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

<sup>94</sup> Discurso do presidente dos EUA, George W. Bush, publicado na íntegra na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

específica de como reagir à invasão do país, o discurso era assinado pela “coalizão” e não apenas pelo governo dos EUA, numa estratégia de em várias frentes e declarações manter a idéia de que o país não age sozinho no conflito mas conta com o apoio e a atuação de diversas nações a ponto de poder chamar a iniciativa bélica de “coalizão”. “Não se aproximem das forças de coalizão. Esperem mais instruções” <sup>95</sup>. Em outro momento do mesmo texto, novamente o anúncio da invasão norte-americana é substituída pela ação da “coalizão” (“Atacar aviões da coalizão provocará a sua destruição” <sup>96</sup>), em matéria redigida a partir da redação brasileira com informações de agências internacionais, conforme indicação da própria publicação. O jornal em momentos diferentes utiliza-se dos mesmos vocábulos, expressões e leituras do discurso oficial como quando faz diferença entre ditador iraquiano e presidente norte-americano, como também rejeita taxações e expressões recorrentemente utilizadas nas falas, declarações e textos oficiais proferidos pelo governo dos Estados Unidos.

A repetição da expressão “coalizão” para definir que a guerra contra o Iraque está sendo promovida por uma série de países que representam a comunidade internacional, aparece no jornal nas declarações oficiais do governo e do exército norte-americano, mas o jornal não assume a mesma expressão no seu texto. Nas capas da edição do dia 21 de março, quando o jornal consegue publicar em edição nacional pela primeira vez que a guerra já foi iniciada, tanto no caderno principal quanto no “Caderno Mundo”, as manchetes afirmam respectivamente que os “EUA iniciam invasão por terra e ampliam bombardeios a Bagdá” <sup>97</sup> e que “EUA invadem o Iraque” <sup>98</sup>, sem mencionar a expressão coalizão. A matéria do enviado especial a Bagdá,

---

<sup>95</sup> Matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional de 20 de março de 2003 da *Folha de S. Paulo* – p. A16.

<sup>96</sup> Matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional de 20 de março de 2003 da *Folha de S. Paulo* – p. A16.

<sup>97</sup> Manchete de capa da edição nacional da FSP de 21 de março de 2003.

<sup>98</sup> Manchete de capa do “Caderno Mundo” da FSP de 21 de março de 2003 – p. A13.

publicada após a primeira manchete e uma imagem do fotógrafo também enviado pelo jornal iniciam deixando claro que iniciava uma “invasão” e que ela era promovida pelos Estados Unidos e pelo Reino Unido. “Os Estados Unidos e o Reino Unido desencadearam a invasão do Iraque por terra e lançaram a Segunda leva de ataques contra Bagdá” <sup>99</sup>. Na matéria publicada como extensão da capa no “Caderno Mundo”, o Reino Unido é retirado do início do texto, deixando aos EUA o papel de único promotor da invasão, sem recorrer à expressão “coalizão” nem dividindo a autoria dos ataques com qualquer outro país, deixando ainda mais distante a tentativa de dividir a realização da guerra e, deste modo, ganhar legitimidade para o discurso oficial que justificou a invasão. O Reino Unido sai de cena, ainda que mereça o destaque da capa, não atuando nesse texto como parceiro mas como coadjuvante da ação, demonstrando neste momento um descolamento maior do jornal do discurso oficial do país, que insistia em sempre ser associado a no mínimo um país europeu e na melhor das situações junto de um grupo de países. “Os Estados Unidos iniciaram sua segunda rodada de ataques sobre Bagdá às 20h05 de ontem (14h05 de Brasília), atingindo com mísseis de cruzeiro pelo menos prédios dos ministérios do Planejamento, que teve dois pontos tomados por um forte fogo laranja, das Relações Exteriores, aparentemente o menos prejudicado, e da Defesa” <sup>100</sup>.

No *Newspeak* de Orwell, as palavras curtas e as abreviações são o objetivo final em relação às expressões políticas, chamado de “*B Vocabulary*”. Para o Ingsoc, uma expressão concisa permite menos associações, que poderiam levar a outros e diversos significados, indo ao encontro do que busca o “*Big Brother*” com sua língua que é uma associação direta, sem possibilidade de múltiplas associações, pensamentos e análises. O narrador lembra que as abreviações eram utilizadas mesmo antes da

---

<sup>99</sup> Matéria da capa da FSP de 21 de março de 2003.

<sup>100</sup> Matéria de capa do “Caderno Mundo” da FSP de 21 de março de 2003 – p. A13.



“Revolução” por outras formas de governo. A diferença é que o “*Party*” o fazia agora com consciência. “The words Communist International, for instance, call up a composite picture of universal human brotherhood, red flags, barricades, Karl Marx and The Paris Commune. The word “Comintern”, on the other hand, suggests merely a tightly-knit organisation and a well-defined body of doctrine. It refers to something almost as easily recognised, and as limited in purpose, as a chair or a table”<sup>101</sup>. Em *Newspeak* a condensação que já era utilizada e a simplificação das palavras passaram a ser a regra para evitar associações e reflexão. A palavra condensada “goodthink” é atribuída a tudo que reforça e corrobora o poder do *Big Brother* e “*crimethink*” agrupa todas as palavras que possam se contrapor a doutrina do “*Party*”. “... its words growing fewer and fewer, their meanings more and more rigid, and the chance of putting them to improper uses always diminishing”<sup>102</sup>.

Nas narrativas da guerra, tanto produzidas pelo governo norte-americano quanto muitas vezes publicadas na imprensa sobre os Estados Unidos e sobre a guerra, há uma recorrente deturpação que chama todos os revoltosos de “terroristas”, os invasores de “coalização” e os países árabes de “Oriente Médio”. Utiliza ainda outra característica do *Newspeak*, que é definir que as palavras são “boas” ou “más” dependendo por quem ou contra quem e em favor de quem elas são proferidas. “Other words, again, were ambivalent, having the connotation ‘good’ when applied to the Party and ‘bad’ when applied to its enemies”<sup>103</sup>. As “armas de destruição em massa” são um exemplo no caso da guerra do Iraque. Além de terem virado uma sigla, reduzindo a possibilidade de análise (ADM ou WMD em inglês – nota explicando), e utilizada a exaustão com um significado específico, o seu significado varia apenas conforme quem fala e a quem se refere. O governo dos EUA falou exaustivamente

---

<sup>101</sup> George Orwell, 2000 – p. 321.

<sup>102</sup> *Idem* – p. 324.

<sup>103</sup> *Idem* – p. 320.

das ADM com o objetivo de justificar a invasão no Iraque. Mesmo não convencendo a Organização das Nações Unidas de que o governo iraquiano possuía tais armas, invadiu o país afirmando que as ADM eram o motivo. Em alguns momentos, a suspeita levantada pelo governo norte-americano era incorporada em alguns momentos nos textos dos jornais, inclusive da *Folha de S. Paulo*, como na matéria jornalística produzida a partir da redação do jornal no Brasil, assinada com a expressão “da redação”, sobre um grupo especial de soldados que partiriam em busca especificamente de Saddam Hussein.

Basicamente citando como fontes jornais norte-americanos como o *USA Today* e o *New York Times*, a matéria descreve as estratégias e objetivos do “Comando Delta”, um pequeno grupo de soldados norte-americanos equipado com armas de alta tecnologia, como óculos de visão noturna e fotos precisas dos seus alvos, com a missão de capturar e matar o líder iraquiano. “Segundo o jornal ‘USA Today’, a força de elite de 360 homens (tão secreta que o governo americano insiste em negar sua existência) recebeu a incumbência de caçar e, se necessário, matar Saddam, seus filhos Qusai e Uday e uma dúzia de militares e membros da cúpula do regime”<sup>104</sup>. Após descrever o funcionamento dessa unidade militar com informações diretamente citadas de jornais norte-americanos e em outros momentos simplesmente descrevendo as possibilidades de atuação da tropa como notícia e como fato, o texto do mesmo modo trata de armas não-convencionais como se elas não fossem uma suspeita de um dos lados do conflito, mas um temor generalizado para o qual a resposta fosse a atuação do comando especial, sem citar fontes diretas para essas suspeitas. “O maior temor é que, ao ver-se acuado, Saddam use armas de destruição em massa contra as forças invasoras. Grupos da Força Delta também foram escalados

---

<sup>104</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

para localizar e assumir o controle de eventuais arsenais de armas químicas, biológicas e/ou nucleares”<sup>105</sup>. Ao mesmo tempo em que não incorpora certas expressões oficiais do governo norte-americano como forças libertadoras mas como “forças invasoras”, o jornal passa a utilizar a expressão “armas de destruição em massa”, que acabou se tornando, por obra da insistência do discurso oficial, uma expressão curta de um sentido único.

A idéia das ADM é mais incorporada ao texto e percebida como realidade quando outras fontes aparecem para justificá-las como os jornais norte-americanos citados nas matérias. “Segundo o jornal ‘The New York Times’, os EUA enviaram à região especialistas em armas não-convencionais e em desarmamento para ajudar a neutralizar os arsenais iraquianos”<sup>106</sup>. O final do texto se descola das fontes da imprensa norte-americana e das conseqüentes informações oficiais, que aparecem sobre a atuação e as estratégias da força especial do exército dos EUA, para analisar esse investimento em batalhões rápidos que tenham como objetivo matar o presidente iraquiano e encontrar armas não-convencionais, deixando em dúvida a existência das ADM as chamando de “supostas” armas não convencionais. “Ao lado da captura do ditador, essa é uma das missões mais cruciais e delicadas da ação militar, pois é a primeira vez que os EUA se propõem a ocupar e desarmar uma nação de suas supostas armas não-convencionais”<sup>107</sup>. Para encerrar a matéria, aparece um misto da maneira como o texto todo foi construído, juntando informações sobre o funcionamento interno da tropa de elite e os objetivos dos soldados (sem citar a origem da informação, apenas a colocando como fato) a uma desconfiança sobre as intenções do governo norte-americano no que se refere aos motivos da guerra e à procura das armas de destruição em massa. “Centenas de cientistas serão buscados e

---

<sup>105</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>106</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>107</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

interrogados. Para os EUA, localizar as armas é fundamental não apenas para impedir que venham a ser usadas contra suas forças, mas também para provar à comunidade internacional que a intervenção no Iraque era necessária e justificada”<sup>108</sup>.

Como se o governo norte-americano falasse “*Newspeak*”, as ADM significavam perigo quando se referia ao Iraque, mas “segurança”, “prevenção”, “defesa” e uso civilizado, quando a posse de armas nucleares era relacionado ao arsenal mantido pelos EUA. É necessário retomar Hannah Arendt, em *Sobre a violência*, quando diz que as nações criaram armas com um potencial de destruição maior do que qualquer motivação política poderia justificar. A autora se referia ao momento histórico em que a Guerra Fria era uma realidade e que o poder econômico, político e militar era dividido e disputado por duas grandes potências, os Estados Unidos e a URSS, considerando a grande capacidade de ambos em desenvolver e possuir armas nucleares e de que maneira este investimento bélico resultava na ameaça de uma guerra direta que nunca veio. Para tanto, Arendt avaliava inclusive que se havia perdido o interesse pela guerra e parte de sua eficácia. “Assim, a guerra – desde tempos imemoriais, árbitro último e implacável em disputas internacionais – perdeu muito de sua eficácia e quase todo o seu fascínio”<sup>109</sup>. Finalizada a Guerra Fria, o conjunto das repúblicas socialistas deixou de existir, sem que a maior delas, a Rússia, passasse a ocupar o lugar político e militar ocupado anteriormente pela URSS, ao mesmo tempo em que se configurou mundialmente a existência de uma potência apenas, os Estados Unidos. Conforme concluiu Arendt e outros autores, os investimentos militares e, em especial, em armamento nuclear, demonstravam não o interesse pela efetivação da guerra, mas a sua dissuasão. “O seu objetivo ‘racional’ é a dissuasão, não a vitória, e a corrida armamentista, como não é mais uma preparação

---

<sup>108</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>109</sup> Hannah Arendt, 2000 – p. 13.

para a guerra, agora só pode ser justificada sob o princípio de que mais e mais dissuasão é a melhor garantia para a paz”<sup>110</sup>. Contemporaneamente, não mais sob a configuração de uma disputa entre duas superpotências, mas sob a existência de uma única potência militar, a guerra volta a ser o objetivo e o desenvolvimento de tecnologias e o aumento do potencial bélico são novamente tratados com o propósito ainda de demonstração de força mas também pensado para o uso efetivo em conflitos armados. A guerra retorna como fascínio, como ameaça, como sinônimo de eficiência e estratégia efetivamente utilizada como política de estado – e também como evento especialmente representado pelos contadores de histórias e da história contemporânea, a imprensa mundial.

A partir de diferentes fontes, que vão variar os números de acordo com o momento e os critérios considerados, é possível contabilizar que os gastos militares dos Estados Unidos são os maiores entre todas as nações<sup>111</sup>. Segundo a Stockholm International Peace Research, que tem sede em Oslo, o orçamento militar norte-americano corresponde a 45% de todo o dinheiro utilizado em armas, equipamentos e soldados no mundo, chegando em 2005 a ser maior que a soma dos gastos dos 14 países que mais utilizam recursos nesta área. Para o ano fiscal de 2006, teriam sido gastos 410 bilhões de dólares e para o ano de 2007 a previsão seria 470 bilhões, sem contar os gastos do país com as guerras no Afeganistão e no Iraque. A *Folha de S. Paulo* fala em um orçamento maior que os gastos de toda a Europa no setor<sup>112</sup>. Trata-se de um exército que pode mobilizar tropas em qualquer lugar do mundo, possuindo, segundo fontes diferentes cerca de 700 bases militares das mil existentes no mundo<sup>113</sup>.

---

<sup>110</sup> Hannah Arendt, 2000 – p. 13.

<sup>111</sup> Os valores se aproximam em reportagens e levantamentos de fontes como a BBC, *Le Monde Diplomatique*, UOL e AFP.

<sup>112</sup> Matéria da *Folha de S. Paulo* de 02 de maio de 2004.

<sup>113</sup> Os dados se aproximam em diferentes fontes e publicações como a revista mensal *Super Interessante*, de setembro de 2006, p. 58, ou em documento e matérias da I Conferência contra as Bases

Com grandes investimentos em tecnologias, produzindo armamentos que reafirmam a análise de Arendt de que nenhuma agressão ou motivo político poderia justificar o seu uso, os Estados Unidos possuem desde armamentos que individualmente chegam a custar dois bilhões de dólares, como é o caso dos aviões chamado “invisíveis” por não serem detectados por radares, até o maior potencial nuclear do planeta. A China, mesmo com aumento em investimento militar previsto para 17,8% para 2007, deve gastar 45 bilhões de dólares<sup>114</sup>. A Rússia, principal país que compunha a URSS, gastou em 2005 cerca de 60 bilhões de dólares<sup>115</sup>. Ainda assim, há uma demonstração clara de que os gastos militares, que incluem desenvolvimento de tecnologia bélica, armamentos, pessoal e, em alguns casos, armas atômicas têm sido crescente em diversos países além dos citados e, principalmente, nos Estados Unidos. Não mais considerando a guerra como potencial de dissuasão, mas como possibilidade real da realização de conflitos como a Guerra do Iraque. Esse poderio e as ações militares norte-americanas pelo mundo são destaques da cobertura mundial da imprensa, que acompanha em suas edições a caminhada bélica do país com maior capacidade individual de combate e que tem se utilizado de parte desse arsenal.

Outro momento de *Newspeak* e *Ingsoc* ocorre quando se trata de outros motivos da invasão do Iraque. Primeiro foram as ADM que teriam levado o governo norte-americano a invadir o Iraque mesmo com as declarações dos inspetores da ONU de que nada havia sido encontrado no país até aquele momento e mesmo com a oposição formal do Conselho de Segurança da ONU. O Iraque foi invadido, as ADM não foram encontradas e a culpa foi colocada na agência de inteligência dos EUA, sem responsabilidade do governo. Mas também isso não importava mais porque o

---

Militares no Exterior, que reuniu pesquisadores e ativistas sobre o tema no Equador, em março de 2007, publicados em sites e agência de notícias como a *EFE*, de 09 de março de 2007.

<sup>114</sup> Matéria publicada no site da BBC Brasil em 04 de março de 2007.

<sup>115</sup> *Jornal da Ciência*, de 16 de março de 2007, órgão da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

governo norte-americano declarou que afinal a guerra não era apenas pelas ADM, mas para depor um ditador e ajudar os iraquianos a instalar a democracia. Embora a suposta existência de armas não-convencionais fosse o principal motivo público para a invasão do Iraque, o argumento de que se tratava de uma ação para libertar o povo iraquiano já aparecia no discurso de declaração de guerra feito pelo presidente dos EUA e publicado na íntegra pela *Folha de S. Paulo*, ainda que este elemento não tenha recebido a mesma ênfase das ADM. “Meus compatriotas, neste momento as forças americanas e da coalizão estão nos primeiros estágios das operações militares para desarmar o Iraque, libertar sua população e defender o mundo de um grave perigo. (...) E ajudar os iraquianos a obter um país unido, estável e livre irá requerer a nossa dedicação continuada” <sup>116</sup>. Já aparecia também a perspectiva de livrar os Estados Unidos de uma ameaça terrorista, ligando o governo do Iraque aos atentados de 11 de setembro de 2001 em Nova York. “Nós enfrentaremos a ameaça agora com nosso Exército, nossa Força Aérea, Marinha, Guarda Costeira e marines, para que não tenhamos de enfrentá-la mais tarde com exércitos de bombeiros e policiais e médicos nas ruas de nossas cidades” <sup>117</sup>. O jornal brasileiro comentou e publicou o discurso do presidente norte-americano na íntegra apenas na edição nacional do dia 21 de março, quando já havia transcorrido um dia do início dos ataques, em função do desencontro de horários entre os três países, levando a matéria principal da página sobre o discurso de Bush dar mais ênfase ao primeiro dia do presidente após os primeiros bombardeios do que propriamente recuperando o discurso do presidente na noite do dia 19 de março.

---

<sup>116</sup> Discurso do presidente dos EUA, George W. Bush, publicado na íntegra na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

<sup>117</sup> Discurso do presidente dos EUA, George W. Bush, publicado na íntegra na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

Na mesma página e na seguinte, há dois exemplos de tratamentos diferentes para o mesmo assunto dependendo do autor das ações. O jornal trata em dado momento sobre as primeiras bombas arremessadas contra o Iraque pelos Estados Unidos com um tom informativo, como se as toneladas de bombas citadas fossem simples dados sem destacar o impacto de tamanho investimento bélico. “A partir do informe, deu-se uma corrida contra o relógio para preparar mísseis Tomahawk em navios no Golfo e coordenar a ação. Ao mesmo tempo, dois ‘aviões invisíveis’ F117 foram carregados com bombas de 900 quilos para a missão” <sup>118</sup>. Enquanto que na matéria da página seguinte, sobre a resposta iraquiana aos primeiros ataques, os mísseis utilizados também são descritos tecnicamente, mas com atenção para o fato de que os observadores da ONU já haviam socilitado a destruição dessas bombas quando fizeram as últimas inspeções porque a existência delas violava o acordo assinado pelo Iraque no final da Guerra do Golfo em 1991. “O míssil que caiu próximo ao batalhão de infantaria, segundo os norte-americanos, seria do tipo Al Samoud 2. Durante as inspeções realizadas pela ONU no Iraque semanas atrás, o chefe dos inspetores, o sueco Hans Blix ordenou que os Al Samoud 2 fossem destruídos porque, assim como algumas versões do Scud, teriam alcance superior a 150 quilômetros – o que violava o acordo de desarmamento assinado por Bagdá ao final da Guerra do Golfo”<sup>119</sup>. Em relação aos primeiros ataques, enquanto um lado não era questionado sobre o seu arsenal, o outro é desautorizado a ter as armas que tem.

O princípio do “*doublethink*” resolveria o problema da contradição se o objeto fosse uma ficção orwelliana, onde a contradição é assimilada, reconhecida, mas o que prevalece é o que o “*Party*” definir como o certo ou conveniente para aquele momento. O importante era manter a justificativa da guerra. No romance de Orwell, o

---

<sup>118</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

<sup>119</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A17.



importante era a guerra infinita, não importando inclusive se o inimigo variasse de tempos em tempos. Era o estado de guerra o que interessava. Se a Oceania, um das regiões existentes e supostamente em constante conflito externo, estivesse em guerra com a *Eurasia*, o narrador lembra que isto significava que o inimigo sempre havia sido a *Eurasia* e sempre seria e que qualquer forma de aliança jamais seria ou teria sido possível com a *Eurasia*. Assim como o Iraque e Saddam Hussein aparecem para os Estados Unidos como o inimigo de sempre, sem a possibilidade de um dia ter sido aliado dos Estados Unidos. “Segundo Tony Blair, ditadores como Saddam e organizações terroristas como a Al Qaeda ameaçam a própria existência de um mundo desses”<sup>120</sup>. No caso da Oceania, naquele momento a *Eurasia* era o inimigo de sempre e para sempre. No momento seguinte tudo muda e a *Eastasia* passa a ser o inimigo do passado e do futuro, enquanto a *Eurasia* é o aliado. Chomsky lembra que enquanto o Iraque era aliado, os dissidentes do regime iraquiano não eram mencionados pelo governo ou pela imprensa dos Estados Unidos, ainda que tenham ido procurar o presidente norte-americano no período para buscar apoio e reivindicar o fim da ajuda a Saddam Hussein. Analisando o período anterior e imediatamente posterior à Guerra do Golfo (1991), o autor percebe diferentes posturas no tratamento de dissidentes do regime iraquiano, ainda que os que antes e depois tenham sido contrários à guerra jamais tenham tido qualquer voz perante o governo norte-americano ou diante da imprensa do país independente do momento histórico e do inimigo identificado. “The previous February, when Saddam Hussein was still George Bush’s favourite friend and trading partner, they actually came to Washington, according to Iraqi democratic opposition sources, with a plea for some kind of support for a demand of theirs calling for a parliamentary democracy in Iraq. They were totally rebuffed, because the United

---

<sup>120</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

States had no interest in it”<sup>121</sup>. Quando antes o regime iraquiano era apoiado pelos Estados Unidos, qualquer dissidente, pacífico ou a favor de intervenção militar, era ignorado pelo governo norte-americano e pela imprensa do país, segundo Chomsky, e após a Guerra do Iraque, ao menos certo tipo de dissidência passou a ser estimulada e valorizada pelo governo que passou a ter Saddam Hussein como eterno inimigo.

Na Guerra do Iraque, Saddam Hussein não é o amigo dos anos 1980 que virou inimigo nos anos 2000, mas é aquele que jamais foi aliado. “Since about that time, war had been literally continuous, though strictly speaking it had not always been the same war”<sup>122</sup>. A visita do Secretário de Defesa dos Estados Unidos da gestão George W. Bush ao Iraque durante sua gestão como membro do governo do primeiro George Bush e sua imagem apertando a mão de Saddam Hussein aparecem em documentários como *Fahrenheit 9/11* de Michael Moore, mas pouco no discurso habitual da imprensa diária. “But to trace out the history of the whole period, to say who was fighting whom at any given moment, would have been utterly impossible, since no written record, and no spoken word, ever made mention of any other alignment than the existing one. At this moment, for example, in 1984 (if it was 1984), Oceania was at war with Eurasia and in alliance with Eastasia. In no public or private utterance was it ever admitted that the three powers had at any time been grouped along different lines”<sup>123</sup>. O passado da relação do governo do primeiro George Bush não apenas com o Iraque, mas com o governo de Saddam Hussein, não é assunto recorrente ou interessante à grande imprensa, deixando deficiente a contextualização política do evento que é objeto de cobertura diária. “Actually, as Winston well knew, it was only four years since Oceania had been at war with Eastasia and in alliance with Eurasia. But that was merely a piece of furtive knowledge which he happened to possess

---

<sup>121</sup> Noam Chomsky, 2002 – p. 54.

<sup>122</sup> George Orwell, 2000 – p. 36.

<sup>123</sup> *Idem.*

because his memory was not satisfactorily under control. Officially the change of partners had never happened. Oceania was at war with Eurasia: therefore Oceania had always been at war with Eurasia. The enemy of the moment always represented absolute evil, and it followed that any past or future agreement with him was impossible” <sup>124</sup>. No romance, o importante é o estado constante de guerra.

No caso do governo Bush também não importa o inimigo, ele será sempre o mais perigoso, o mais hostil e jamais terá sido aliado nem jamais será. Chomsky lembra que os terroristas de hoje são os “lutadores pela paz” de ontem, identificados desse modo pelo governo norte-americano quando países como o Afeganistão estavam sob influência soviética e esses mesmos grupos tinham apoio dos Estados Unidos para lutar. “The depraved opponents of civilization itself in the year 2001 were in the 1980s the freedom fighters organized and armed by the CIA and its associates, trained by the same special forces who are now searching for them in caves in Afghanistan” <sup>125</sup>. Conforme as observações do autor, o comportamento desses grupos como os Talebans jamais foi diferente quando foram apoiados e treinados pelo governo dos Estados Unidos ou após 2001 quando passaram a ser perseguidos por esse mesmo governo. “They didn’t hide their terrorist agenda that began early on, in fact in 1981, when they assassinated the President of Egypt, and is continuing. That included terrorist attacks inside Russia (...), although these attacks stopped after the Russians withdrew from Afghanistan in 1989, leaving the ravaged country in the hands of the U.S. favorites, who turned at once to mass murder, rape, terror – generally described as the worst period in Afghanistan’s history” <sup>126</sup>. Dessa maneira, o inimigo do momento, assim como no romance de Orwell, é circunstancial, ainda que para o discurso oficial ele pareça sempre ter sido amigo ou inimigo.

---

<sup>124</sup> George Orwell, 2000 – p. 36.

<sup>125</sup> Noam Chomsky, 2002 – p. 74.

<sup>126</sup> *Idem* – p. 75.

## **Capítulo 2**

### **A guerra oficial**

## **A força do discurso oficial e as possíveis resistências**

O processo comunicativo trabalha com “momentos determinados” de produção e tradução da informação jornalística, conforme definiu Stuart Hall, resultando na premissa de que um evento histórico ele mesmo não pode ser transmitido por um telejornal ou por um jornal impresso como a *Folha de S. Paulo*, tornando possível ser comunicado apenas após tornar-se uma narrativa. “Os acontecimentos só podem ser significados dentro das formas visuais e auditivas do discurso televisivo. No momento em que um evento histórico é posto sob o signo do discurso, ele é sujeito a toda a complexidade das ‘regras’ formais pelas quais a linguagem significa” <sup>127</sup>. Além de demonstrar que toda realidade é mediada pela linguagem, o autor atenta para a impossibilidade da transmissão de um fato histórico, mas da narrativa sobre aquele fato que se transformará em evento dos meios de comunicação. “O acontecimento deve se tornar uma ‘narrativa’ antes que possa se tornar evento comunicativo” <sup>128</sup>. O autor deixa claro que o que se transmite é o evento comunicativo, produzido pelo discurso e pelos aparatos dos meios de comunicação num determinado momento. Essa definição difere da crença discutida nas redações e no interior dos próprios cursos de jornalismo, que defendem que os jornais lidam e publicam fatos, atribuindo um elemento de verdade única e linear que vai de encontro a idéia tradicional, criticada por Hall, do processo comunicativo como um lugar perfeito, onde a mensagem possui um conteúdo e um sentido fixos, dependendo apenas da capacidade de compreensão do leitor. O jornalismo e a história são permeáveis um ao outro. Como afirma Jacques Leenhardt, retomando toda uma discussão bastante cara à historiografia contemporânea, um acontecimento é sempre

---

<sup>127</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 388.

<sup>128</sup> *Idem* – pp. 388 e 389.

uma reconstituição. Sempre se chega até ele através de uma representação<sup>129</sup>, onde a história e a literatura aparecem como “leituras possíveis de uma recriação imaginária do real”<sup>130</sup>. “Os fatos históricos resgatáveis por documentos e imagens chegam à nossa contemporaneidade como representação de algo que já foi.”<sup>131</sup> Assim como o próprio presente, cujo principal suporte textual para apreendê-lo e representá-lo é contemporaneamente o texto jornalístico.

Os meios de comunicação têm um papel central na narração da história contemporânea. Deste modo, é fundamental refletir sobre ela, sobre suas representações e seus discursos. “Teoricamente, estamos apenas no estágio de tentar inventariar a *interpelação* da cultura pelo império, mas o esforço feito até agora é pouco mais do que rudimentar. E conforme o estudo da cultura se estende para os meios de comunicação de massa, para a cultura popular, para a micropolítica e assim por diante, os focos sobre os modos de poder e hegemonia vão se tornando mais nítidos”<sup>132</sup>. Após analisar em *Orientalismo* as maneiras como os discursos sobre o Oriente têm criado o que chamamos de Ocidente e Oriente, em *Cultura e Imperialismo*, Edward Said reflete sobre as estreitas relações entre, não apenas a política e a economia, mas entre a cultura e as formas do império, entre hegemonia e formas de poder. Apesar de se deter na análise de romances como *Heart of Darkness*, de Joseph Conrad, que foram produções culturais fundamentais para entender o período analisado por ele, o século XIX, o autor afirma que contemporaneamente os estudos sobre os meios de comunicação de massa podem contribuir para entendermos novas relações de poder e entrelaçamentos contemporâneos entre cultura e imperialismo. O que o romance inglês significou para a análise de Said e outros

---

<sup>129</sup> Jacques Leenhardt proferiu palestra na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no dia 16 de outubro de 2000.

<sup>130</sup> Sandra Pesavento e Jacques Leenhardt, 1998 – p. 10.

<sup>131</sup> *Idem.*

<sup>132</sup> Edward Said, 1999 – p. 89.

autores sobre o século XIX, os estudos sobre a mídia podem e têm significado para os pesquisadores interessados em analisar os eventos contemporâneos e as construções das imagens do Outro como Said desenvolve em *Orientalismo*. É fundamental perceber de que forma o olhar sobre esses eventos é construído de acordo com o lugar de onde se observa, o que significa dizer também que a imprensa brasileira construiu as suas impressões e imagens desse acontecimento além de um simples binarismo entre “Oriente” e “Ocidente”, utilizando-se de outras influências e percepções. Esse “lugar” é construído a partir de várias referências e identificações culturais, não apenas através de uma identidade nacional, mas também atentando para o modo como a idéia de nação tem sido construída no Brasil.

Considerando a noção de leitor e de leitura de Hall, que percebe a autonomia relativa dessa ponta da cadeia da comunicação, e a sua análise da atuação dos meios de comunicação como resignificadores constantes através de suas práticas específicas, o autor chama atenção para outro elemento determinante para uma análise crítica dos meios de comunicação, especialmente a respeito da cobertura de guerra – a relação de poder nos meios de comunicação. Para tratar do poder nos meios de comunicação, o autor utiliza o conceito de “leitura preferencial”<sup>133</sup>, que “é um modo de dizer que, se você detém o controle dos aparatos de significação do mundo e do controle dos meios de comunicação, então você escreve os textos”<sup>134</sup> e as “decodificações que você faz, as leituras que você faz, estão dentro do universo da codificação, da produção de signos”<sup>135</sup>. A imprensa brasileira resignifica signos de uma “significação comum” ao mesmo tempo em que produz leituras preferenciais a respeito da guerra e das populações envolvidas. Apesar de o autor tratar de estudos de recepção, o que interessa aqui é analisar a recepção da imprensa brasileira dessa significação geral e

---

<sup>133</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 365.

<sup>134</sup> *Idem* – p. 366.

<sup>135</sup> *Idem*.

das leituras preferenciais específicas dos meios de comunicação internacionais hegemônicos e perceber como a imprensa nacional resignifica essas mensagens e essas definições, colocando-a no papel de receptor e resignificador para o leitor brasileiro.

Hall apresenta três possibilidades para se responder a uma leitura preferencial<sup>136</sup>. A hegemônica dominante, que concorda com a leitura preferencial, quando o espectador se apropria e decodifica a mensagem nos termos do código referencial no qual ela foi codificada. O autor explica que as definições dominantes são hegemônicas porque tratam de eventos que estão em evidência, em dominância, que são globais. “As definições dominantes conectam eventos, implicitamente ou explicitamente, a grandes totalizações, às grandes visões de mundo”<sup>137</sup>. Hall chama atenção para um aspecto da posição hegemônica-dominante, em especial a aparência de legitimidade, quando faz tudo parecer óbvio, inevitável e natural, além de em geral associar os acontecimentos ao “interesse nacional” ou à geopolítica. No discurso de declaração de guerra, publicado integralmente pela *Folha de S. Paulo*, o presidente dos Estados Unidos justifica o conflito através desta articulação entre legitimidade, naturalização do discurso e interesse nacional. “Nossa nação entra neste conflito relutante. Ainda assim, nosso propósito é claro. O povo dos Estados Unidos e os nossos amigos e aliados não viverão à mercê de um regime fora-da-lei que ameaça a paz com armas de assassinato em massa”<sup>138</sup>. Aos que este discurso fizer sentido, tanto na imprensa como nos leitores, justificarão a guerra acreditando na ameaça ao país e na existência de um governo que não age dentro das leis e precisa ser impedido mesmo que o custo seja de vidas dos dois lados.

---

<sup>136</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 399.

<sup>137</sup> *Idem* – p. 401.

<sup>138</sup> Discurso do presidente dos EUA, George W. Bush, publicado na íntegra na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.



A segunda posição assumida como resposta a uma leitura preferencial é a que opera com um “código de oposição”, quando o leitor opera a conotação conferida ao discurso, mas decodifica a mensagem de maneira globalmente contrária<sup>139</sup>. “Ele ou ela destotaliza a mensagem no código preferencial para retotalizá-la dentro de algum referencial alternativo”<sup>140</sup>. A reação dos manifestantes contrários à Guerra do Iraque demonstra a reação possível sugerida pelo autor, na medida em que um discurso nos termos apresentados pelo presidente norte-americano provoca invariavelmente reações contrárias que buscam desarticular a fala totalizadora da justificativa oficial ao conflito. “São duas as datas a serem retidas: 15 de fevereiro e 15 de março. Em cada uma delas ocorreram atos públicos simultâneos em cerca de 600 cidades de 134 países, segundo a Resist, coligação de grupos pacifistas alemães. (...) Na primeira data, que atraiu mais gente, foram com certeza mais de 10 milhões. Havia 1,5 milhão nas ruas de Londres, ao todo 3 milhões nas principais cidades espanholas, 2 milhões na França”<sup>141</sup>. O jornal reconhece claramente que as reações dos manifestantes respondem não apenas aos atos dos governos e à própria iniciativa de guerra, mas também ao discurso proferido em diferentes momentos pelo presidente norte-americano. “Na Alemanha, disse à Folha o ativista Clemens Ronnefeldt, os pacifistas reúnem católicos e protestantes, ambientalistas do Partido Verde e adversários da globalização. São grupos que se misturaram pela primeira vez. Não há uma estrutura em forma de pirâmide, com chefes no topo e militantes na base. A postura de George W. Bush com relação ao Iraque foi o pretexto para que se formassem redes horizontais de organizações”<sup>142</sup>. Hall lista ainda uma terceira possibilidade de

---

<sup>139</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 402.

<sup>140</sup> *Idem.*

<sup>141</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A20.

<sup>142</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A20.

responder a leituras preferenciais: a que utiliza o código negociado, uma mistura de adaptação e oposição.

A resposta negociada, para o autor a mais utilizada pela audiência, “reconhece a legitimidade das definições hegemônicas para produzir as grandes significações (abstratas), ao passo que, em um nível mais restrito, situacional (localizado), faz suas próprias regras”<sup>143</sup>. Esta pode ser a leitura preferencialmente utilizada pela imprensa, em sua concepção de notícia, com o ideal de tratar de dois principais lados do mesmo fato através de uma postura objetiva, isenta e imparcial. Seguindo idealmente esses preceitos, a imprensa acaba por se colocar na posição negociada apresentada por Hall. O jornal publica integralmente o discurso do presidente norte-americano para dar acesso aos leitores sobre as idéias, a linha de raciocínio, a visão e as concepções políticas do país que acabava de iniciar uma guerra, deixando atuar sobre o leitor a leitura preferencial oficial que justifica o conflito para o bem das nações, ao mesmo tempo em que revela em matéria na mesma página a busca por uma aparente normalidade por parte do mesmo governo no momento em que o país começa o ataque militar e que manifestações anti-guerra acontecem nos portões da sede do governo. Em outro momento, na mesma matéria sobre as manifestações pacifistas contrárias à Guerra do Iraque, a demonstração da posição negociada do jornal aparece já na manchete produzida, que afirma a impossibilidade dos manifestantes impedirem a guerra, mas o reconhecimento desses movimentos como nova força política mundial. “Pacifistas perdem, mas se revelam uma nova força em escala global”<sup>144</sup>. O primeiro parágrafo faz eco ao título e dá o tom do restante da matéria, que percebe articulação de uma nova força política, ainda que descentralizada, mesmo que ela não seja capaz imediatamente de impedir a guerra, reconhecendo deste modo a eficácia do

---

<sup>143</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 401. “Codificação/Decodificação”.

<sup>144</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A20.

discurso, das justificativas e da força do discurso oficial do governo norte-americano. “O movimento pela paz não conseguiu evitar uma nova guerra no Golfo. Mesmo assim, descentralizado ao extremo, deu inequívoca demonstração em escala mundial ao levar às ruas multidões de tamanho inédito”<sup>145</sup>.

Tanto a estrutura no interior das reportagens, incluindo a maneira de montar uma pauta e a definição das fontes e da abordagem a ser utilizada, quanto a montagem dos jornais e cada página seguem a posição negociada das leituras preferenciais existentes sobre o assunto, contrapondo discursos, justificando-as ao mesmo tempo em que levanta problemas e posiciona discursos contrários. A questão que desestabiliza esta posição negociada que, colocada em relação à concepção contemporânea de jornalismo diário convergiria para a defendida busca pela imparcialidade, pela atenção a várias leituras preferenciais possíveis e a diferentes justificativas para os assuntos abordados, neste caso a guerra, é o espaço, a atenção e a importância proporcionadas aos diferentes discursos preferenciais. Em alguns momentos, certos discursos preferenciais, para manter o conceito proposto por Hall, como os discursos oficiais dos governos, por sua concisão, centralidade, organização e poder, têm mais preferência e definem mais os assuntos, as abordagens e as fontes do jornal do que os demais, descentralizados, polifônicos, aparentemente desorganizados e não-oficiais. “O pensamento político baseia-se, em essência, na capacidade de formação de opinião”<sup>146</sup>. As falas oficiais, em especial do governo norte-americano, definem as pautas das edições da *Folha de S. Paulo* sobre a guerra, ainda que se trate de uma publicação que apresenta fontes diferentes dentro dos seus próprios textos e diferentes fontes na publicação de textos prontos produzidos por outros jornais ou agências. É como se não existisse ação fora do discurso oficial.

---

<sup>145</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A20.

<sup>146</sup> Hannah Arendt, 1993 – p. 30.

Quem não declara não abastece a mídia com imagens, discursos – não age. Nas matérias analisadas, o governo norte-americano agia, portanto arrebanhava boa parte das manchetes da primeira edição da *Folha de S. Paulo* na guerra, em contraponto ao “silêncio” iraquiano observado pelos jornalistas brasileiros que não tinham declarações oficiais do Iraque, portanto não tinham ação a reportar.

A historiografia<sup>147</sup> e os estudos literários, principalmente, estão no cerne da reflexão contemporânea sobre os textos jornalísticos porque propõem debates sobre questões como a “textualidade da história” e a “historicidade dos textos”<sup>148</sup>. “A história é uma construção, um relato que, como tal, põe em cena tanto o presente como o passado, seu texto faz parte da literatura”<sup>149</sup>. O texto jornalístico está na encruzilhada desta discussão na medida em que se debate com o discurso da objetividade, com a imposição pela busca do fato, do que “realmente aconteceu”, com a escolha das vozes sociais que disputam um lugar como fontes e com a função de falar da realidade cotidiana e contemporânea e ao mesmo tempo construir narrativas sobre o passado. “A objetividade ou a transcendência da história é uma miragem, pois o historiador está engajado nos discursos através dos quais ele constrói o objeto histórico. Sem consciência desse engajamento, a história é somente uma projeção ideológica”<sup>150</sup>.

---

<sup>147</sup> Na historiografia, a Nova História tem discutido a história como texto, a história das “pessoas comuns” e dos subalternos, a História Cultural, e pode trazer contribuições significativas para o debate proposto neste projeto. Para os pesquisadores da Nova História os registros oficiais não são suficientes para explicar o passado, surgindo assim o interesse por outros tipos de registro da história e da memória como os registros pessoais, as cartas, os diários, os jornais e as narrativas orais. Autores como o historiador Peter Burke trouxeram importantes contribuições para este campo (*A escrita da história: novas perspectivas*, 1992; *History and Social Theory*, 1992; *New perspectives on historical writing*, 2001; *What is cultural history?*, 2004).

<sup>148</sup> Expressões analisadas por Antoine Compagnon, 1998 – p. 223.

<sup>149</sup> Antoine Compagnon, 1998 – p. 222.

<sup>150</sup> *Idem* – p. 223. O autor neste trecho fala das contribuições desta idéia por Michel Foucault, Hayden White, Paul Veyne, Jacques Rancière e outros. Textos desses autores são também fundamentais para discussões sobre a construção da história, a história como texto, as relações de poder que constroem os discursos etc.

Os estudos literários são fundamentais para compreender o texto jornalístico como narrativa contemporânea. “Os contextos não são eles mesmos senão construções narrativas, ou representações, ainda e sempre, textos” <sup>151</sup>. Se, conforme Benjamin, “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’, significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” <sup>152</sup>, analisar o presente tampouco quer dizer que seja possível conhecer o fato como ele de fato foi, ainda que este tenha sido o objetivo do próprio jornalismo contemporâneo em análise. Estudar o texto jornalístico é refletir sobre as diversas formas como a principal narrativa contemporânea articula e se refere a eventos como a guerra, tendo em perspectiva que a construção da narrativa jornalística está inserida em um contexto histórico que a forma assim como faz parte das formas que ajudam a construir, não apenas as histórias do presente, como a noção de passado e de história. O texto jornalístico vem sendo cada vez mais utilizado para se refletir sobre os discursos e narrações do passado assim como nesta pesquisa tem sido utilizado para entender o presente e as formas contemporâneas de experienciar e relatar a guerra.

Said afirma que, diante de um certo conceito de cultura que valoriza seus textos como fontes de identidade nacional e como reservatório do que há de melhor em cada sociedade e não como um espaço de disputas políticas e ideológicas, os produtos culturais como poesia, ficção e filosofia são vistos como lugares de transcendência e divorciados do mundo contemporâneo. Desse modo, as análises em geral são incapazes de perceber a “conexão entre, de um lado, a longa e sórdida crueldade de práticas como a escravidão, a opressão racial e a colonialista, o domínio imperial e, de outro, a poesia, a ficção e a filosofia da sociedade que adota tais

---

<sup>151</sup> Antoine Compagnon, 1998 – p. 223.

<sup>152</sup> Walter Benjamin, 1985 [1940] – p. 224.

práticas”<sup>153</sup>. Para o autor, a cultura concebida dessa maneira pode se tornar uma cerca de proteção que garante a política do lado de fora<sup>154</sup>. A imprensa, ao contrário, não é percebida como produto à parte da realidade política, mas como lugar através do qual a sociedade forma sua opinião a respeito da política e do cotidiano. A sua transcendência e deslocamento da ideologia ocorre no uso dos conceitos de objetividade e verdade que a constituem. Esses são os materiais dos quais é feita a cerca que isola o jornalismo como produto cultural da política e das práticas sociais que ocorrem na sociedade, como a guerra.

O objeto da imprensa é inegavelmente a realidade, mas ela é apreendida, na base do conceito contemporâneo de imprensa, como fato que tem uma verdade clara e objetiva, sem permitir que a visibilidade das versões, leituras e usos sejam vistos com produtos políticos e ideológicos que vão gerar outras ações e leituras também políticas. Assim como a literatura e as artes em geral, o jornalismo também é isolado como lugar onde deve estar o que há de melhor na sociedade que o produz, principalmente quando o foco for a nação, já que também este produto da cultura contemporânea cada vez mais constitui a identidade nacional. Neste sentido, Said valoriza a relação da narrativa, no caso de sua pesquisa, especialmente a narrativa de ficção, com a história e o mundo do império, seu objeto de estudo em *Cultura e Imperialismo*, avaliando que muitos autores se concentram na análise da ficção, mas pouco a relacionam com a política e com a experiência imperial nos séculos XIX e XX. Para o autor, “as histórias estão no cerne daquilo que dizem os exploradores e os romancistas acerca das regiões estranhas do mundo; elas também se tornam o método usado pelos povos colonizados para afirmar sua identidade e a existência de uma

---

<sup>153</sup> Edward Said, 1999 – p. 14.

<sup>154</sup> *Idem.*

história própria deles”<sup>155</sup>. A narrativa, para Said, é um espaço de elaboração, debate, assimilação e resistência daquilo que será disputado política e ideologicamente na sociedade. “O principal objeto de disputa no imperialismo é, evidentemente, a terra; mas quando se tratava de quem possuía a terra, quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, que a explorava, quem a reconquistou e agora planeja o seu futuro – essas questões foram pensadas, discutidas e até, por um tempo, decididas na narrativa”<sup>156</sup>.

O jornalismo aparece na segunda metade do século XX e contemporaneamente como o lugar da narrativa contemporânea e tem a informação como a principal forma de narrar. As histórias, que constituíram o mais importante espaço de construção do imperialismo e das resistências a ele no interior dos romances, dão lugar à informação e à imprensa como principal espaço de elaboração das verdades contemporâneas, que define também as personagens que têm voz, de quem se fala e o que merece ser narrado. “O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”<sup>157</sup>. Acontecimentos como a guerra não são decididos apenas no campo de batalha, no país onde se realiza o conflito ou nos gabinetes em que são declaradas, mas também e principalmente nos espaços onde as narrativas sobre ela são contadas, elaboradas e debatidas como a grande imprensa contemporânea. Neste sentido, os impérios já descobriram que precisam considerar esse espaço também como front e como espaço de disputa, assim como também o sabem a resistência e os demais atingidos pelo conflito armado.

---

<sup>155</sup> Edward Said, 1999 – p. 13.

<sup>156</sup> *Idem.*

<sup>157</sup> *Idem.*

A produção jornalística da grande imprensa contemporânea no Brasil e a produzida em países onde atuam grandes redes de comunicação têm se voltado cada vez mais para a crença na transmissão do fato em si e não das narrativas desse evento, possuindo ainda mais essa conotação quando mais valoriza as fontes oficiais, sejam elas declarações diretas de governantes e de representantes de poderes econômicos ou feitas através de grandes estruturas de assessorias de imprensa<sup>158</sup>. É importante perceber, inclusive na cobertura de guerra, a presença do desejo de estar transmitindo o fato em si, respaldado pela presença de narradores oficiais, no caso da guerra, generais, presidentes e outros representantes de organismos políticos que são sempre fontes diárias dos jornais e produtoras elas mesmas de fatos políticos e eventos jornalísticos.

O discurso jornalístico tem sido conduzido num sentido oposto ao que tem ocorrido com o texto historiográfico nas últimas décadas. Enquanto a produção jornalística tem privilegiado o fato como verdade linear e os discursos oficiais como fontes do texto, a historiografia percebeu que devia sair da história total, cuja verdade dos fatos históricos seria apenas uma e contada por fontes oficiais, sejam elas reis, generais, clérigos ou outros representantes formais do poder estatal, político ou econômico. Principalmente através da Nova História, o texto e a pesquisa historiográfica passaram a utilizar o que sempre foi a premissa do texto jornalístico, a

---

<sup>158</sup> “A Assessoria de Imprensa compreende o conjunto de estratégias e ações desenvolvidas com o objetivo de estabelecer canais de comunicação entre uma empresa, entidade (organização patronal, sindical, associação, partido político, ONG, universidade, instituto de pesquisa etc.) ou mesmo uma pessoa (um político, um empresário, um artista etc) , os meios de comunicação, em geral, e os profissionais de imprensa, em particular”. [www.comunicaçaoempresarial.com.br](http://www.comunicaçaoempresarial.com.br), 2006.

Ainda que contemporaneamente um número cada vez maior de instituições tenham organizado estruturas de comunicação e de assessoria de imprensa, governos e empresas são as mais estruturadas e profissionais, reunindo um número expressivos de jornalistas e de produções que municiam, a ponto de serem avalanches, de notícias e informações. Os importantes atores oficiais que produzem a Guerra do Iraque, tanto o exército norte-americano quanto o Executivo dos Estados Unidos, possuem um aparato jornalístico próprio considerável que cria relações com os principais veículos de comunicação do mundo e torna seus representados fontes diárias pelo mundo afora.



voz de pessoas comuns<sup>159</sup>, de indivíduos que estão fora do poder central ou que não são peças centrais desse poder. Burke, no livro *Testemunha ocular: imagem e história*, em que analisa especialmente o uso de imagens como evidência histórica, trata da busca dos historiadores por novos campos de pesquisa que vão além dos eventos tradicionais como a política e a economia. “Nos últimos tempos, os historiadores têm ampliado consideravelmente seus interesses para incluir não apenas eventos políticos, tendências econômicas e estruturas sociais, mas também a história das mentalidades, a história da vida cotidiana, a história da cultura material, a história do corpo, etc.”<sup>160</sup>. Para o autor, esse interesse recente da historiografia não teria sido possível se os pesquisadores tivessem ficado restritos a registros tradicionais para desenvolver seus estudos. “Não teria sido possível desenvolver pesquisa nesses campos relativamente novos se eles tivessem se limitado a fontes tradicionais, tais como documentos oficiais produzidos pelas administrações e preservados em seus arquivos. Por essa razão, lança-se mão, cada vez mais, de uma gama mais abrangente de evidências, na qual as imagens têm o seu lugar ao lado de textos literários e testemunhos orais”<sup>161</sup>. Enquanto o jornalismo de certo modo abandonou essas fontes, em especial o relato oral, e passou a privilegiar o que é oficial, a historiografia, fazendo o caminho inverso, deixou de considerar apenas os grandes nomes que ocuparam cargos e posições de poder para se ocupar das “pessoas comuns”. Na cobertura de guerra isso é ainda mais evidente na medida em que o texto diário dos

---

<sup>159</sup> O conceito “pessoas comuns” foi cunhado pelo historiador Eric Hobsbawm no texto “History from below – some reflections” in *History from below*, 1988 *apud* Jim Sharpe, “A história vista de baixo” in Peter Burke (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*, 1992 – p. 45. É importante destacar que, para Hobsbawm, “a história das pessoas comuns como um campo especial de estudo tem início com a história dos movimentos de massa do século dezoito... Para o marxista, ou mais comumente o socialista, o interesse na história das pessoas comuns desenvolveu-se com o crescimento do movimento trabalhista” *apud* Jim Sharpe, *idem*.

<sup>160</sup> Peter Burke, 2004 – p. 11.

<sup>161</sup> *Idem*.

jornais privilegia o factual, mediado pela interpretação de fontes que têm o poder de realizar a guerra.

A valorização da narrativa para analisar a história, especialmente com um olhar sobre as histórias das pessoas comuns, é defendida por pesquisadores de diversas áreas como sociólogos, antropólogos, filósofos, historiadores e teóricos da literatura. Peter Burke integra a chamada Nova História, uma corrente que surgiu, segundo ele próprio afirma, a partir da percepção da crise da historiografia tradicional. O historiador percebe, porém, que, ao contrário do que se divulga, a chamada Nova História não é tão nova assim, na medida em que aparece associada à *École des Annales*, que por sua vez tem dívida com outros pesquisadores e movimentos anteriores. Para Burke, a diferença é que contemporaneamente os pesquisadores que se filiaram a este modo de fazer pesquisa estão cada vez em maior número e se recusam a ser marginalizados.<sup>162</sup> Cabe perceber que Burke afirmava esta saída da marginalidade acadêmica em texto dos anos 1990, apontando o início do que hoje poderia ser identificado como uma teoria predominante dentro da historiografia. A Nova História deixou a resistência para se colocar no centro e na preferência dos pesquisadores contemporâneos do campo da História e dos estudos de cultural. Para os pesquisadores da Nova História, os registros oficiais não são suficientes para explicar o passado, surgindo assim o interesse por outros tipos de registro da história e da memória como os registros pessoais, as cartas, os diários, os jornais e as narrativas orais<sup>163</sup>. Os jornais são considerados também como fontes importantes para este novo

---

<sup>162</sup> Peter Burke. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”, 1992 – p. 19.

<sup>163</sup> Aparece na base desse pensamento a idéia de que “a realidade é social ou culturalmente constituída”, a noção de construção cultural. Com isso, a idéia de relativismo cultural, que aparece implícita e é tão cara à antropologia, se liga a um conceito de cultura diferente do tradicional. A cultura deixa de ser aquilo que se percebe em termos de produção de arte, literatura, música, para chegar a uma definição mais antropológica do campo. (Peter Burke, 1992 – p. 19) Para Clifford Geertz, a cultura é uma teia de significados e um conjunto de códigos simbólicos compartilhados na vida social. Clifford Geertz. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura”, 1989.

texto historiográfico na medida em que é constituído de relatos do cotidiano, onde estariam presentes vozes diversas.

Antes de se tornar um campo da historiografia, no Brasil o uso de fontes cotidianas, orais e jornalísticas já era desenvolvido à exaustão como método de pesquisa por Gilberto Freyre no começo do século XX. “Livro fundador do estudo da vida privada no Brasil e ensaio pioneiro na bibliografia internacional sobre o assunto, *Sobrados e mucambos* – publicado em 1936, mas esquematizado desde 1922 – atravessa as barreiras da intimidade patriarcal e penetra no cotidiano da sociedade do Império”<sup>164</sup>. O historiador Luiz Felipe de Alencastro atesta a importância de Freyre como pesquisador das fontes cotidianas no texto de introdução ao segundo volume da *História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*, coleção editada em cinco tomos. “Mais do que Casa Grande & Senzala (1933), clássico de longas revoadas no tempo e no espaço, *Sobrados e mucambos* aproxima-se das regras de ouro do grande livro de história: uma temática definida com base no conhecimento de uma conjuntura específica (a urbanização da família patriarcal rural), uma periodização conforme ao tema (o Império, teatro da mudança da casa-grande para os sobrados citadinos) e, enfim, fontes congruentes com a problemática e a época (diários, correspondências, narrativas dos viajantes, jornais e teses universitárias oitocentistas). De quebra, Gilberto Freyre granjeia à história oral, a memória relatada por testemunhos dos tempos do Império”<sup>165</sup>. Em dado momento da obra, Freyre articula relações entre Ocidente e Oriente, perspectiva que contemporaneamente é utilizada nos estudos literários e culturais, e percebe influências orientais na cultura brasileira, ousando dizer que o parentesco brasileiro viria antes até com o Oriente que com as culturas ocidentais. “É como se

---

<sup>164</sup> Luiz Felipe de Alencastro, 1997 – p. 07.

<sup>165</sup> *Idem*.

ecologicamente nosso parentesco fosse antes com o Oriente do que com o Ocidente que, em sua mística de pureza etnocêntrica ou em sua intolerância sistemática do exótico, só se manifestaria, entre nós, através de alguns daqueles estilos e de algumas substâncias inglesas e francesas de cultura generalizadas no litoral brasileiro após a chegada de Dom João VI ao Rio de Janeiro”<sup>166</sup>.

Para sua crítica de começo do século do orientalismo praticado no Império do Brasil e na sociedade brasileira a partir daquele período e da ocidentalização da cultura, Freyre traz mais uma vez aspectos e influências cotidianas que foi buscar na cozinha, na vestimenta, no tipo de urbanização e nas cores e sabores que se deparou em sua pesquisa. “Pois o que parece é que, ao findar o século XVIII e ao principiar o século XIX, em nenhuma outra área americana o palanquim, a esteira, a quitanda, o chafariz, o fogo de vista, a telha côncava, o bangüê, a rótula ou a gelosia de madeira, o xale e o turbante de mulher, a casa caiada de branco ou pintada em cor viva e em forma de pagode, as pontas de beiral de telhado arrebitadas em cornos de lua, o azulejo (...), o cuscuz, o alfeolo, o alfenim, o arroz-doce com canela, o cravo das Molucas, a canela de Ceilão, a pimenta de Cochim, o chá da China (...), os perfumes do Oriente, haviam se aclimado com o mesmo à-vontade que no Brasil”<sup>167</sup>. Para suas análises da vida nas casas-grandes e na senzala, na cidade e no interior, Freyre utiliza extratos de jornais, cartas, artigos publicados e descrição de costumes cotidianos como na análise das diferenças e semelhanças percebidas por um viajante inglês entre uma casa européia e uma brasileira. O autor mescla trechos de cartas do viajante com anúncios de um jornal da época e informações dos locais visitados pela personagem, numa polifonia de vozes que vão formando o seu quadro de análise. “Na casa do Engenho de Macujé (Pernambuco) Mansfield teria impressão ainda mais nítida de

---

<sup>166</sup> Gilberto Freyre, 2000 – p. 456.

<sup>167</sup> *Idem* – pp. 455 e 456.

estar na Inglaterra e em pleno século XIX europeu. ‘O serviço desta casa é quase o mesmo das melhores casas de campo inglesas’, reparou ele. E a própria dona da casa, ‘senhora de mui belo caráter’ e suas três filhas apareceram ao estrangeiro e participaram do jantar. Não era casa tão luxuosa como a de Caraúna. Talvez tivesse as mesmas escarradeiras, horríveis para um inglês, que Mansfield encontrou por todas as casas-grandes onde esteve no Brasil. Mas seu estilo de vida já não tinha o velho ranço muçulmano. Sentia-se em tudo um sabor mais europeu e até inglês que oriental. E as escarradeiras, a julgar pelas que aparecem nos anúncios de jornais da época, tinham sua dignidade: tal a que vem anunciada no *Diário do Rio de Janeiro* de 15 de novembro de 1821: ‘[...] huma cuspeira de prata de gosto antigo com sua tampa e aza’. Cuspeiras fidalgas que passavam de uma geração a outra”<sup>168</sup>.

Uma questão importante, que traz para a discussão os princípios da Nova História, a metodologia de pesquisa de Freyre e as características do texto jornalístico contemporâneo, especialmente o produzido pelas editorias de notícias internacionais em relação à guerra, é pensar até que ponto o texto jornalístico permanece sendo uma fonte polifônica para os pesquisadores dispostos a escrever uma nova historiografia, na medida em que se torna cada vez mais evidente a presença de vozes oficiais, vindas de declarações ou de estruturas institucionais de comunicação, em detrimento das vozes das “pessoas comuns” identificadas comumente como fontes dos jornais. Na primeira edição produzida pela *Folha de S. Paulo* depois do início da guerra, ações e declarações oficiais, em especial do governo norte-americano, mas também de governos europeus e do governo iraquiano, definiram a maior parte dos assuntos das matérias e as manchetes. A principal manchete de capa foi “EUA avançam; em

---

<sup>168</sup> Gilberto Freyre, 2000 – p. 77.

silêncio Bagdá aguarda bombardeio”<sup>169</sup>, sendo acompanhada no mesmo tom pela manchete principal do “Caderno Mundo” de notícias internacionais. A segunda matéria da primeira página do “Caderno Mundo” destaca declarações da Casa Branca, sede do governo dos EUA, com a manchete “Casa Branca alerta país pra ‘perda de vidas’”<sup>170</sup>. Na página seguinte, duas manchetes, com informações de agências internacionais, também são definidas por declarações governamentais. A primeira manchete trata do anúncio da rendição de soldados iraquianos feito por fontes militares norte-americanas: “EUA anunciam rendição de 17 iraquianos”<sup>171</sup>; enquanto que a segunda manchete aborda a atuação de um grupo especial do exército que dá detalhes da sua busca pelo presidente iraquiano: “Grupos da Força Delta ‘caçarão’ Saddam”<sup>172</sup>. O texto sobre a suposta rendição foi produzido, segundo indicações da edição, por redatores no Brasil com informações de agências internacionais de notícias e a manchete, sobre um fato não comprovado pelos próprios jornalistas da FSP mas por fontes do governo norte-americano. Composto a mesma manchete, uma cartola<sup>173</sup> com a palavra deserção reforça a verdade da prisão. O subtítulo que vem logo em seguida, abaixo do título, contextualiza o acontecimento e explica as condições onde teria se dado a suposta prisão dos iraquianos, já não mais lembrando o leitor que as prisões foram afirmações de um lado interessado da guerra, mas relatando o acontecimento da rendição: “Militares se entregam a autoridades kuaitianas no norte do Kuait antes de expirar ultimato do governo dos EUA”<sup>174</sup>.

---

<sup>169</sup> Manchete da capa da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003.

<sup>170</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003.

<sup>171</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>172</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>173</sup> Cartola é uma palavra de apoio, escrita em geral com letras maiúsculas, que vem à frente do subtítulo.

<sup>174</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

Numa matéria sem a imagem da rendição, uma prova bastante possível de ser distribuída para provar o ato já que a maior produção de imagens da guerra é de fotografos de agências internacionais que acompanham comboios norte-americanos, o jornal opta por afirmar que “não estava claro exatamente quantos iraquianos teriam se rendido, mas fontes do Kuwait e militares americanos afirmaram que eles se entregaram no fim da tarde e estavam sob custódia de autoridade kuaitianas” <sup>175</sup>. Em nenhum momento a matéria põe em dúvida se realmente havia prisioneiros fruto de rendição voluntária, aparecendo a dúvida apenas no fato de apresentarem números discordantes de rendidos. Segundo o jornal, o capitão Darren Theriault, comandante da companhia do quartel-general da 1ª. Brigada, 3ª. Divisão de Infantaria dos EUA, disse que 15 iraquianos haviam se rendido e estavam presos. Já uma autoridade kuaitiana que, segundo o jornal, não quis se identificar, “afirmou que apenas três ou quatro iraquianos haviam se rendido a militares kuaitianos” <sup>176</sup>. O jornal apresenta ainda outra fonte, Jim Wilkinson, porta-voz do Comando Central dos EUA, que teria dito “que houve dois episódios separados: um em que 15 soldados iraquianos se entregaram e outro em que dois se renderam” <sup>177</sup>. A despeito da publicação de versões diferentes do mesmo evento vindas de fontes do mesmo governo, o jornal não escolhe dizer que os militares norte-americanos e seus aliados kuaitianos estão confusos quanto ao número existente de rendições. Ele opta por somar as citações de rendição de várias autoridades norte-americanas, que resulta em 17 soldados rendidos, e anuncia esta soma como declaração do país. A manchete diz “EUA anunciam rendição de 17 iraquianos”, mas não houve declaração única do governo e sim uma sucessão de declarações de autoridades que a cada hora ofereciam um número, sendo inclusive desmentidos e posto em dúvida por fontes oficiais kuaitianas. A unificação e

---

<sup>175</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>176</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>177</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

a atribuição da fala aos “EUA” são feitas pelo jornal e não pelas fontes oficiais daquele país, que normalmente apresenta informações objetivas, coesas, municiando os jornalistas com o “fato” e não com versões, de tão articuladas e sistematizadas são as suas divulgações diárias sobre a guerra. Num dos raros momentos em que esta hegemonia e controle da informação são quebrados o próprio jornal trata de tornar inteira novamente, somando números apresentados por várias fontes norte-americanas e transformando-os em declaração do país, chegando ao total de 17 rendidos, sem qualquer contraposição de qualquer autoridade do Iraque.

Em outra página, das quatro matérias publicadas, três já nas suas manchetes trazem declarações ou ações de governos como na manchete do texto principal “Parlamento declara lealdade a Saddam”<sup>178</sup>; enquanto as outras duas matérias são “Bahrein, aliado dos EUA, oferece asilo ao ditador”<sup>179</sup> e “Israel ordena à população a portar máscara”<sup>180</sup>. As reações oficiais à guerra se mantêm em outras páginas da edição, inclusive observando as reações e declarações do governo brasileiro. Na matéria principal de página da mesma edição, o tema é a reação da União Européia, exemplificado pela manchete “Dividida, UE debaterá crise iraquiana”<sup>181</sup>, sendo seguida por um *box* com uma matéria sobre a reação francesa com a manchete “França se diz ‘chocada’ com ataques de Blair”<sup>182</sup> e pelo texto sobre o governo do Brasil com o título “Lula vai à TV para explicar oposição ao conflito”<sup>183</sup>. Na página que traz uma matéria sobre a força dos pacifistas em escala mundial, o destaque da

---

<sup>178</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A17.

<sup>179</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A17.

<sup>180</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A17.

<sup>181</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A18.

<sup>182</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A18.

<sup>183</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A18.



página é uma matéria sobre a apreensão na cidade de Nova York, que foi vítima em 2001 de atentados em aviões comerciais contra seus dois edifícios mais importantes. A cidade é o tema da reportagem e ocupa a manchete “Assustada, NY se prepara para o terror”<sup>184</sup>, mas o texto em alguns momentos traz declarações oficiais como se a voz fosse a da cidade quando na verdade trata-se de declarações das administrações municipais e federais. “A cidade promete vigilância especial, incluindo cães farejadores e esquadrões antibombas, a estações de trem e metrô, prédios governamentais, hotéis, instituições financeiras, órgãos da mídia, consulados e casas religiosas”<sup>185</sup>.

A leitura preferencial trata antes de tudo de uma busca pela hegemonia. “Ser perfeitamente hegemônico é fazer com que cada significado que você quer comunicar seja compreendido pela audiência somente daquela maneira pretendida. Trata-se de um tipo de sonho de poder – nenhum chuveiro na tela, apenas a audiência totalmente passiva”<sup>186</sup>. Ainda que esta tentativa de hegemônizar a audiência, segundo Hall, nunca seja totalmente eficaz, sempre deixe uma brecha, porque o texto sempre pode ser lido de outra maneira. “Logo, uma leitura preferencial nunca é completamente bem-sucedida: é apenas o exercício do poder na tentativa de hegemônizar a leitura da audiência”<sup>187</sup>. Hall apresenta um quadro crítico da produção informativa dos meios de comunicação ao mesmo tempo em que critica uma certa visão tradicional positivista que defende a transmissão da mensagem como modelo limpo, linear e cuja única interferência é a capacidade de compreensão do espectador/leitor/receptor. De um lado o autor propõe múltiplas possibilidades de leituras realizadas de acordo com

---

<sup>184</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A20.

<sup>185</sup> Manchete de matéria do “Caderno Mundo” da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A20.

<sup>186</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 366.

<sup>187</sup> *Idem*.

o perfil social, intelectual, de experiência do leitor e, antes de tudo, considerando que cada leitor, não através de uma atitude isolada e individual, mas compartilhada, pode fazer uma leitura diferente. De outro, atenta para que seja considerada de extrema importância a relação entre poder e discurso na produção da informação. Desse modo, o papel da leitura preferencial é fundamental na sua teoria e essencial para a análise da cobertura jornalística no Brasil da Guerra do Iraque. De acordo com posições, motivações e escolhas de atuação dos produtores da notícia, o jornal reagiu, ele mesmo, de diferentes maneiras em relação a leituras preferenciais das fontes utilizadas e das produções da imprensa internacional e produziu também suas próprias leituras preferenciais para a reação do público brasileiro. Algumas análises demonstram as leituras preferenciais assumidas pelo jornal analisado, levando em conta a relação de poder que atravessa o discurso jornalístico, a motivação que aparece na publicação e na imprensa brasileira como um todo de se colocar dentro de um sistema internacional de cobertura da guerra e, em especial, as possibilidades de tornar ineficientes determinadas leituras preferenciais, neste caso claramente as produzidas pelos veículos de informação ocidentais e pelas fontes oficiais.

Burke propõe um novo modelo para a retomada das narrativas, o interesse pelas narrativas “polifônicas”. Isso quer dizer que “diversas pessoas envolvidas nos mesmos processos contam a história desses eventos ou processos de diversos pontos de vista”<sup>188</sup>. Burke analisa que há um deslocamento do ideal da “Voz da História” para o que Bakhtin chama de “vozes variadas e opostas”<sup>189</sup>. Mas esse enfrentamento de vozes não deve servir para o pesquisador escolher quem fala “a verdade” ou qual a história “correta”. Não se trata de ser juiz, “mas usar as histórias para reconstruir as atitudes e valores dos narradores, empregando um conflito de narrativas para compor

---

<sup>188</sup> Peter Burke, 2000 – p. 18.

<sup>189</sup> Peter Burke, 1992.

uma narrativa de conflitos”<sup>190</sup>. A base da atividade jornalística é compor um mosaico de vozes, através da presença de variadas fontes, ouvindo o mínimo de “dois lados” da notícia, para citar uma premissa utilizada normalmente nas redações e nas escolas de comunicação. A importância de se avaliar a presença de vozes e discursos oficiais na cobertura de guerra, sob a perspectiva da Nova História, é avaliar uma narrativa que na sua origem e propósito englobaria esta percepção de tratar com o maior número possível de elementos e discursos, com o foco voltado para as histórias cotidianas, e perceber na escolha das fontes a presença do poder que invade o discurso. Não se trata de tornar desimportantes as narrativas e falas de pessoas e instituições que estão em posições de poder oficial, tanto que a própria Nova História reafirma além do interesse pelas “pessoas comuns”, ou numa expressão adotada por Burke, pela “história vista de baixo”, volta a sua atenção também para relatos oficiais, documentos e narrativas já consagradas, mas sob uma nova perspectiva. Esse gesto de passar a privilegiar as histórias e discursos oficiais nos textos jornalísticos da cobertura de guerra em detrimento do espaço e da importância dados a narrativas não-oficiais na maior parte das vezes não vem acompanhado de um novo olhar ou de uma análise crítica dessa presença, mas de uma real desigualdade de legitimidade do discurso proporcional à redução da crítica em relação ao próprio conflito especificamente e aos que produzem a guerra.

Em uma pesquisa sobre os prisioneiros das penitenciárias francesas no século XIX<sup>191</sup>, a historiadora francesa Michelle Perrot destaca que a principal dificuldade do trabalho foi encontrar a fala dessas pessoas. Pesquisar em textos escritos pelos próprios presos era muito difícil porque o índice de analfabetismo dos prisioneiros era sempre maior do que o da população em geral. Do mesmo modo, apesar de lidar com

---

<sup>190</sup> Peter Burke, 2000 – p. 18.

<sup>191</sup> Michelle Perrot, 1988.

um objeto composto de uma profusão de informações, chegando a dificultar o discernimento sobre o que é fonte da pesquisa e o que precisa ser recortado e de certa forma desprezado, as vozes das pessoas que vivem a Guerra do Iraque têm dificuldade de serem ouvidas e de aparecer na narrativa jornalística, enquanto que as instituições ocidentais ganham espaço privilegiado.

Perrot, em sua pesquisa, lista outros dois motivos para a escassez de textos: a “recusa a palavra” por parte da instituição penitenciária, que escondia o escrito quando ele existia ou o destruía; e a vergonha social, que estigmatizava os prisioneiros e recalcava o seu testemunho. “Num mundo hostil, somente os grandes revoltados, ou os grandes condenados, ousam falar. Os outros, a massa dos reclusos, enterram-se no silêncio: quando libertados, só têm uma obsessão: fazer esquecer o passado, para serem ‘aceitos’”<sup>192</sup>. A saída encontrada por Perrot foi de buscar nos textos oficiais das prisões o que se falava da população de excluídos sobre os quais a autora queria tratar. Na fala da instituição e de seus mentores aparecem, dependendo de quem procura, os presos franceses do século XIX. “Esses prisioneiros, desaparecidos da história, têm de ser reastreados no que se diz deles.”<sup>193</sup> Do mesmo modo, apesar de considerar um ponto fundamental da pesquisa a percepção de que discurso jornalístico sobre a guerra privilegia vozes oficiais ocidentais, é importante atentar para a presença das vítimas da guerra mesmo no discurso oficial. No discurso do Primeiro Ministro britânico, Tony Blair, feito depois do início dos bombardeios ao Iraque, é possível perceber como aparecem os iraquianos e outras populações do Oriente Médio, a espera de que agentes externos levem a paz à região, segurança a Israel e uma viabilidade estável a um futuro Estado palestino. “O presidente Bush e eu nos comprometemos com a paz no Oriente Médio baseada num Estado de Israel

---

<sup>192</sup> Michelle Perrot, 1988 – pp. 238 e 239.

<sup>193</sup> *Idem* – p. 239.

seguro e num Estado Palestino viável”<sup>194</sup>. No mesmo discurso que define o Outro como passível de salvação ao mesmo tempo como ameaça, define a si mesmo quando continua explicando os motivos que levaram a Inglaterra à guerra. “O Reino Unido nunca foi uma nação de se esconder e, mesmo se fosse, isso não nos salvaria”<sup>195</sup>.

Perrot utiliza o mesmo método de pesquisa para estudar o que os operários do final do século XIX pensavam de seus patrões. A historiadora chegou a muitas representações diferentes que foram se alterando com o passar do tempo e recebendo influência dos acontecimentos históricos. Os patrões eram vistos como pais, depois como inimigos, foram senhores barrigudos ou ainda vampiros e todo tipo de besta. Mas a pesquisadora foi procurar essas representações em discursos curtos, dispersos, muitas vezes reduzidos a frases ou palavras, um verdadeiro vocabulário de insultos que qualificava os patrões mais do que os descrevia. “Toda ação se inscreve num modo de representação; não existe consciência de classe sem visão de mundo ou cultura sem elaboração de uma simbologia”<sup>196</sup>. Do mesmo modo, os discursos sobre a guerra devem ser procurados nos fragmentos que são as notícias dos jornais diários, percebendo que o seu conjunto representa uma visão de mundo e uma elaboração simbólica do mundo contemporâneo e da experiência da guerra.

Carlo Ginzburg, em seu livro *O queijo e os vermes*, reconstrói a vida do moleiro Menocchio e coloca em questão a relevância de se estudar um único indivíduo em relação ao seu nível social<sup>197</sup>. O autor encontra pelo menos uma boa razão que justifica a investida: “Não é objetivo de pouca importância estender às classes mais baixas o conceito histórico de ‘indivíduo’”<sup>198</sup>. Partindo desse objetivo,

---

<sup>194</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A18.

<sup>195</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A18.

<sup>196</sup> Michelle Perrot, 1988.

<sup>197</sup> Carlo Ginzburg, 1987 – p. 26.

<sup>198</sup> *Idem*.

Ginzburg refaz a história de Domenico Scandella, conhecido em sua época como Menocchio, que foi processado e executado pela Inquisição no século XVI. “Graças a uma farta documentação, temos condições de saber quais eram suas leituras e discussões, pensamentos e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos”<sup>199</sup>.

Mas o autor não chega a Menocchio com facilidade. As dificuldades, para Ginzburg, se resumem a duas principais. A primeira delas é o fato das fontes históricas serem em sua maioria escritas. “A cultura das classes subalternas<sup>200</sup> é predominantemente oral”<sup>201</sup>. A outra dificuldade é que os textos analisados são de autoria de indivíduos mais ou menos ligados às classes dominantes<sup>202</sup>. “Isso significa que os pensamentos, crenças, esperanças dos camponeses e artesãos do passado chegam até nós através de filtros e intermediários que os deformam”<sup>203</sup>. Mas é através dos arquivos da Inquisição, dos depoimentos do moleiro e de seus conhecidos ao Santo Ofício que Ginzburg dá forma à sua idéia de quem foi Menocchio, como vivia e como via o mundo. Do mesmo modo, o jornalismo deveria chegar às vítimas da guerra ou aos indivíduos e povos envolvidos apesar da avalanche de informações oficiais, hoje estruturadas através de produtos institucionais de comunicação articulados no interior dos gabinetes governamentais diretamente voltados para construir uma relação estreita com a imprensa. Mas nesta análise o que se percebe em muitos momentos é a falta desse outro olhar, permitindo que a cobertura jornalística da guerra seja impregnada demais pelo discurso oficial. É objetivo desta pesquisa,

---

<sup>199</sup> Carlo Ginzburg, 1987 – p. 12.

<sup>200</sup> Ginzburg utiliza a expressão “classes subalternas” em lugar de “classes inferiores” por acreditar que este conceito é mais amplo e despojado de uma conotação paternalista a qual estaria ligado o termo “classes inferiores”. “Classes subalternas” é um termo utilizado anteriormente por Gramsci em suas anotações sobre folclore e classes subalternas. Ginzburg oferece essa explicação em *O queijo e os vermes* – p. 243, em nota correspondente à página 16.

<sup>201</sup> Carlo Ginzburg, 1987 – p. 18.

<sup>202</sup> *Idem.*

<sup>203</sup> *Idem.*

perceber quando isso acontece e quando a cobertura da guerra consegue ultrapassar essa primeira camada de informações e discursos para chegar até as histórias de pessoas que não possuem assessorias de imprensa e que testemunham mais intimamente o acontecimento da guerra. Além disso, ainda que essas brechas sejam poucas diante da cobertura diária de um grande jornal brasileiro que busca se inserir na cobertura internacional, cabe à pesquisa que utiliza a imprensa como fonte e a cobertura da guerra como objeto de estudo perceber, mesmo no discurso oficial transmitido pelo texto jornalístico, a presença dessa população que, do mesmo modo que o moleiro de Ginzburg, tem uma produção discursiva muito mais oral do que escrita. Nas referências que os atores oficiais fazem a essas populações também estão presentes elementos que aproximam o pesquisador dessas experiências e também revelam como o próprio discurso oficial percebe essas populações, a guerra que produz e a imprensa que tenta atingir e que ajuda a construir.

Ginzburg apenas toma o cuidado de não repetir o equívoco que identifica, sem a intenção de desqualificar o trabalho dessa área de pesquisas, nas conclusões observadas pelos autores da “história das mentalidades” como Lucien Febvre. Para Ginzburg, a armadilha é tentar identificar as coordenadas mentais de uma era inteira através da investigação de um indivíduo.<sup>204</sup> Febvre fala nos “homens do século XVI”<sup>205</sup>. Do mesmo modo, o cuidado nesta pesquisa é não generalizar as características da cobertura jornalística de um veículo na forma geral como as imprensas brasileira e mundial trataram o evento, ainda que seja um momento importante na trajetória do jornal e que ele figure hoje como o principal jornal diário brasileiro e que a cobertura da guerra, como importante tema das editorias de notícias internacionais nos principais jornais do mundo, seja vista como o momento mais

---

<sup>204</sup> Carlo Ginzburg, 1987 – p. 31.

<sup>205</sup> Lucien Febvre *apud* Carlo Ginzburg, 1987 – p. 31.

importante para se avaliar a relação da imprensa brasileira e do jornal *Folha de S. Paulo* com a imprensa internacional, suas pretensões de fazer parte de um grupo seleto de empresas jornalísticas e o olhar que lança sobre fontes oficiais e sobre as vítimas locais da guerra. A preocupação de Ginzburg está em ter cuidado com as generalizações, na medida em que o autor tenta evitar a afirmação de uma cultura hegemônica, no caso do seu estudo sobre o século 16, comum aos artesãos e aos grupos marginais como os vagabundos.<sup>206</sup> O autor justifica o estudo de um indivíduo de onde se parte para uma análise mais geral do período estudado sem que, no entanto, se tente homogeneizar a época ou os indivíduos. “Apenas se está querendo delimitar um âmbito de pesquisa no interior do qual é preciso conduzir análises particulares. (...) Só desse modo será possível eventualmente generalizar as conclusões a que se chegou neste estudo.”<sup>207</sup> Diante disso, se coloca a importância da análise de um jornal em específico, que pode contribuir para entender as tendências das coberturas de grandes veículos brasileiros de circulação nacional com o cuidado de perceber as brechas dessa cobertura, os diferentes elementos que a influenciam e as formas de resistência presente tanto no texto jornalístico diário, quanto nos discursos das populações e pessoas que experienciam a guerra no local e ainda as novas formas de comunicação que surgem da periferia para dar a sua versão dos acontecimentos da guerra.

Apesar da falta de saída aparente no romance de Orwell, especialmente porque a personagem principal é surpreendida, presa e torturada até que passe de algum modo a fazer parte do sistema, o autor deixa uma brecha para resistência. A língua aparece como fator de resistência ao *Big Brother* já que, apesar das constantes tentativas, a versão definitiva do dicionário ideal para o sistema não chega a ser concluída ao

---

<sup>206</sup> Carlo Ginzburg, 1987 – p. 32.

<sup>207</sup> *Idem* – pp. 32 e 33.



longo de toda a obra. O “*Oldspeak*” é a última mudança restante para que todo o programa do Partido seja definitivamente implantado e a língua é a última fronteira que impede o *Big Brother* de comandar a sociedade definitivamente. No final do livro o narrador fala que a nova língua do *Party* será implementada definitivamente apenas em 2050, uma data que, para a própria narrativa, está longe demais para ser considerada definitiva. Do mesmo modo que a cobertura e as várias leituras existentes na edição dos jornais sobre a guerra, não aceitando a priori os significados apresentados pelos discursos oficiais, proporcionando nuances de significados, complexificando atitudes e expressões, constituem um espaço possível de resistência. Ainda que o discurso oficial seja simplificador, reduza significados, esteja presente em abundância nos textos, agende as matérias e busque apresentar apenas uma interpretação para os fatos, ações e eventos, a crítica e a análise do próprio discurso oficial, seja ele de que Estado ou autoridade for, oferece uma oportunidade de resistência da língua e da interpretação.

A *Folha de S. Paulo* não se detém a analisar diretamente o tom ou o conteúdo do discurso do presidente dos EUA, deixando para a versão eletrônica a matéria sobre o conteúdo do primeiro pronunciamento, inclusive publicando na versão para a internet a imagem do estadista em seu gabinete tendo ao fundo a bandeira norte-americana e dois porta-retratos com as imagens das duas filhas em um deles e no outro a de sua mulher e o cachorro da família. Para a versão impressa, alvo principal desta análise, a escolha foi compor uma página com a íntegra do discurso presidencial, com destaque principal para uma matéria jornalística que analisasse a reação do presidente no primeiro dia da guerra, constando já no título a tentativa de uma leitura crítica do próprio discurso do presidente e do governo. “Bush tenta

mostrar tranqüilidade”<sup>208</sup>. Logo abaixo do título e compondo a matéria, o jornal publica uma foto do presidente norte-americano em atividade rotineira em seu gabinete, junto de mais três membros do governo, identificados pela legenda como sendo o vice-presidente Dick Cheney, George Tenet, do Serviço Secreto dos EUA (CIA) e o chefe de gabinete Andrew Card. A imagem, cedida e com créditos de Eric Draper, da “Casa Branca”, mostra o presidente observando a conversa do vice-presidente e do membro da CIA enquanto lida com documentos sobre a mesa, sendo observado pelo chefe de gabinete. A imagem da rotina de trabalho produzida pelo próprio governo e creditada para sua assessoria é comentada pelo jornal com o título citado e pela matéria que segue, apresentando um olhar sobre o próprio discurso oficial, no lugar de simplesmente transmitir o discurso de tranqüilidade produzido oficialmente pelo governo dos Estados Unidos, segundo a observação do próprio jornal. “O presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, tentou passar ontem um clima de normalidade ao país enquanto autoridades do Pentágono voltaram a insistir para que a população se prepare para a ‘perda de vidas’ no conflito contra o Iraque”<sup>209</sup>.

No momento em que relativiza o discurso oficial, apresentando-o como ele é e estando atento para uma reflexão do que é dito oficialmente e não relatando afirmações como fatos, o jornal se distancia do discurso hegemônico da imprensa internacional e passa a realizar uma cobertura própria e crítica aos acontecimentos que se sucedem. Junto com a leitura de que o governo estava tentando demonstrar tranqüilidade num momento de tensão, para comprovar a dificuldade do momento, além de reforçar a própria existência da guerra, o texto descreve com certo detalhe as manifestações que ocorrem concomitantemente ao clima de aparente rotina na sede do

---

<sup>208</sup> Título publicado na matéria principal de página da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

<sup>209</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

governo. “Apesar da intenção do presidente, um clima hostil prevaleceu do lado de fora da Casa Branca. Cercada por 30 carros da polícia, a sede do governo e o centro de Washington voltaram a ser alvos de protestos de manifestantes contrários à guerra – que terminaram em três prisões” <sup>210</sup>. Novamente a visão crítica do jornal aparece quando surge sua capacidade de refletir sobre os discursos que recebe, em especial os oficiais, e no momento em que opta por um texto próprio, produzido a partir do olhar de seus próprios jornalistas, que comparam o discurso oficial com seu próprio testemunho e com as declarações de fontes de “pessoas comuns”. “Do lado de fora da Casa Branca, a avenida Pensilvânia, em frente à sede do governo, permanecia fechada pela polícia. Mesmo assim, mais de 50 manifestantes gritavam nas proximidades: ‘Não faça guerra por petróleo’. A poucos metros dali, 150 pessoas fecharam por algum tempo pontes sobre o rio Potomac, que cruza a cidade, enquanto dezenas de outros protestavam por Washington dirigindo bicicletas sob uma chuva torrencial e gelada”<sup>211</sup>. Os dois textos principais que compõem a página que trata sobre o primeiro dia da guerra em Washington são assinados pelo correspondente da *Folha de S. Paulo* na cidade, Fernando Canzian.

Em matéria sobre a prisão de soldados norte-americanos e a exibição de supostos corpos de soldados dos Estados Unidos, o correspondente do jornal aborda a reação da imprensa do país e a contrariedade do governo norte-americano em ver divulgadas na imprensa imagens dos prisioneiros e dos corpos por considerarem ilegal a exibição de prisioneiros de guerra. O presidente norte-americano é exposto irritado com a possível difusão das imagens. “O presidente dos EUA, George W. Bush, disse ontem esperar que os soldados americanos capturados pelo Iraque sejam tratados com

---

<sup>210</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

<sup>211</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 21 de março de 2003 – p. A16.

‘humanidade, da mesma maneira que nós trataremos nossos prisioneiros’”<sup>212</sup>. Outro membro do governo é questionado sugerindo que as emissoras do país não retransmitam à população norte-americana tais imagens. “Questionado se estava ‘solicitando’ às emissoras para que não apresentassem as imagens, Rumsfeld disse: “O que estou dizendo é que se trata de violação às Convenções de Genebra – e é isso o que está acontecendo”<sup>213</sup>. Com base nas declarações oficiais, apresentadas e questionadas ao longo da matéria, o texto revela a reação posterior das emissoras de TV e dos jornais norte-americanos que optaram por não publicar nenhuma imagem da prisão ou da morte dos soldados dos EUA. “Em seguida, a CNN informou que as imagens, ‘chocantes e perturbadoras’, não seriam exibidas. Fora dos EUA, a CNN internacional chegou a mostrar as cenas, mas deixou de veiculá-las depois. Até o fechamento desta edição, as maiores redes de TV dos EUA e seus *sites* na internet não haviam mostrado as cenas”<sup>214</sup>.

Na mesma interpretação, o texto do correspondente da *Folha de S. Paulo* em Washington trata ainda da resistência à ação das emissoras norte-americanas e das brechas encontradas para veicular as imagens em debate. “A única imagem (congelada) da Al-Jazeera que foi ao ar nos EUA mostrou os troncos e membros de soldados em uniforme militar americano caídos em uma sala”. Protestos de ativistas anti-guerra são mencionados pelo jornalista para mostrar que a não exibição das imagens causou reação em parte do público, que acusa as emissoras de não cobrirem a guerra de maneira proporcional, não dando espaço semelhante às ações de guerra e as ações contrárias à guerra. “Ontem, a CNN e NBC foram alvos de protestos em seus escritórios em Los Angeles. Manifestantes acusam as emissoras e jornais americanos de não estarem dando espaço em seu noticiário às várias reações contrárias à guerra

---

<sup>212</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 24 de março de 2003 – p. A13.

<sup>213</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 24 de março de 2003 – p. A13.

<sup>214</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 24 de março de 2003 – p. A13.

em todo o país. Proporcionalmente ao volume de notícias relacionadas ao conflito, o espaço dado aos manifestantes é, efetivamente, mínimo” <sup>215</sup>. Neste parágrafo, o jornalista não apenas utiliza a própria fala oficial para realizar sua análise como inclusive emite uma conclusão própria de que a imprensa norte-americana tem dado menos espaço aos que criticam a guerra. Na sequência, o texto expõe o motivo para explicar esta preferência, num mesmo sentido desta análise, que aponta para uma maior independência do jornal brasileiro à medida que produz análises e textos próprios não vinculados ao discurso oficial. Segundo o jornal, a presença dos jornalistas norte-americanos inseridos como parte das tropas do país tem comprometido a cobertura e privilegiado as notícias favoráveis à guerra em detrimento das análises críticas ao conflito. “As TVs, com dezenas de enviados especiais junto às tropas, têm mantido um tom patriótico e sentimental. Ao se identificarem, os jornalistas que acompanham os soldados informam sempre a situação dos batalhões em que estão com o objetivo, segundo os apresentadores dos noticiários, de mostrar ‘às pessoas e familiares amados’ que tudo vai bem”<sup>216</sup>. No final da matéria toca num dos pontos cruciais que é o temor do país em começar a se deparar com mortos norte-americanos. “De fato, mesmo que por alguns segundos, os EUA viram ontem pela primeira vez nesta guerra uma imagem na TV de alguns de seus soldados mortos”.

Para algumas personagens do romance de Orwell e no discurso do aparente grupo de “Resistência” ao “*Big Brother*”, no proletariado também reside a esperança. Para o “Partido” essa esperança não existe na medida em que o proletariado jamais se organizará e sempre temerá e acreditará no mundo construído pelo “Ingsoc”. As manifestações contrárias à guerra e pontos de resistência crítica ao discurso oficial

---

<sup>215</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 24 de março de 2003 – p. A13.

<sup>216</sup> Matéria publicada na edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 24 de março de 2003 – p. A13.

garantem que está nos leitores da imprensa e na imprensa periférica como leitora crítica dos discursos oficiais e dos discursos hegemônicos da imprensa internacional a chave para a resistência. Essa leitura faz eco com outra proposta de Stuart Hall quando apresenta uma nova maneira de construir o circuito da comunicação. Não mais de uma maneira linear onde a mensagem é criada pelo emissor e transmitida através do meio ao receptor, apenas com uma relação progressiva de causalidade, mas considerando a circularidade das partes que compõem o circuito, que continuam se influenciando e se reposicionando. Desse modo, o receptor, que para Hall passa a se chamar decodificador, ocupa o espaço não só de receptor da mensagem, mas também de recodificador na medida em que vai repassar a sua leitura daquela informação, no caso jornalística, e pode inclusive servir de fonte para novas produções discursivas e novas matérias. Mais do isso, o autor pensa o circuito em termos de produção, circulação, distribuição ou consumo da mensagem e reprodução, ou seja, a produção dependeria de meios materiais utilizados pelos aparatos da comunicação, fazendo o produto circular e ser distribuído em forma de discurso em diferentes audiências para ser traduzido e transformado em prática sociais, levando esse decodificador a se tornar ele mesmo produtor de sentido na medida em que repassa a sua leitura e em muitos momentos ocupará inclusive o lugar de fonte de futuras notícias. “Isto seria pensar o processo como uma ‘complexa estrutura em dominância’, sustentada através da articulação de práticas conectadas, em que cada qual, no entanto, mantém sua distinção e tem sua modalidade específica, suas próprias formas e condições de existência”<sup>217</sup>. Desse modo, Hall sugere uma circularidade dos componentes desse circuito de produção da informação, com suas conexões e influências, mas admite uma relativa independência, ou antes disso, uma impossibilidade de dependência entre

---

<sup>217</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 387.

um momento e outro, ou seja, a leitura não está jamais garantida pela leitura inicial dada na produção da mensagem, no caso da produção jornalística, apesar de estar intimamente ligada a ela e se posicionando como uma resposta a essa produção. “Ler nesse sentido não é apenas o indivíduo solitário dos ‘usos e gratificações’. Não se trata da leitura puramente subjetiva: ela é compartilhada; possui uma expressão institucional; relaciona-se com o fato de que você é parte de uma instituição”<sup>218</sup>.

O próprio jornal brasileiro em alguma medida também pode ser pensado como receptor de informações produzidas por jornais e emissoras internacionais, cuja estrutura muitas vezes está próxima do poder governamental, político e econômico que produz a guerra ou o tem como fonte primária e principal, e faz a sua própria leitura desse conteúdo, para então recodificá-la para o seu público-alvo. Todos os momentos do circuito da comunicação, para o autor, são articulados mas nenhum momento consegue garantir o próximo. Desse modo, a produção da notícia nos grandes jornais e emissoras de TV internacionais faz circular uma gama de discursos que serão traduzidos pelos jornais e emissoras brasileiros, e também muitas vezes diretamente pelo público, sendo transformados em práticas sociais e novos discursos, sem a garantia de que a leitura preferencial será a mesma. Esta relação vai depender dos fatores como o desejo de fazer parte da cobertura mundial, da proximidade e do contato com fontes diretas, do privilégio a fontes oficiais, de acordo com as leituras preferenciais que já constituem o modo de produção da informação no interior da imprensa brasileira e as brechas para as resistências. “Um dos momentos políticos mais significativos (eles também coincidem com os momentos de crise dentro das próprias empresas de televisão, por razões óbvias) é aquele em que os acontecimentos que são normalmente significados e decodificados de maneira negociada começam a

---

<sup>218</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 378.

ter uma leitura contestatória. Aqui se trava a ‘política da significação’ – a luta no discurso”<sup>219</sup>.

Dois momentos da cobertura da *Folha de S. Paulo* desenham a publicação como um espaço que resiste a um discurso hegemônico que justifica a guerra e apresentam o trabalho do jornal como original e próprio. Trata-se dos textos de autoria dos jornalistas da FSP produzidos com “pessoas comuns” e fontes não-oficiais, feitos no Brasil ou por correspondentes em outros países, e aqueles produzidos pelos correspondentes do jornal no Iraque. Na mesma página que destaca a suposta rendição dos soldados iraquianos, utilizando como fonte agências internacionais, que por sua vez utilizaram como fonte o governo norte-americano, em muitos momentos apresentando versões como fatos, também foi publicada uma matéria produzida na redação principal em São Paulo e assinada pelo editor-assistente de Ciência, Claudio Angelo, sobre uma brasileira cujo marido norte-americano estava prestes a entrar no Iraque como parte do exército dos Estados Unidos. A matéria, que trata do temor da mulher em perder seu marido na guerra, destaca o medo do conflito e uma crítica à iniciativa de atacar o Iraque: “Brasileira teme por marido no front”<sup>220</sup>. O subtítulo reforça ainda mais a proximidade do conflito com o Brasil e mostra a crítica da brasileira: “Paulistana casada com soldado americano diz que invasão é um erro”<sup>221</sup>. A estudante paulistana Gabriela Byzenski, de 26 anos, é casada com o soldado norte-americano que já serviu na Bósnia e na Somália e que agora aguarda a invasão do Iraque em uma tropa estacionada na Jordânia.

O cuidado com as informações começa na descrição do quadro da guerra, ao localizar o soldado e tratar da possível invasão de Bagdá que o repórter escreve

---

<sup>219</sup> Stuart Hall, 2003 – p. 402.

<sup>220</sup> Título de matéria da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>221</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.



“quando e se acontecer”<sup>222</sup>. Até aquele momento havia notícia apenas dos primeiros bombardeios sobre a capital do Iraque e a promessa de invasão, considerando que a edição da FSP não poderia trazer sequer essas informações, já que foi encerrada antes que a guerra efetivamente começasse. “Sua companhia deve ser a segunda a entrar em Bagdá quando – e se – a capital iraquiana for invadida”<sup>223</sup>. A dúvida sobre a invasão de Bagdá não aparece no texto publicado na mesma página sobre o grupo de soldados norte-americanos chamado de “Comando Delta”, baseado em textos dos jornais *USA Today* e *NYTimes*, cujo objetivo é explicar como soldados de elite farão para caçar, capturar e matar Saddam Hussein. Não está em questão na matéria se a guerra começará e se Bagdá será invadida, apenas fica claro que a capital do Iraque será palco da caçada. “O mais provável é que o ditador resista em Bagdá. Cerca de 10 mil guardas republicanos (os mais fiéis ao regime) teriam sido deslocados de outras regiões para a capital”<sup>224</sup>. Também fica claro na matéria, com o exemplo da brasileira e seu marido norte-americano, que os soldados se alistam no exército dos EUA muitas vezes para aumentar a renda familiar, sem considerar que em alguns meses podem ser enviados para uma guerra. Foi o que aconteceu, segundo a matéria, com Anthony, que trabalhava como policial em Boca Raton, na Flórida, onde mora com a mulher. Tony teria se alistado como reservista para aumentar o orçamento doméstico em 400 dólares por mês. “Dois meses depois, foi convocado e mandado para uma base na Geórgia”<sup>225</sup>. A matéria faz todo esse relato, contando como uma iniciativa para aumentar a renda pode resultar no que a entrevistada chama de “congelar a vida por um ano”<sup>226</sup>, tendo seu marido sido enviado para lutar na Guerra do Iraque.

---

<sup>222</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>223</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>224</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>225</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>226</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

A matéria também revela que tanto ela quanto o marido soldado são contrários à invasão. Apesar de ter servido em outros conflitos e admirar o serviço militar, segundo o jornal e a fonte, Tony seria contra a guerra, considerando o presidente dos Estados Unidos “precipitado” e afirmando que a “ONU deveria ser responsável por uma ação” <sup>227</sup>. A estudante brasileira ainda aparece na matéria afirmando que seu marido foi à guerra condenando o presidente dos EUA, afirmando que não votará mais nele e faz ela mesma a sua previsão para o conflito. “Gabriela afirma que o marido está arrependido de ter votado em Bush e que acha a ação no Iraque ‘horrível’. Para ela, a guerra será ‘uma carnificina’, que cobrará seu preço depois sobre a tranquilidade dos americanos no planeta” <sup>228</sup>.

Além da série de matérias, opiniões e imagens organizadas e publicadas das variadas procedências, com destaque para as vindas de agências internacionais, o carro-chefe da cobertura do jornal e seu momento de maior personalidade é a realizada por seus enviados especiais a Bagdá. Mesmo na primeira edição nacional da FSP, que tem a deficiência da chegada do repórter à capital apenas tarde da noite, o destaque maior e o seu diferencial são as impressões e interpretações do jornalista e do repórter fotográfico da *Folha de S. Paulo* que vêm diretamente o Iraque. A chamada principal da capa é sobre sua reportagem (“Sérgio Dávila, enviado especial a Bagdá” <sup>229</sup>), assim como a primeira página do “Caderno Mundo”. O envio de dois jornalistas, para produzir textos e imagens, é o diferencial do jornal em relação aos demais veículos brasileiros, inclusive à maior emissora de TV que enviou um repórter para o Oriente Médio, mas não ao Iraque. Mário Rosa, ao analisar crises de imagem, percebe nesse tipo de evento possibilidades para uma diferenciação entre os veículos, que contemporaneamente realizam coberturas muito homogêneas por terem acesso às

---

<sup>227</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>228</sup> Matéria da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A16.

<sup>229</sup> Capa da primeira edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003.

mesmas informações através de agências internacionais e da velocidade da internet. “De certa forma, as crises de imagem acabam por permitir uma individualidade a cada um dos veículos de informação, durante o processo sangrento de evolução da própria crise” <sup>230</sup>.

Se for possível pensar na guerra, além de sua conseqüência fatal, também em termos de “um conjunto de eventos que pode atingir o patrimônio mais importante de qualquer entidade ou personalidade que mantenha laços estreitos com o público: a credibilidade, a confiabilidade, a reputação” <sup>231</sup>, a cobertura jornalística do conflito está lidando com a interpretação de acontecimentos singulares e com a imagem de instituições que vão dos envolvidos diretamente na guerra aos próprios jornais. Além disso, as reações à guerra por parte da imprensa são semelhantes às provocadas nesses veículos em coberturas de crises de imagem nos moldes como são descritas pelo autor. Para Rosa, em eventos que considera crises de imagem, aparece a oportunidade de diferenciação, e de disputa, entre os veículos. “As grandes crises de imagem oferecem a oportunidade para os veículos de informação travarem uma batalha num campo comum (a crise), utilizando armas semelhantes (a capacidade de investigação, de aprofundamento do tema), para que, ao final do desafio, o melhor acabe vencendo”<sup>232</sup>. Para o autor, essa diferenciação se dá na busca de uma informação que nenhum outro veículo dispõe e que o público ainda não teve acesso ou nem sabe que existe como “o cheque que comprova um ilícito” <sup>233</sup> ou no caso da guerra, uma declaração de Saddam Hussein exclusiva horas antes do ultimato ou informações exclusivas sobre uma iniciativa inédita do exército norte-americano.

---

<sup>230</sup> Mário Rosa, 2001 – p. 25.

<sup>231</sup> *Idem* – p. 21.

<sup>232</sup> *Idem* – p. 25.

<sup>233</sup> *Idem* – p. 26.

No caso da cobertura do jornal brasileiro em relação aos demais veículos, não apenas impressos, o diferencial foi a presença do repórter na capital do país, primeiro local bombardeado quando a guerra começou. Este diferencial é evidenciado e utilizado pela *Folha de S. Paulo* como a marca de sua cobertura no mês de edições publicadas com a presença dos jornalistas no Iraque. Além de individualizar a sua cobertura através da presença dos enviados a Bagdá, a possibilidade se dá, não competindo com emissoras norte-americanas e agências internacionais, que possuem muito mais estrutura financeira, material e número de profissionais no local, mas encontrando assuntos para suas matérias que pudessem interessar ao público brasileiro como o fato de existir 110 mil Passats em circulação no país, fabricados no Brasil e exportados para o Iraque nos anos 80, antes do país sofrer o embargo de uma década após a Guerra do Golfo (1991).

Mais do que se diferenciar buscando informações oficiais privilegiadas, que jamais ganhariam em detrimento de canais como as norte-americanas *Fox News* e *CNN*, a diferenciação do jornal brasileiro se deu pela presença mostrando o dia-a-dia de uma população em guerra. A decisão de não competir com as agências internacionais na cobertura dos fatos oficiais da guerra e optar por mostrar o cotidiano dos iraquianos, especialmente assuntos relacionados de algum modo com a realidade brasileira, aparece nos próprios relatos dos jornalistas que realizaram a cobertura e nas suas conclusões sobre o trabalho executado. O fotógrafo da *Folha de S. Paulo*, Juca Varela, faz diferença entre a cobertura “homogênea e fria” das agências internacionais de notícias, que cobrem a guerra para um público mundial hipotético, já que suas notícias são vendidas para países e periódicos tão distintos, e o envio de jornalistas brasileiros para cobrir a guerra para leitores brasileiros. “O diferencial está em mostrar o cotidiano das pessoas ao invés de depender do que as agências

internacionais acham que é notícia, ou querer competir com essas agências na cobertura oficial, já que elas têm estrutura em muitos lugares diferentes que nós, com a nossa estrutura, não conseguimos chegar. Depender de agência fica uma cobertura fria, pasteurizada. É a diferença de mandar uma equipe brasileira para fazer uma cobertura para leitores brasileiros”<sup>234</sup>.

O objetivo do jornal é encontrar formas de se diferenciar dos demais periódicos brasileiros e as estratégias para isso são diversas e vão em duas direções: de um lado explorar a cobertura do cotidiano de uma população em guerra, através de pautas que identifiquem os iraquianos com a população brasileira, despertando no leitor da *Folha de S. Paulo* o interesse em saber mais sobre aquele país e aquelas pessoas, por intermédio dos enviados especiais brasileiros aos Iraque; e de outro construir ao longo da cobertura, que inclui muitas outras fontes de informação, de textos e de imagens, a sua inserção na cobertura das grandes publicações diárias internacionais. Observar a primeira edição de 20 de março de 2003 da *Folha de S. Paulo*, primeiro dia da Guerra do Iraque, apesar de ainda ser uma edição dos acontecimentos do momento em que começa a ser vendida nas bancas porque a guerra já havia começado nesse momento, mas não quando a edição foi produzida e fechada, é ter idéia do mosaico de fontes, opiniões, versões, declarações e análises que compõem a cobertura de um jornal do seu porte e do seu alcance.

---

<sup>234</sup> Juca Varella em palestra na UFSC, 2006.

## **A guerra e as cidades**

As imagens produzidas sobre a cidade contemporânea são definidoras do olhar construído no Ocidente sobre a Guerra no Iraque e sobre as populações do Oriente Médio de um modo geral. As cidades e as pessoas estão sempre ligadas à violência e à desordem. Nunca são representadas como uma pólis ordenada, democrática, cujo funcionamento depende de leis e de normas. O Iraque e outros países do Oriente Médio nunca têm escolas, prefeitura, sede de governo porque as únicas imagens e histórias contemporâneas construídas desses locais e dessas populações são produzidas em períodos de guerra, quando tudo é destroço, destruição, caos, escombros, morte. Trata-se sempre de ruínas, de números de mortos e de corpos exterminados, sejam eles ou por eles. É interessante comparar a idéia de cidade quando a cobertura da imprensa trata dos atentados de 11 de Setembro e de Nova York e quando trata de cidades como Bagdá durante a Guerra do Iraque.

Trata-se de duas cidades sendo atacadas, atingidas e tendo parte de sua estrutura destruída. Por que Nova York recebeu atenção do mundo inteiro, provocou comoção e deixou a sensação de que a cidade jamais poderia ter sido um alvo para um ataque daqueles, ao passo que os bombardeios a Bagdá já viraram parte do cotidiano dos telejornais e mesmo as primeiras bombas despejadas sobre a cidade não provocaram na imprensa a mesma reação de espanto e de principalmente de terror e incredulidade provocadas pelo ataque às torres do WTC em NY? A edição que circulou apenas em São Paulo em 20 de março de 2003 traz algumas matérias escritas após iniciarem os primeiros bombardeios a Bagdá. Uma delas, produzida na redação do jornal no Brasil e não pelo enviado a Bagdá, com o título “Primeiros mísseis dos

EUA visam atingir Saddam e seus generais”<sup>235</sup> destaca que a guerra teria começado “menos arrasadora do que se previa”<sup>236</sup>, ainda que não esclareça quem mantinha antes essa previsão nem assumindo que talvez se imaginasse uma ofensiva massiva e destruidora por completo em função do poderio militar dos EUA e da percepção de cidade moderna e ordenada que os ocidentais não têm sobre metrópoles da região como Bagdá. A expectativa de parte da imprensa era que se cumprisse o potencial bélico norte-americano sob a imagem da destruição massiva da capital, tanto que o destaque da matéria é a surpresa do ataque não ter sido arrasador. Essa matéria evidencia tanto a imagem dos EUA como uma potência armada o suficiente e capaz de atacar um país de forma arrasadora quanto a imagem de uma cidade e de uma região onde é possível não apenas imaginar como esperar um ataque arrasador, causando surpresa traduzida em manchetes e textos quando essa destruição imediata não ocorre.

Essa expectativa é mantida por jornais ocidentais, de países centrais e envolvidos no conflito, mas também de países periféricos como o Brasil, cujas cidades também não são ordenadas e modernas o suficiente no imaginário de parte da população européia e norte-americana. Mas no momento em que o olhar se volta para o Oriente Médio, em alguns pontos, em especial no modo de ver a cidade, a percepção da imprensa ocidental central e periférica se assemelham, percebendo aquele lugar como pré-moderno, caótico e passível de um ataque destruidor – especialmente se tratando dos textos produzidos à distância sobre a região, diferente em muitos momentos da percepção dos enviados ao local, que se aproximam das vítimas iraquianas da guerra e não apenas do ponto de vista ocidental. Neste sentido, a

---

<sup>235</sup> Manchete da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003, “Caderno Mundo”, em circulação apenas em São Paulo.

<sup>236</sup> Matéria da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003, “Caderno Mundo”, em circulação apenas em São Paulo.

expressão “destruidor” tem sentidos diferentes quando se trata de uma cidade ocidental como Nova York e uma cidade oriental como Bagdá. Ainda que sobre a capital do Iraque já tenham sido, no momento da produção da matéria, despejadas e noticiadas algumas toneladas de bombas, a destruição é considerada pequena e não arrasadora, enquanto que a destruição de duas torres em Nova York significou um golpe arrasador sobre a cidade, sobre o país de modo geral e, segundo o governo norte-americano, de acordo com a imprensa da época, sobre o mundo civilizado. Além de fatores específicos de cada evento, incluindo o poderio militar dos atores envolvidos e o elemento surpresa do 11 de setembro, o principal elemento é o olhar e o imaginário ocidental para as duas regiões. A matéria conclui que o ataque inicial foi menos destrutivo do que o esperado, justificando esta tese até o fim do texto, demonstrando em número de soldados e tipos de armamento a capacidade de destruição, ainda não utilizada até o momento pelos Estados Unidos. “A rádio estatal iraquiana saiu do ar, segundo correspondentes em Bagdá, mostrando que o começo do ataque foi mais político-psicológico do que destrutivo” <sup>237</sup>. Vários elementos podem ser discutidos como a premeditação dos ataques a Bagdá, a declaração de guerra que anuncia o ataque, o conceito de guerra que traz em si mesmo a definição de um prolongamento no tempo da destruição, em contraste com a surpresa provocada por um ataque não anunciado como foi o caso da cidade norte-americana. Ainda considerando todos os elementos, é possível dizer que o conceito de cidade para cada uma delas, do ponto de vista da imprensa internacional ocidental e brasileira, já é distinto antes mesmo de ambos os ataques.

Basicamente as duas cidades têm duas imagens distintas para público ocidental. Nova York é a capital do Império Americano, a capital do Ocidente, a

---

<sup>237</sup> Matéria da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003, “Caderno Mundo”, em circulação apenas em São Paulo, retirada da versão eletrônica do jornal.



metrópole que representa toda a prosperidade, a diversidade, que emprega na sua dinâmica os valores de uma cidade moderna ocidental. Bagdá dificilmente chega às telas e às páginas da imprensa de outro modo que não seja como fundo e palco de regimes ditatoriais e de conflitos armados e, principalmente, já com marcas de destruição. Nova York é a cidade que funciona mesmo no caos moderno, que faz sentido, que tem ordem. Bagdá e outras cidades do Oriente Médio jamais são apresentadas como cidade e nunca têm ordem, organização, sentido, sendo apresentadas na maior parte das vezes como um amontoado de concreto, em cenas das ruas e quase nunca com uma idéia geral da cidade como se está acostumado a ver do panorama de Nova York. Nas representações presentes na imprensa, a guerra no Oriente Médio chega já a cidades que não têm ordem e já estão destruídas. A Palestina só aparece nos noticiários quando acontece algum ato contrário a Israel como atos suicidas que matam civis ou militares israelenses e nunca em outro contexto. São imagens de destruição que se repetem. Nunca é a imagem de uma cidade moderna ordenada que de repente é atingida, destruída, desorganizada. É a imagem do caos não-moderno que mais uma vez convulsionou e representa de algum modo ameaça ao Ocidente.

Os momentos em que as cidades do Oriente Médio são apresentadas como modernas, ordenadas e em constante destruição ocorrem, na cobertura da FSP, nos textos dos enviados a Bagdá, em especial nos poucos momentos que antecedem os primeiros ataques e que eles já estão na cidade ou se deslocando de carro pelo país. Os jornalistas fazem o trajeto da capital da Jordânia à Bagdá de carro e, atentos ao deslocamento de pessoas, à iminência da guerra e à segurança no percurso, observam também um país inteiro e não apenas fragmentado e sem sentido aparente como os países em guerra. “Mesmo no longo percurso feito pela reportagem da *Folha*, de

Amã, na Jordânia, à capital iraquiana (12 horas de viagem), o fluxo de veículos na direção contrária estava longe do que poderia ser esperado. Não havia congestionamento. Os carros andavam rapidamente numa boa estrada – com três faixas em cada mão”<sup>238</sup>. Antes de tudo, ainda que se tratasse dos preparativos já para uma cobertura de guerra que estava quase certa de acontecer, houve um relato e o registro de uma realidade antes da destruição – o que normalmente não ocorre em relação ao Oriente Médio, mostrado ao público, inclusive o brasileiro, depois que algum conflito armado e violento ocorre. Neste relato jornalístico, o registro se deu sobre um país sob ameaça, mas inteiro e em funcionamento, cujo destaque, que tem referência direta à realidade e às preocupações da população brasileira e remete evidentemente a uma condição de modernidade da cidade, é a condição das estradas iraquianas. Provocando uma identificação dos leitores brasileiros, que trafegam massivamente por estradas com seus automóveis, encontrando em geral péssimas condições físicas das rodovias, que são tema constante dos noticiários brasileiros, o texto garante também um sentido de cidade moderna e de país com boa infra-estrutura no momento em que se refere às boas condições das rodovias iraquianas, que são largas e bem pavimentadas.

Em outro momento do mesmo texto, ainda que a referência seja à presença visual de Saddam Hussein através de monumentos pela capital iraquiana, a cidade é mais uma vez o destaque da narrativa e ela aparece inteira, sem destruição e moderna, com destaque para o tamanho da sua população. “Na cidade de 4,5 milhões de habitantes, a figura do presidente iraquiano espiava o vazio em forma de estátuas, retratos e até mesmo numa espécie de santuário iluminado à maneira dos presépios”

---

<sup>238</sup> Matéria de capa do “Caderno Mundo”, da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A15.

<sup>239</sup>. Ainda que o texto reforce a existência de uma ditadura no Iraque, quando destaca a presença das referências à imagem pública de Saddam, talvez encontrando relação com a história brasileira, permeada de ditaduras e de presidentes que preferiram destacar a sua imagem pessoal durante seus mandatos, tornando-os bastante personalistas, a cidade novamente aparece como personagem de referência no texto. Em outro momento do texto, que também se refere à presença do líder iraquiano, a cidade aparece quando é percebida completamente iluminada e não às escuras à espera de um ataque militar, já fora de sua ordem cotidiana. “A ausência de blecaute nas ruas da cidade seria mais um desafio de Saddam à guerra de Bush” <sup>240</sup>. A cidade iluminada, os carros trafegando por estradas em ótimas condições físicas ainda que estejam com menos movimentos do que o esperado e o destaque para a existência de uma população de quase cinco milhões de habitantes constroem o quadro de um país (e de cidade) moderno, com infra-estrutura intacta e não destruído, fragmentado, partido, desordenado, como se forma a imagem habitual do Oriente Médio para os leitores, inclusive brasileiros. Através de referências à realidade e ao conceito de modernidade no Brasil que destacam a infra-estrutura de um país suas estradas, o tamanho da população e outros elementos que ordenam ou que fazem falta às cidades contemporâneas no Brasil, que são diferentes das necessidades e das expectativas das cidades e populações européias e norte-americanas embora façam referência a elas, as cidades iraquianas aparecem destacadas com sua ordem própria de cidade moderna em textos próprios do jornal, principalmente dos enviados ao Iraque, em especial nos momentos em que a guerra ainda não havia começado.

---

<sup>239</sup> Matéria de capa do “Caderno Mundo”, da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A15.

<sup>240</sup> Matéria de capa do “Caderno Mundo”, da edição nacional da *Folha de S. Paulo* de 20 de março de 2003 – p. A15.

De um modo geral, durante a Guerra no Iraque e nos atentados de 11 de setembro em Nova York a diferença de leitura de cidades como Bagdá e Nova York aparece bastante clara, resultando em modos distintos de perceber ambos os fatos e preocupações diferentes sobre as conseqüências que possam resultar de cada um dos eventos para as respectivas populações e lugares. A *Folha de S. Paulo* traz uma matéria na capa da edição de 12 de setembro de 2001, a primeira edição do jornal após os atentados, que mostra o caos e a destruição produzidos na cidade pelos ataques, destacando principalmente o cheiro acre que estava nos ar nas horas que sucederam o evento e como as pessoas perambulavam em torno dos escombros sem encontrar sentido e ordem para o que estavam vivendo<sup>241</sup>. A matéria tenta dar idéia de que Nova York e os Estados Unidos estão sem uma ordem no momento dos atentados e de que o mundo de modo geral vive naquele momento específico uma desordem, causada por um elemento externo e pontual. A desordem causada pela catástrofe aparece mais para reforçar o oposto, de que aquele era um lugar da ordem, abalada apenas por um fator externo à própria cidade, embora use um elemento da própria rotina de uma metrópole, dois aviões comerciais de passageiros. “Os alarmes se juntam às sirenes. Não há uma ordem aparente”<sup>242</sup>, afirma o repórter da *Folha de S. Paulo*.

A catástrofe de 11 de setembro tem cheiro, repulsa, sirenes, coisas destruídas que antes eram inteiras. Há o World Trade Center que antes dos ataques eram como que um monumento, antes inteiro, organizado e parte de uma cidade, um símbolo que aparecia e ainda aparece em inúmeros filmes sobre Nova York. Assim como a própria Nova York é uma cidade que está continuamente nas telas de cinema e nas matérias das TVs e dos jornais, como uma cidade frenética mas inteira. As imagens produzidas

---

<sup>241</sup> Capa da edição de 12 de setembro de 2001.

<sup>242</sup> Sérgio Dávila, *Folha de S. Paulo*, 2001 – p. 01.

sobre as cidades do Oriente Médio nos meios de comunicação ocidentais, mesmo antes da guerra, reforçam a desordem como modelo intrínseco, como ordem estrutural. As referências às catástrofes no Oriente Médio como a Guerra no Iraque não dão a idéia de um lugar inteiro, organizado que está sendo destruído. As imagens produzidas sobre os países do Oriente Médio não são de cidades modernas. São incursões a lugares que já parecem viver em eterna desordem, desarrumação, bagunça, num tempo pré-moderno que precisa ser organizado, ordenado por presenças e ações externas, mesmo que implique em mais destruição. As imagens pré-modernas construídas sobre o Oriente Médio são utilizadas no imaginário como elementos podem justificar intervenções externas, guerras e determinações políticas de países ocidentais cuja premissa é a democracia e a ordem. A Guerra no Iraque se transforma em medida para ordenar o que desde sempre foi desordenado e pré-moderno.

Nos atentados de 11 de setembro aparece a imagem da cidade moderna em funcionamento. Antes de tudo as torres estão inteiras, a desordem é que vai chegando, na imagem dos aviões, destruindo os prédios e maculando a cidade. Nos meses que se seguem, a imprensa relata diariamente, mesmo no Brasil, passo a passo o trabalho de reconstrução da cidade, tanto do ponto de vista físico e pontual que é o recolhimento dos escombros e a limpeza do local exato onde estavam as torres quanto na perspectiva de colocar novamente a cidade em funcionamento, girando em ritmo normal para uma cidade moderna, voltando a atrair turista e sendo novamente símbolo da cultura ocidental. Tudo isso é acompanhado detalhadamente pelos leitores e espectadores da imprensa pelo mundo. É uma narrativa da recuperação: da ordem à desordem e à ordem novamente. Ao longo dessa narrativa que reconstrói a cidade, em contraste continua-se a receber imagens e histórias da eterna destruição e desordem no

Oriente Médio, como se mostrasse que eles não possuem uma normalidade anterior para a qual vão voltar quando estiverem recuperados.

Nesse contraste a guerra no Iraque vai sendo construída e justificada, sempre com a função de levar valores ocidentais ao Oriente Médio como democracia, justiça, prosperidade econômica, segurança, ordem. Em função dessa imagem pré-moderna das áreas urbanas, principalmente em relação às grandes cidades do Oriente Médio, todo o discurso que justifica a guerra e a ocupação no Iraque pressupõe a região como porosa, mole, como um barro a ser moldado para que se torne ainda moderno. O governo norte-americano chegou a anunciar que alteraria “o mapa político do Oriente Médio”, demonstrando um aspecto do discurso oficial e do imaginário ocidental que considera a região um local ainda a ser moldado, transformado e ordenado modernamente.

Na mídia ocidental, a imagem do deserto ainda é mais forte em relação aos países do Oriente Médio que a cena de grandes cidades. A maior parte das imagens transmitidas pelas TVs ou fotografadas pelos jornais mostra incursões do exército norte-americano no que chamam de deserto, em locais cheios de areia ou em partes da cidade que visualmente faz referência ao deserto. Bagdá deixou de ser uma pequena cidade em 762 quando, sob o comando do califa Al-Mansur, ganhou um projeto arquitetônico ambicioso e se transformou na nova capital do Império Árabe. Transferida de Damasco para Bagdá, a nova capital do Império Árabe se estabeleceu às margens do rio Tigre onde ele mais se aproxima do rio Eufrates e seu projeto previa portas voltadas para os quatro cantos do mundo. Na cidade também foi criado um pólo de traduções principalmente dos clássicos gregos que se tem acesso hoje como Aristóteles e Platão e durante muito tempo Bagdá foi o centro das atenções de

boa parte do mundo. Apesar disso, a imagem produzida hoje de Bagdá e em extensão de todo o Oriente Médio é de uma cidade pré-moderna no deserto.

As principais imagens do Oriente Médio são de destruição e de conflito constantes. Não há uma seqüência de imagens de um antes “em ordem” mas apenas da destruição, como se ela fosse a ordem do lugar. Não há na mídia ocidental e brasileira imagens de cidades e metrópoles no Oriente Médio. Grandes cidades como Beirut e Dubai não fazem parte da imagem construída sobre a região. A imagem corrente antes e durante a Guerra no Iraque é a da destruição, com ruas cheias de pó, prédios destruídos, pessoas correndo de ataques ou reagindo a algum tipo de ataque, carros amassados. Com os atentados de 11 de Setembro, se instala no imaginário ocidental o medo de que essa desordem construída sobre o Oriente Médio se instale como norma no Ocidente depois que Nova York foi atingida.

A única exceção na cobertura da Guerra no Iraque se dá no exato dia do primeiro ataque a Bagdá, em 20 de março de 2003. As primeiras bombas caíram sobre Bagdá no final da madrugada, quando a cidade estava prestes a clarear. As imagens são pela primeira vez as de uma cidade grande, com avenidas largas, prédios grandes apesar de sua configuração ser diferente das metrópoles de vidro com grandes arranha-céus já que Bagdá é uma cidade espalhada, horizontal. É uma das poucas vezes em que a cidade é mostrada em panorâmica, diferente dos planos fechados das coberturas dos telejornais e das fotografias publicadas na imprensa, que mostram o detalhe, a poeira, o pequeno. Um recorte que contribui para o que Martim-Barbero chama de presente autista, sem contexto e sem história, no qual poderia ser acrescentado a expressão “sem cidade”. Enquanto a imprensa no mundo espera o ataque a Bagdá, a cidade é pela primeira vez mostrada em plano aberto e como cidade. Naquele momento, com Bagdá vasta e iluminada se tem a dimensão do que

viria a ser a guerra e das conseqüências que ela teria para a população daquela cidade grande. Alí ocorre o espanto pela ação violenta sobre uma cidade grande e com sua ordem, uma metrópole.

Mas no único momento de reconhecimento de Bagdá e do Oriente Médio como lugar da cidade, ela está vazia e na penumbra. Nas imagens não há ninguém circulando pela cidade, cujas ruas estão desertas. Só se vê a cidade, as suas luzes e se ouve as sirenes que avisam sobre ataques antiaéreos. A cidade está vazia de seus moradores e é só neste momento que ela se mostra ao Ocidente como cidade. Quando se ouve as sirenes, o ataque já está a caminho. O reconhecimento de Bagdá como cidade dura apenas aquela noite. A partir do início da guerra, a imprensa volta novamente a mostrar o caos, a poeira e tudo se torna novamente deserto.



## **Capítulo 3**

### **Novas tecnologias da presença**

## **A Folha de S. Paulo e a cobertura ao vivo na TV brasileira**

Para o jornalismo impresso em jornais diários, inclusive no caso da *Folha de S. Paulo*, assim como para as emissoras de TV que querem fazer parte da cobertura internacional da Guerra do Iraque, o diferencial e o que predomina durante todo o período em que a guerra é notícia é o envio de correspondentes especiais à região do conflito. A diferença de posição, de utilização da presença do repórter e os elementos que constituem a narrativa de ambos os veículos são o foco deste capítulo. Tanto o principal jornal nacional impresso brasileiro, a *Folha de S. Paulo*, quanto a principal emissora de TV, a Rede Globo, diferenciaram a sua cobertura da guerra transmitindo ou produzindo textos e fotos direto do Oriente Médio. Enquanto o jornal instalava o repórter Sérgio Dávila e o fotógrafo Juca Varella em Bagdá, capital do Iraque, a TV Globo montava sua pequena estrutura portátil com o repórter Marcos Uchoa na cidade do Kuwait, no Kuwait. É essencial tratar dos modos, semelhantes ou opostos, como jornal e TV trataram o evento, especialmente no caso deste capítulo, analisando os primeiros momentos da guerra, desde a declaração até os primeiros dias dos bombardeios, antes de tudo porque foram os dois veículos de maior destaque no Brasil que enviaram jornalistas com a pretensão de cobrir a guerra do local do conflito, por apresentarem atitudes diversas no tratamento da notícia e nas necessidades dos dois veículos, ainda que demonstrem desejo semelhante de estarem inseridos na cobertura internacional do conflito da qual fazem parte as principais redes de expressão mundial. Ainda um elemento fundamental a considerar para esta análise é que, em se tratando de uma guerra contemporânea, é impossível ignorar a presença e a influência da cobertura da TV, especialmente pela necessidade de transmitir ao vivo, na construção da narrativa

da guerra, inclusive sendo a própria cobertura da TV um fator determinante do que será noticiado pelos jornais impressos.

A guerra ao vivo pela TV e a presença do repórter “direto do front” e diante da câmera tornaram-se vitais à narrativa jornalística desde a Guerra do Golfo (1991), ainda que as cenas não fossem as mais definidas, a transmissão não tivesse muita mobilidade e a emissora não colocasse o repórter diante do cenário da batalha, como busca atualmente, mas já o instalava no local do conflito. Também foram fator essencial, sendo transformada ela mesma em notícia, na transmissão ao vivo dos atentados de 11 de setembro de 2001 quando mostrou o choque dos aviões com os edifícios do World Trade Center, em Nova York. Até tornarem-se imprescindíveis na cobertura da Guerra do Iraque, que mostrou ao vivo a declaração de guerra dos Estados Unidos, a expectativa dos primeiros bombardeios em Bagdá, as primeiras bombas caindo sobre a cidade, as vítimas e as ações dos soldados.

No Brasil, essa tendência da cobertura mundial foi seguida pelos dois principais veículos, impresso e televisivo, na cobertura da guerra, aliando, no caso da TV, a necessidade de ter um repórter no *front* com a estréia de equipamentos portáteis que em tese permitiriam essa presença. A possibilidade acabou sendo de colocar diante do público brasileiro, não habituado aos países do Oriente Médio, a não ser quando os trata em conjunto, um enviado cobrindo a guerra a partir de um país vizinho ao conflito, mas na região da guerra. Para a transmissão televisiva diretamente da guerra, tomando o caso da brasileira, mais importante era a presença do repórter ao vivo na região do conflito. No caso do jornal, a presença do repórter nas bordas da guerra não é o suficiente porque a urgência da transmissão ao vivo já é suprida pela TV, ao mesmo tempo em que a utilização cotidiana de textos e imagens de agências internacionais integrados à cobertura do jornal como se fossem produções próprias

coloca ao periódico a necessidade de estar no *front* para de alguma maneira apresentar um diferencial na sua cobertura já que informações de agências internacionais também são noticiadas por todos os outros jornais do Brasil e do mundo. Desse modo, não basta apenas enviar um repórter para as bordas do conflito como faz a TV, mas é vital, como diferencial da cobertura, enviar um jornalista para o centro do conflito que nos primeiros dias da guerra era Bagdá. O jornal não tem o imediatismo da cobertura ao vivo, em imagens em movimento, da TV, ainda que possua o imediatismo da internet, nem oferece a imagem do próprio repórter diante do público no Brasil como mostra a TV brasileira, fazendo da presença do próprio jornalista, a notícia. Para as informações factuais e oficiais, o jornal utiliza enviados especiais nos centros de poder como Nova York, Washington e Londres, em contato com as declarações oficiais da guerra.

Além dos enviados, a principal fonte de informações internacionais que a imprensa brasileira tem acesso e publica são as agências de notícias internacionais, entre elas a *Associated Press*, a *Reuters* e a *France Presse*, que funcionam como redações que vendem notícias e imagens factuais para jornais do mundo todo. Também na cobertura da Guerra do Iraque, as agências internacionais de notícias estão presentes na maior parte dos textos que envolvem notícias factuais, ainda que o jornal tenha enviados especiais ao local, seja no Iraque ou nos Estados Unidos ou na Europa, não apenas como fontes de informação incorporadas ao texto do jornal brasileiro que se apropria do texto e das informações como se sua própria equipe a tivesse produzido. É muito comum encontrar ao final de matérias sobre a guerra a indicação de que o texto foi produzido “com agências internacionais”, mas sem indicar no próprio texto quais informações foram enviadas por agências e quais delas foram apuradas pelos jornalistas dos periódicos. As agências jamais aparecem entre

aspas como outras fontes que dão declarações ou informações. O texto é incorporado ao texto do jornal e as informações são simplesmente apresentadas como notícia.

As agências assumem quase o papel de assessorias de imprensa para as redações, enviando informações que não são produzidas pelos jornais, mas que vão agendar as matérias da edição, só que, ao contrário das assessorias que assumem a identidade da fonte e produzem textos jornalísticos, objetivos e informativos, utilizando uma única referência e reforçando os interesses de uma instituição, as agências são assessorias de notícias jornalísticas montadas nos moldes da redação do periódico que vai publicá-la, seguindo presumidamente os mesmos critérios éticos e profissionais de um veículo de comunicação. A diferença entre ambos, o jornal e a agência de notícias, é que o jornal publica notícias para a leitura de um público e a agência produz suas matérias para serem consumidas por veículos de comunicação que por sua vez farão diferentes usos desses produtos jornalísticos para compor as edições que chegarão aos seus leitores. Na concepção a agência se assemelha ao jornal porque se define como uma redação para produção de matérias factuais que têm como único critério serem notícia, mas na atuação e no resultado se parece com uma estrutura de assessoria de imprensa quando envia o mesmo texto para redações do mundo todo, fazendo com que os textos se pareçam e com que as informações assumam uma mesma leitura. É possível dizer que em muitos casos a notícia é produzida entre a assessoria de imprensa que divulga a informação oficial e a agência de notícias que a admitiu como fonte, apurou a informação e a repassou para as redações. As várias vozes possíveis e necessárias na apuração de uma informação e na construção de notícias acabam sendo reduzidas à relação de poucos jornalistas com poucas fontes oficiais. Em relação à cobertura de guerra, cabe dizer que o uso das produções das agências de notícias internacionais, que chegam aonde o jornal não

chega ou têm as declarações oficiais que os jornais não têm, são utilizadas pelos jornais brasileiros, em especial neste caso pela *Folha de S. Paulo*, como textos próprios cuja produção e a apuração o jornal não tem nenhum controle a não ser a credibilidade da agência e a promessa do cumprimento adequado de um contrato de prestação de serviços que prevê a compra de notícias e imagens.

Além dessa assimilação do texto da agência, há uma homogeneização do texto dos jornais, especialmente nas editorias de notícias internacionais. Desse modo, como o jornal e TV conseguem diferenciar a sua cobertura? Diferente da emissora de TV, que também utiliza informações e imagens de agências de notícias e mais ainda de emissoras internacionais, envia um repórter para qualquer ponto próximo do conflito e faz da presença em si na região o aspecto mais importante da notícia, a *Folha de S. Paulo* opta por enviar dois repórteres, para produzir imagens e texto, para Bagdá, a capital do Iraque e o alvo primeiro da guerra. A cobertura ao vivo realizada pela principal TV brasileira, a Rede Globo, durante as primeiras semanas da Guerra do Iraque, e a construção da sua narrativa aconteceram em torno da utilização de um novo aparelho para coberturas ao vivo em locais de difícil acesso, o videofone. Como contraponto analiso um documentário realizado com três mil jornalistas que inicialmente narraram a guerra a partir do Kuait e a trajetória de alguns deles que decidiram tentar entrar no Iraque, em especial de uma jornalista norte-americana que, aos poucos, vai encontrando a guerra. O que interessa aqui é investigar o papel que esses jornalistas assumem e como constroem suas narrativas ao testemunhar episódios como o da Guerra do Iraque. São jornalistas que realizam uma cobertura sob as regras do jornalismo diário, que privilegia a imagem inédita, o fato extraordinário e a cena que choca seu público.

Neste caso, eles estão lidando com populações com riscos de morte, de privações, sob medo de bombardeios e de invasão, que se encontram na eminência de ter que se deslocar à força de seus ambientes e regiões. Os jornalistas mesmos são parte desta migração, ainda que atuem como migrantes provisórios ou de curta duração, também se encontram em deslocamento, fora de casa. É importante perceber que papéis assumem e que olhar constroem sobre esses eventos e essas populações, se por algum momento se colocam no lugar dessas comunidades que encontram em suas coberturas ou se assumem o papel de quem busca invadir e ocupar, ou ainda assumem apenas o papel de turistas acidentais, que passam pelos acontecimentos apenas registrando suas cenas sem maior interação com aquelas experiências.

A Rede Globo<sup>243</sup> enviou o repórter Marcos Uchoa ao Oriente Médio para cobrir a guerra que estava na iminência de começar. O repórter foi instalado na cidade do Kuwait e transmitia ao vivo através de um aparelho de videofone para todos os telejornais da TV Globo. Neste ponto iniciam as principais questões: no envio do repórter ao local, especialmente ao Kuwait, no uso do videofone, nas transmissões ao vivo, no modo de reportar o conflito que colocaria várias populações em risco de ataque e de deslocamento e na urgência de enviar diariamente o que acontecia no front. Para muitos autores, a cobertura instantânea e constante dos eventos como a guerra tem modificado a maneira de perceber tais acontecimentos. “In recent years especially, television has entered into the actual production of the events it records, in that process altering the moment-by-moment trajectory of events. In this way, the medium is not only the message but also enters into the constitution of society itself”,<sup>244</sup>.

---

<sup>243</sup> A TV Globo é a maior rede de televisão do país, com alcance em todo o território nacional. Seu principal telejornal, o *Jornal Nacional*, é o mais assistido no horário nobre brasileiro e vai ao ar por volta das 8h da noite.

<sup>244</sup> Andrew Hoskins, 2004 – p. 46.

O videofone foi um novo elemento tecnológico utilizado por redes de televisão de todo o mundo durante a cobertura da guerra norte-americana no Iraque, que começou em 20 de março de 2003, e modificou a forma de reportar a guerra via satélite. A utilização do “videofone” contribuiu para construir uma nova forma de narrativa de guerra e foi fundamental para dar o tom da cobertura jornalística da TV Globo no Brasil durante o período em que a emissora teve um repórter no Oriente Médio, ao mesmo tempo em que passa a ser um elemento importante na constituição do modo de olhar e perceber a guerra, numa análise que se aproxima de Andrew Hoskins. Através da presença do repórter Marcos Uchôa no Kuwait e do uso do videofone, a TV Globo afirmava realizar uma cobertura do front. Esta é uma das discussões a serem feitas: como a utilização desta nova ferramenta contribuiu para dar a sensação de que a TV Globo havia colocado seus “olhos” a relatar os acontecimentos da guerra direto do campo de batalha. A cobertura de TV busca não deixar dúvidas de quando e onde a guerra está acontecendo. São as imagens ao vivo do “teatro de operações”, via satélite através do videofone, de onde quer que o repórter queira estar, para os telespectadores nos seus respectivos sofás.

As guerras contemporâneas se diferenciam das guerras anteriores aos meios de comunicação de massa pela instantaneidade do relato. Na ficção do século XIX temos referências ao modo como a notícia da guerra chegava às pessoas. Em *Guerra e Paz*, de Tolstoi, as personagens vão e voltam nas páginas discutindo a declaração de guerra a Bonaparte, quem tem cópia do que foi dito, se existe mesmo a tal declaração, os motivos oficiais e se afinal existe uma guerra em curso e antes disso, se o império russo sequer declarou guerra a Bonaparte. Em uma roda de nobres, dizem que a declaração de guerra pelo imperador foi publicada em São Petersburgo e seu conteúdo



vai passando de boca em boca. Num momento do livro alguém que diz ter lido a declaração vai contando seu conteúdo ao círculo de nobres.

“Do lado dos homens, a conversa ia cada vez mais animada. O coronel contava que o manifesto da declaração de guerra já fora publicado em Petersburgo, e um exemplar, que ele próprio lera, fora trazido por um estafeta especial, nesse dia, ao general-chefe.

Afinal de contas, por que essa guerra com Bonaparte: - disse Chinchine.

Ele já abaixou o topete da Áustria. Receio que agora seja a nossa vez.

O coronel, que era alemão, robusto, alto, sanguíneo, evidentemente bom patriota e bom soldado, sentiu-se ofendido com essas palavras.

- Porque, senhor – disse com um forte sotaque alemão -, porque o Imperador sabe o que faz. Disse no manifesto que não pode olhar, com indiferença, o perigo que ameaça a Rússia e que a segurança do império, sua dignidade, a santidade das *alianças* – acentuou especialmente a palavra aliança, como se nisso estivesse todo o sentido do caso, e, com uma memória impecável, oficialmente repetiu as primeiras linhas do manifesto... – “E o desejo que constitui a única finalidade do Imperador, que é estabelecer a paz na Europa sobre bases sólidas, levou-o a fazer passar uma parte do exército para o estrangeiro e a enviar novos esforços para chegar ao fim colimado”. Eis por que, senhor – concluiu, esvaziando o copo de vinho e solicitando um olhar a aprovação do conde”<sup>245</sup>.

Em outro trecho do livro, a guerra vai sendo declarada e ao mesmo tempo colocada em dúvida. Depois de falar contra Bonaparte e todos os homens públicos da época, o narrador fala sobre a personagem do velho príncipe:

“O velho príncipe parecia convencido, não apenas que os homens públicos atuais eram todos uns garotos que não entendiam o abc da obra militar ou governamental, e que Bonaparte não passava de um miserável francesinho que só tivera sucesso por não ter encontrado pela frente um Potemkin e um Sukorov, mas também estava certo de que havia apenas um mal-entendido político na Europa, que não havia guerra e que tudo isso não passava de uma comédia de fantoches que os homens de governo representavam para dar a impressão de estarem fazendo alguma coisa”<sup>246</sup>.

A declaração de guerra é quase um boato que corre pelo país a partir do que se conta sobre um texto publicado pelo imperador em Petersburgo. As discussões sobre a declaração e as dúvidas sobre a guerra duram até que as mesmas personagens que a discutem passam a ir para os batalhões que se formam para enfrentar Napoleão. A

---

<sup>245</sup> Leon Tostoi, *Guerra e Paz*, 2002 – pp. 88 e 89.

<sup>246</sup> *Idem* – p.126.

partir das despedidas e encontros no campo de batalha começa a se dar a narração da guerra principalmente através dos relatos em cartas dos soldados e generais para suas famílias.

Junto com a forma de narrar o início do conflito armado, mudam também as distâncias e o tempo da guerra. Na guerra de Tolstoi, o general Bonaparte está na frente de batalha vivenciando a luta, ao passo que as suas ações e a própria existência da guerra chegam aos poucos aos habitantes dos países envolvidos e, no caso da narrativa literária, à Rússia. Na contemporânea Guerra do Iraque, o comandante maior do exército que realiza a guerra, que é o presidente norte-americano, não está em nenhum momento, menos ainda durante a declaração da guerra, no campo de batalha, mas sua mensagem chega instantaneamente aos diversos cantos do mundo, via satélite, ao vivo e por sua própria fala. A narrativa literária da guerra napoleônica é o momento do relato da guerra e da presença do principal personagem da guerra e seu realizador. “Quando o sol surgiu completamente e sua claridade ofuscante brilhou sobre os campos e sobre o mar de bruma, Napoleão, como se estivesse esperando apenas isso para travar a batalha, tirou a luva e, fazendo um sinal aos marechais, ordenou-lhes que começassem. Estes, acompanhados pelos ajudantes-de-ordens, galopavam em todas as direções; alguns minutos mais tarde, as tropas francesas avançavam rapidamente na direção das elevações da Pratzen, cada vez mais abandonadas pelas tropas russas que desciam à esquerda, para as ravinas”.<sup>247</sup> A narrativa da transmissão ao vivo leva o relato da declaração e do início da guerra, que se desloca da literatura para os meios de comunicação, para milhões de televisores, e no dia seguinte para diversos jornais, mantendo distância do campo de batalha e proximidade de cada espectador. É novamente o que Benjamin fala sobre a queda da

---

<sup>247</sup> Leon Tolstoi, 2002 – p. 304.

aura, quando o objeto perde em originalidade, mas ganha em atualidade. O relato midiático, seja ele da imprensa ou direto da declaração de guerra feita ao vivo, perde a aura de originalidade do texto literário, mas possui a instantaneidade, a atualidade e, desse modo, a proximidade dos meios de massa que já não possuem aura. A discussão novamente é se esta perda da aura remete à uma aproximação da exposição dos temas cotidianos da sociedade contemporânea, como a guerra, ou se recoloca a questão da estetização da política através da transmissão da guerra.

Enquanto Napoleão lutava ao lado dos seus combatentes sem deixar instantaneamente claro que a guerra havia começado, na guerra contemporânea, George W. Bush não precisa estar no campo de batalha para que a guerra seja iniciada, divulgada e acreditada. Retornando a Virilio, mais uma vez a velocidade é a maior arma da guerra, seja ela no gabinete onde se declara a batalha ou no front eliminando o tempo e o terreno entre o conflito, o declarante e o espectador, ainda que o prejuízo seja a inexistência de futuros relatos duradouros sobre os realizadores das guerras contemporâneas como o texto de Tolstoi. Não que a literatura não mais registre e construa relatos sobre a guerra, ao contrário, mas os comandantes não estarão mais no centro dessas narrativas porque estão nos gabinetes declarando as guerras em tempo real. Em compensação estão no centro do relato jornalístico dos repórteres que, também, em certa medida, afastados do cotidiano da guerra, utilizam os discursos oficiais dos realizadores das guerras como matéria prima de seus relatos. A transmissão em tempo real, tanto a jornalística quanto a realizada pelos governos, tem influenciado ações e declarações de governantes e instituições públicas. “In times of war and other catastrophes, time is of more consequence than in the coverage of

other events, as audience responses to real-time images, and the action or inaction of politicians and military leaders in turn, may save or end lives”<sup>248</sup>.

Nas guerras contemporâneas, a instantaneidade do relato, a transmissão ao vivo, é também a principal característica da cobertura jornalística. Da declaração de guerra, ou antes dela, das ameaças de uma invasão ou de um bombardeio, até o momento em que o conflito está ocorrendo, tudo é acompanhado em frente à TV. Hoskins usa a expressão “reality television” para definir o desejo do espectador e dos produtores em apresentar os eventos, em especial a guerra, em tempo real e a partir de diversas lentes, seguindo o modelo dos *reality shows* como o programa *Big Brother*. Para o autor, é fundamental explorar as contradições das transmissões ao vivo e explorar “the function of liveness in constructing news in a format that resembles so-called ‘reality television’, notably a genre of entertainment programming”<sup>249</sup>. Hoskins avança um pouco na análise da cobertura da Guerra do Iraque em comparação à Guerra do Golfo neste sentido da transmissão de notícias ao vivo, observando que houve uma mudança no modo de reportar o conflito, que passa da construção de um discurso sobre a guerra, que explica o conflito em palavras junto de imagens que não são tão bem feitas tecnicamente nem tão próximas das ações e das pessoas, para uma proliferação de ângulos e imagens, não como demonstração de diferentes olhares sobre o evento, mas como uma forma panóptica de provar a realidade do fato. “Whereas 1991 coverage depended upon an extended *discourse* of liveness to maintain the continuity of the event – the sense that *something* was always occurring or about to occur – the Iraq War was easier for broadcasters in that frequently a reporter on-location, or in the studio, could just stand back and say ‘look

---

<sup>248</sup> Andrew HOSKINS, 2004 – p. 46.

<sup>249</sup> *Idem*.

at this””<sup>250</sup>. Essa mudança de uma visão testemunhal para uma outra cujo reforço, além da presença do próprio repórter como notícia, é a capacidade de transmitir imagens ao vivo do conflito, próximas ou distantes do local da batalha, para o autor proporciona uma sensação de que não há mediação entre o espectador e o fato. “The experience of ‘being there’ as a television witness to an unfolding news event is similar, but the apparent ubiquity of vision created through reporting from multiple locations at the same time can afford the impression of an unmediated view”<sup>251</sup>. Desse modo, para o autor, a transformação da cobertura de guerra na transmissão de um acontecimento aos moldes dos eventos esportivos, proporcionando a presença do maior número de câmeras possível e prezando pelo envio ao vivo de imagens e sons, num cenário em que nem sempre os fatos acontecem no momento em que o repórter está no ar, leva a imprensa a primar mais pela velocidade que pela apuração da notícia. “In this way, the significance of the content of news diminishes as the demand for immediacy increases”<sup>252</sup>.

Se tomarmos principalmente a invasão do Iraque, a narrativa do conflito é imediata e as imagens que o repórter envia ao vivo e do local do conflito ou aproximado, principalmente a da sua presença na frente de batalha, é o diferencial da transmissão. Desde a transmissão ao vivo da declaração de guerra feita por George W. Bush até as bombas caindo em Bagdá, os eventos considerados mais importantes ou referências a eles são transmitidos ao vivo. A guerra do Golfo, de 1991, já trazia a presença do repórter no front como o principal instrumento da cobertura, mas o uso do videofone era incipiente e o que mais chamava a atenção na transmissão eram as imagens noturnas dos mísseis que caíam sobre a região. Desta vez, a transmissão da

---

<sup>250</sup> Andrew HOSKINS, 2004 – p. 47.

<sup>251</sup> *Idem.*

<sup>252</sup> *Idem.*

guerra ao vivo e, especialmente, a presença do repórter se acentuaram. O uso do videofone foi definidor da forma de narrar, principalmente no início do conflito, na declaração de guerra e nas primeiras semanas da ocupação, oferecendo a sensação buscada pelos meios de comunicação há tempos: a presença do repórter ao vivo, em “tempo real” na cena da batalha, só que agora possibilitando ao jornalista estar virtualmente onde ele quisesse ou pudesse estar para reportar o que vê, já que se trata de um equipamento portátil que pode ser transportado em uma valise e transmite imagens e som.

A presença do videofone reforça ainda mais essa exigência da cena ao vivo e, em função da sua novidade e de sua promessa, ofereceu a sensação de estar no *front* quando na verdade o repórter da TV Globo esteve todo o tempo transmitindo de um país vizinho ao conflito, o Kuwait, com a urgência de quem estava vivenciando a guerra em Bagdá. “O atual é o instante que a câmera converte em fato” <sup>253</sup>. As principais preocupações de Martin-Barbero, que escreve a partir da realidade de conflitos na Colômbia e sobre seus meios de comunicação, são a busca por relações entre memória e esquecimento em tempos de guerra e a reflexão sobre o papel dos meios de comunicação nos modos de recordar e esquecer<sup>254</sup>. Também nesta guerra no Iraque, a cobertura das emissoras de televisão, e principalmente o que nos interessa neste momento, a TV brasileira, é o ponto fundamental para definir o que as pessoas vão lembrar ou esquecer. Através de alguns jornalistas muitos lembrarão das cenas de Bagdá, mas pela cobertura da TV Globo irão lembrar-se muito mais das imagens com ruído e interferência do repórter Marcos Uchôa que tinha ao fundo a cidade do país vizinho, o Kuwait. A notícia era a própria presença do repórter mostrado como parte da cena do conflito. Mais do que analisar o que acontecia naquela região ou dar voz à

---

<sup>253</sup> Jesús Martin-Barbero, 1998. “Lo actual es el instante que la cámara convierte en suceso”.

<sup>254</sup> *Idem.*

população envolvida direta ou indiretamente com aquela situação de guerra, o principal elemento desta cobertura era a imagem do repórter em “território inóspito”, num país estranho, correndo riscos e vivenciando como testemunha os acontecimentos de uma guerra. Para Swain, o aparato criado em torno da transmissão ao vivo impede inclusive o desenvolvimento do trabalho do jornalista e qualquer iniciativa mais ousada nos moldes das protagonizadas por correspondentes de outras guerras. A guerra das 24 horas no ar ou, no caso da TV Globo, com horário marcado para acontecer todos os dias ao vivo no horário do principal telejornal da emissora homogeneiza os relatos. “Television has become a 24-hour slog with the result that while many of today’s TV reporters may have all the traditional dedication and intrepidity of their predecessors, they cannot use it. They are tied to the satellite dish on the hotel roof ready to deliver ‘live spots’ and so are unable to explore in depth the stories they are supposed to be reporting”<sup>255</sup>.

A TV Globo enviou à guerra contra o Iraque apenas um repórter, mas dispendeu ao conflito grande parte do noticiário de seu principal telejornal, o Jornal Nacional, durante o período inicial da invasão até que o exército norte-americano entrou em Bagdá. A edição do Jornal Nacional de 20 de março, primeiro dia da invasão, foi integralmente dedicada ao conflito e durou mais tempo do que as demais edições, ficando no ar por quase uma hora quando seu tempo habitual é de 30 minutos. Além de reservar muito tempo do seu noticiário diário para a cobertura da guerra, especialmente nos primeiros dias da invasão, a TV Globo desde o início destacava como parte de sua estratégia editorial a mobilização de sua rede de correspondentes internacionais por todo o mundo e usou isso como propaganda. “Do que mais falam os noticiários hoje é de si mesmos, muitíssimo mais do que do país”

---

<sup>255</sup> Jon Swain, 2003 – p. 29 *apud* Andrew Hoskins, 2004 – p. 46.

<sup>256</sup>, afirma Martin-Barbero. Antes de tudo, os correspondentes da TV Globo estavam quase todos situados nos Estados Unidos (Washington e Nova York) e na Europa, principalmente em Londres, mas também na Espanha e na Itália e eventualmente se deslocando para outros países europeus. As principais fontes de informação dos correspondentes na Europa e nos Estados Unidos eram o governo norte-americano e governos europeus e especialistas em guerras ocidentais. No Oriente Médio, estava apenas o repórter Marcos Uchôa e seu videofone, direto da cidade do Kuwait para o Jornal Nacional todas as noites. A única exceção era eventualmente a presença do repórter Munir Safatli, que há anos cobre a região a partir do Líbano para o canal de TV a cabo da Globo, Globonews, mas enviava notícias gravadas por telefone, aparecendo apenas uma foto sua e nenhuma imagem em movimento ou qualquer cena do local. Na geografia da cobertura ao vivo, o Líbano era muito mais distante da guerra do que o Kuwait, que recebeu as instalações “móveis” da emissora para transmitir imagens da guerra.

O aparelho de videofone é composto por uma câmara de vídeo digital que capta as imagens e as envia ao vivo através de um aparelho de telefone por satélite de onde quer que o jornalista esteja, em função da sua autonomia para a geração de imagem em movimento e som. O equipamento se tornou a grande novidade desta guerra em função da sua praticidade, já que todo o aparato sempre utilizado para transmissões ao vivo, câmeras, geradores e etc. foi reduzido a alguns quilos e pode ser manuseado pelo próprio jornalista que está diante da câmera. Como pode ser carregado para onde quer que o repórter queira ou possa chegar, a tecnologia já vem conseguindo imagens inéditas para as emissoras de TV como transmissões ao vivo do meio do deserto, para usar uma imagem recorrente nas incursões armadas no Oriente

---

<sup>256</sup> Jesús Martin-Barbero, 1998. (“De lo que más se hablan los noticieros hoy es de sí mismos, muchísimo más que del país.”)



Médio. Mas como ainda está em sua estréia de massa, possui algumas limitações. A imagem não tem a mesma nitidez de uma transmissão convencional via satélite, as cores não são definidas e há chuviscos o tempo todo.

Mas ao longo da cobertura da guerra, o que seria uma amostra da precariedade da tecnologia acabou servindo como uma maneira de transmitir a urgência dos acontecimentos. O repórter direto do cenário do conflito, com sua câmera sem nitidez, correndo riscos, transmitindo de onde poucos têm coragem de estar e nos enviando imagens que jamais teríamos se aquele aparelho não tivesse sido utilizado. O videofone como foi usado na cobertura da TV Globo reforça a idéia da construção de um *presente autista* como Martin-Barbero define ao tratar da narrativa jornalística. Para o autor, os meios de comunicação se dedicam a fabricar um eterno presente, autista porque acredita bastar-se a si mesmo, sem contextualizar, sem se referir ao passado, à história. Quando a referenciam, em geral é apenas como uma citação ou adorno para colorir o presente<sup>257</sup>.

Marcos Uchôa e o videofone estão lá, supostamente direto do conflito, com sua urgência e seu presente que retorna a cada edição do *Jornal Nacional*. Em suas reportagens há sempre o número de mísseis enviados e interceptados pelos norte-americanos, quantas tropas mais entraram no Iraque naquele dia e a necessidade do próprio repórter andar com máscaras de gás para o caso de um ataque com armas químicas (máscara que ele mostra amarrada à própria perna). Tudo isso, apesar da sensação de urgência e de perigo, de “direto da guerra”, sendo falado ao Brasil do alto de um hotel na cidade do Kuwait. A tecnologia é utilizada para revelar mais verdades sobre um país a respeito do qual são produzidas poucas informações fora do tempo de guerra, seguindo as idéias de Mohammed El-Nawawy e Adel Iskandar, que

---

<sup>257</sup> Jesús Martin-Barbero, 1998.

escreveram, em 2003, um livro sobre a cobertura da TV Al-Jazeera. “Contentious ideas about ‘the other’ are the staple of modern war coverage in the media, each idea promising to tell something more real about the enemy”. Neste tipo de cobertura o perigo está em qualquer parte, no Kuait e em todo o Oriente Médio. A questão é, mais uma vez como outros autores identificaram como característica de toda cobertura televisiva contemporânea de guerra, a compulsão pelas imagens ao vivo, que geram resultados no conteúdo do que é transmitido hoje pelas emissoras. “The compulsion for live and on-location reporting is indicted for a ‘dumbing down’ of news content”<sup>258</sup>. A precariedade tecnológica de uma transmissão de baixa qualidade técnica é utilizada para dar o grau de urgência da guerra. A sensação de urgência e de gravidade criadas a partir da transmissão precária do novo aparelho é o que passa a ser em si o foco da cobertura. A presença do repórter e a sua evidente precariedade técnica em relação à nitidez da imagem é que são narrados, com a pretensão de se estar narrando a guerra em si. O videofone deveria permitir movimento ao repórter e a possibilidade de levá-lo aonde em geral não se chega, perto dos sujeitos da guerra e até contribuir para o seu esforço investigativo.

A guerra provoca deslocamentos das populações envolvidas e também da população de jornalistas que migram momentaneamente de seus países para cobrir aquele evento de exceção. Nesta cobertura, a TV Globo troca momentaneamente a realidade brasileira pela do Oriente Médio, mas não acompanha os deslocamentos do conflito nem das populações envolvidas. Ela se fixa nas bordas da região em guerra e faz do deslocamento continental o acontecimento em si a reportar. A narrativa final que chegou aos telespectadores brasileiros era de um repórter que aparentemente estava na cena principal do conflito, mas que na verdade transmitia do alto de um

---

<sup>258</sup> Andrew HOSKINS, 2004 – p. 46.

hotel numa cidade que não corria maiores riscos com a guerra do que outro país vizinho ao Iraque. As pessoas estavam morrendo em Bagdá enquanto Marcos Uchôa falava do pânico e da tensão dos moradores na cidade do Kuwait. Afinal ele não precisava mais que um videofone com imagem tremida e um passeio pela cidade, que logicamente estava em tensão com os soldados norte-americanos entrando em território iraquiano através de seu país e podendo ser um novo alvo caso a guerra se alastrasse por outros países do Oriente Médio, especialmente considerando que o Kuwait já havia há dez anos sido invadido pelo Iraque. “Nesta nova era de alienação, na época da internet, da *World Culture*, ou “cultura global”, e da comunicação planetária, as tecnologias da informação desempenham um papel ideológico fundamental para amordçar o pensamento” <sup>259</sup>.

Em geral a guerra no Iraque e os conflitos na Palestina são sempre resumidos e referidos no Brasil como “conflitos no Oriente Médio”. Esta visão determinou o modo como a TV Globo cobriu a guerra do Iraque a partir do Kuwait, talvez considerando que os espectadores brasileiros se refiram à região do mesmo modo que a cobertura da imprensa, não mencionando apenas ou antes de tudo o Iraque, mas o “Oriente Médio” de forma mais ampla ou como ambos sendo quase sinônimos. Do mesmo modo que a imprensa britânica fala da “América do Sul” quando algo ocorre no Brasil e nem sempre se poderia fazer essa relação. Ou ainda quando é utilizada a expressão “Terceiro Mundo” para se referir a países tão distintos, que os pesquisadores não têm consenso para definir exatamente o que há em comum entre os países para serem incluídos nesta categoria. Para o senso comum, países do “Terceiro Mundo” são países “pobres”, “subdesenvolvidos” e “não-industrializados”, mas os países citados como parte dessa categoria fogem quase sempre a alguma dessas denominações. “The

---

<sup>259</sup> Ignácio Ramonet, 2004 – p. 15.

fundamental definition of the “Third World” has more to do with protracted structural domination than with crude economic categories (“the poor”), developmental categories (the “non-industrialized”), racial categories (“the non-white”), cultural categories (“the backwards”), or geographical categories (“the East”, “the South”)<sup>260</sup>. A questão é que a escolha da TV Globo de não cobrir a guerra a partir do país, além de técnica, por dificuldade de entrar no Iraque ou outras questões de acesso, também tem a ver com um ponto de vista e uma visão, tanto do público quanto da emissora, que identifica o “Oriente Médio” como um todo como o local da guerra, como um “outro” homogêneo, garantindo assim que havia no front um enviado especial e que a rede estaria no centro do conflito. A partir das análises e interpretações de Shohat e Stam, é possível perceber que a cobertura televisiva brasileira está ligada a uma certa visão eurocêntrica que a todos homogeneiza, transformando o Oriente Médio numa expressão que engloba e pacifica diferentes países, culturas, realidades, condições econômicas e políticas, tornando-os distantes e desconhecidos ao Brasil ainda que em outros momentos o Brasil e países do “Oriente Médio” sejam listados lado a lado como países do “Terceiro Mundo” por interlocutores e meios de comunicação de locais fora dessas duas regiões, como os países europeus ou os Estados Unidos. “So embedded is Eurocentrism is everyday life, so persuasive, that it often goes unnoticed. The residual traces of centuries of axiomatic European domination inform the general culture, the everyday language, and the media, engendering a fictitious sense of the innate superiority of European-derived cultures and peoples”<sup>261</sup>. Neste sentido, Nova York e Londres estão mais próximas do Brasil e da cobertura da imprensa brasileira diariamente do que o Iraque, a ponto da guerra que acontece nesse país ser reportada de um país vizinho como se

---

<sup>260</sup> Ella Shohat e Robert Stam, 1994 – p. 25.

<sup>261</sup> *Idem* – p. 02.

fosse o centro do conflito e a cobertura ser considerada a respeito do geral e englobante “Oriente Médio”. No início da cobertura da guerra, este era o quadro da cobertura da Rede Globo: o grande diferencial, que também funcionava como autopropaganda, era uma rede de correspondentes “pelo mundo” e um repórter “direto do conflito”, que significavam enviados internacionais em Washington, Nova York e Londres e um repórter da cidade do Kuwait falando sobre as tensões da cidade vizinha à guerra.

A maioria esmagadora dos repórteres apenas foi autorizada a acompanhar o conflito se entrasse no Iraque junto com o exército invasor. Toda informação transmitida, por ordem do exército norte-americano, não poderia dar detalhes da localização nem passar conteúdos sem a autorização dos militares. Ou seja, nada saía para o mundo sem a leitura prévia, a autorização ou a censura do governo norte-americano. Tanto é que uma das apresentadoras da rede de TV norte-americana FOX chega a lembrar no ar, ao vivo, que todas as informações que seu repórter acaba de transmitir foram autorizadas pelo Pentágono, principal instituição militar norte-americana. O que poderia significar certa independência da Rede Globo, o fato de não ter um repórter dentro de Bagdá sob o controle direto do exército norte-americano nem transmitir a guerra de uma base dos Estados Unidos, terminou por ser apenas uma cobertura padrão, sem críticas ou novidades analíticas.

### **Os 3 mil jornalistas nas bordas da guerra**

Um documentário<sup>262</sup> realizado pelo espanhol radicado em Londres, Esteban Uyarra, mostra a cobertura da Guerra no Iraque feita por jornalistas que não foram credenciados a acompanhar as tropas norte-americanas ou inglesas e que basicamente estão na cidade do Kuwait esperando a guerra começar. O filme inicialmente mostra o cotidiano da cobertura dos repórteres de rádio, TV, jornal e internet instalados no Kuwait e depois a ida de alguns deles em direção a Bagdá mesmo sem autorização do governo kuaitiano, iraquiano ou norte-americano, sem mais saber a quem pedir autorização para entrar no país prestes a ser atacado. O documentário flagra o tédio dos repórteres que assumem estar no lugar errado da guerra, já que a invasão não ocorre no Kuwait.

Segundo o filme, havia três mil jornalistas na cidade do Kuwait e a maioria dos que foram retratados no documentário estava aflita sobre a permissão para entrar no Iraque. Depois de sete dias do início da guerra, que começou em 20 de março de 2003, o centro de informação chefiado por ingleses no Kuwait oferece imagens para os jornalistas sedentos de notícias da guerra. Os soldados permitiram que os jornalistas entrevistassem militares aliados que haviam estado no Iraque e que estavam naquele momento no Kuwait transportando caixas de mantimentos. Fica claro no filme que os repórteres estavam sem acesso a eventos de interesse de um correspondente de guerra e que aquele episódio era muito diferente do que eles esperavam e imaginavam de uma guerra. Ainda assim e justamente pela falta de opções de imagens do conflito, eles faziam fila para fotografar todos os ângulos do carregamento que chegava à cidade e que o documentário não deixa nem muito claro a respeito de que produto se

---

<sup>262</sup> Documentário *War feels like war*, UK, 2004.

trata, numa demonstração de que realmente não era um evento de grande interesse, que apenas estava sendo registrado com avidez porque não havia algo mais importante acontecendo no local. Para o documentarista, o importante naquele momento era retratar a inutilidade da presença dos três mil jornalistas no país vizinho ao conflito, dependentes mais do que nunca de notícias fornecidas pelos exércitos norte-americano e inglês ou pelo governo do Kuait.

Um jornalista de fala espanhola, como vários outros presentes no documentário, comenta a inutilidade da cobertura no Kuait. “Eles bombardeando Bagdá e nós aqui vendo os soldados carregarem pacotes” <sup>263</sup>. Outro jornalista pergunta: “o que vou reportar, essa guerra entediante nessa cidade entediante?”. O documentário apenas não deixa claro como esse período foi noticiado pelos mesmos jornalistas aos seus veículos e países de origem, se foi explicitada essa avaliação de que os jornalistas estavam no lugar errado e que não lhes era permitido cruzar a fronteira. A cobertura de guerra da Rede Globo está neste contexto e seu correspondente faz parte da estatística dos três mil jornalistas que estavam longe do cotidiano da guerra, apesar de não ser mencionado no documentário. Independente das condições que impediram a entrada de jornalistas no Iraque ou mesmo questões de segurança que pesem para que o repórter decida não entrar na zona de conflito, a questão chave na cobertura do canal brasileiro é que essas dificuldades foram levantadas, nem a emissora ou o repórter reportaram ao público que os jornalistas sediados no Kuait acreditavam que estavam fora da guerra. O Kuait foi sempre apresentado como parte da guerra e, em muitos momentos, como centro do conflito, discordando absolutamente da imagem apresentada pelo documentário do diretor espanhol que mostra o Kuait como a ante-sala da guerra e jamais o seu palco.

---

<sup>263</sup> Fala de jornalista espanhol sobre cobertura da Guerra no Iraque a partir da cidade do Kuait exibida no documentário *War feels like war*, 2004.

No início do filme são mostradas cenas de jornalistas reagindo às sirenes disparadas para avisar que poderia estar havendo lançamento de mísseis ou algum tipo de arma na região. A operação padrão, segundo mostra o documentário, era os jornalistas descerem até o porão do hotel onde estavam hospedados, vestirem roupas especiais contra armas químicas e máscaras de gás, como a que o repórter da emissora brasileira amarrara à perna em uma de suas reportagens para mostrar como os jornalistas devem se proteger em zonas de guerra. Além de mostrar esta reação e os procedimentos sugeridos, o filme entrevista jornalistas que não usaram as máscaras nem as roupas de proteção e que tampouco desceram ao local subterrâneo reservado a essas emergências, anunciadas com sirenes na cidade e por canais locais de televisão. Um dos repórteres ironiza o procedimento e diz que tem mais medo de ficar fechado na sala subterrânea do que de permanecer no lugar de onde faz as transmissões de rádio. A cena dos jornalistas com roupas prateadas, quase como astronautas ou seres de outro mundo, escondidos no subsolo de um edifício na cidade do Kuwait contrasta com a ironia dos jornalistas que sabiam que a guerra estava acontecendo bem longe dali. Com esta cena e o contraste de comportamento entre os próprios jornalistas, Uyarra inicia seu documentário que remete o tempo todo à discussão de onde a guerra estava acontecendo e como milhares de jornalistas transmitiam o conflito do país vizinho ao Iraque.

Mas o próprio documentário não se detém na análise e no registro da cobertura dos jornalistas que precisavam permanecer no Kuwait, mas em contraste segue a trajetória de alguns jornalistas que tentaram entrar no Iraque mesmo sem a permissão do exército norte-americano ou inglês ou do governo do Kuwait. O documentarista acompanhou jornalistas chamados pelo governo norte-americano de “unilaterals”, ou seja, que não estão cobrindo a guerra de dentro das tropas que invadem o país. Os



jornalistas que realizam a sua cobertura jornalística a partir de bases do exército norte-americano ou em outras tropas da chamada coalizão são classificados pelo exército de “embeds”<sup>264</sup>. Eles dormiam, comiam e passavam os dias ao lado dos soldados, e todas as coberturas eram realizadas em companhia dos militares. Com isso, há um campo para discussões do modo como esses jornalistas estão mais sujeitos ao controle e supostamente à proteção militar. A atuação dos “embeds” contribuiu sobremaneira para a busca constante e a produção de imagens ao vivo. “In the meantime, and between iconic images, the sheer number of embedded journalists in the field enabled greater simultaneity than ever before, delivering a continuous feed of live material from the zone of conflict”<sup>265</sup>. Seguindo os comboios, colhendo comentários ao vivo dos soldados, estando sempre no ar, garantindo a sensação de uma guerra em desenvolvimento e em movimento, a cobertura “embutida” era mais um elemento de velocidade para o jornalismo contemporâneo. “Embeds travelling on convoys, for example, driving along Iraqi highways, afforded at least a sense of pace, speed, and movement. This was strangely compelling viewing, sometimes with the embeds riding alongside military vehicles, attempting to provide live commentary as they were bounced around with the Iraqi countryside speeding by”<sup>266</sup>. Segundo o diretor, os jornalistas eram identificados com crachás que os diferenciavam como “embedded” ou “unilateral”. Ele deixou claro, em debate realizado após exibição do filme em Londres<sup>267</sup>, que não documentou a cobertura de jornalistas independentes, mas de jornalistas classificados como “unilateral” pelo exército norte-americano, que

---

<sup>264</sup> “Embedded” significa embutido, encaixado. Na classificação utilizada pelo exército norte-americano para a Guerra no Iraque significava a nomeação dos jornalistas que cobriam a guerra a partir dos pelotões aliados.

<sup>265</sup> Andrew Hoskins, 2004 – p. 60.

<sup>266</sup> *Idem*.

<sup>267</sup> O diretor participou de um debate após a exibição do documentário no auditório do Riverside Studios, em Londres, em 02 de fevereiro de 2005, onde fez reflexões sobre o filme e respondeu perguntas da plateia. O filme foi exibido pela rede de TV britânica BBC em 2004.

por diferentes motivos não estavam acompanhando as tropas de ocupação – alguns por não quererem trabalhar sob o controle dos militares e outros por não terem conseguido visto para ser um “embutido/embedded”.

O cineasta acompanhou principalmente uma repórter fotográfica de um jornal de Chicago e um repórter polonês da rádio Zet. Eles viajavam juntos da cidade do Kuait a Bagdá numa caminhonete, levando o cineasta, que viajou ao Kuait sem um grande orçamento e dependia da carona dos jornalistas para continuar seu documentário. À medida que os jornalistas vão deixando o Kuait e entrando no Iraque, passando por postos de controle norte-americanos, as cenas da guerra vão se mostrando e a cobertura vai sendo comentada e ela mesma registrada. Os corpos começam a aparecer nas estradas, nas ruas das cidades por onde os jornalistas passam e o documentário realiza o registro do registro da guerra.

A cobertura da TV Globo é “limpa”, sem mortos, com ênfase no número de ataques, relatos da organização do aparato de guerra e a presença do repórter diante da câmera com transmissor portátil. Para os repórteres que aos poucos vão tomando contato com a guerra à medida que seu veículo faz o trajeto a partir da fronteira do Kuait, a realidade do conflito vai se construindo diante deles, com as experiências que se apresentam e tomam um sentido que depende da leitura de cada um dos jornalistas. Cada impressão e cada resultado da experiência relatada pelos jornalistas que fazem parte do documentário dependem do olhar do repórter, que em alguns momentos pode reproduzir a estética consolidada pelo jornalismo homogêneo contemporâneo e tratar a guerra como espetáculo, ou relatá-la em números e estatísticas, mas a presença do repórter e o seu contato com as vítimas e principalmente as vozes da guerra têm o potencial infinito de gerar transformações no sujeito do relato e no produto jornalístico que ele realizar. Diferente do potencial existente no relato à distância cuja

tecnologia e estética empregadas afastam o sujeito do relato das pessoas de carne e osso atingidas pelo conflito e reduzem as suas possibilidades de transformação, de contato e de uma possível hibridação de visões de mundo e de leitura sobre aquele evento. Diferente também do relato “embutido” que, ainda que muito mais próximo do conflito e das vítimas da guerra que o jornalista que produz seu relato no país vizinho, transmite o evento próximo demais dos soldados que estão invadindo e submetem seus textos e imagens à ação apresentada pelas tropas e à necessidade da transmissão ao vivo. “The journalists closest to the heart of battle itself ironically contributed mostly narrow and decontextualized snapshots of the war. Moreover, the shrinking of the physical distance between embed and soldier was matched by a shrinking of the critical distance between journalist and story”<sup>268</sup>.

A guerra limpa da transmissão fora do perímetro do país em guerra reduz o efeito transformador e potencial da experiência, que no caso do jornalismo consiste na apreensão e reprodução do relato, produzido a partir da percepção do repórter e do contato com vozes e falas diferentes ao longo da sua cobertura. Nos momentos em que o correspondente da TV Globo consegue ultrapassar a barreira na qual se transformou a tecnologia portátil na sua cobertura, assim como buscar uma variação que não o deixe dependente apenas de fontes oficiais, que ao final se originam de uma mesma fonte, e chegar às pessoas que de algum modo são atingidas pela guerra, a cobertura da emissora exerce a sua função de relatar o conflito e levar a uma população distante do cenário da guerra parte da experiência vivida. A presença do jornalista no cenário do conflito mantém o potencial de transformação da experiência, que só será realizado e utilizado na sua força à medida que este contato ocorrer com as vozes das vítimas do conflito e não apenas com a realidade da guerra e com corpos

---

<sup>268</sup> Andrew Hoskins, 2004 – p. 60.

sem vida. Em alguns momentos a simples presença do jornalista no front não garante complexidade ao relato ou que este relato deixará de privilegiar o espetáculo ou as estatísticas. Uma das questões que aparecem no documentário é o modo como os jornalistas se aproximam dos cadáveres, dos feridos, o modo como entram na casa das pessoas, como entram por alguns instantes na sua intimidade atrás de uma história para contar e principalmente de uma imagem para mostrar. A primeira cena que os jornalistas consideram de guerra para transmitir aos seus veículos é a distribuição de comida realizada pelo Crescente Vermelho, uma versão da Cruz Vermelha nos países árabes, a caminho da cidade de Safwan, no sul do Iraque.

O documentário mostra os jornalistas em cima do próprio caminhão que distribui comida tentando buscar o melhor ângulo para fazer a foto mais expressiva do desespero das pessoas que tentam a todo custo agarrar uma das caixas de alimentos. Um dos jornalistas é entrevistado depois e comenta que, do ponto de vista jornalístico, aquela cena oferece grandes imagens porque o desespero das pessoas sempre resulta em grandes cenas para serem reportadas pela imprensa. “Nós somos cínicos, tenho que admitir”, diz o jornalista. Em 13 de abril, Esteban Uyarra mostra os jornalistas vendo e registrando um corpo caído na estrada que leva à cidade de Tikrit, no Iraque. Era um habitante local numa estrada, atingido ao que parecia por um disparo. Os jornalistas, não apenas a repórter fotográfica que é observada de perto pelo cineasta, mas vários outros fotógrafos que estão no local, se posicionam praticamente sobre o corpo para conseguir o melhor ângulo. No carro, a repórter comenta com o motorista iraquiano e com o cineasta que está gravando sua fala, a sensação de ter tirado aquela foto. Apesar da repórter buscar sempre refletir sobre a crueza da sua atividade, que é se intrometer na vida das pessoas e registrar seu cotidiano num momento de desespero como o estado de guerra, ela faz um comentário que de algum modo revela a maneira

como um repórter ocidental percebe o outro num conflito como a Guerra no Iraque. “Ele parecia tão morto, tão sem vida. Não parecia que havia vida nem antes”. Neste sentido, a experiência de guerra é retratada e apreendida como qualquer outro evento extraordinário, sem que o contato tenha provocado mais do que um choque, mas antes de tudo o desejo por uma boa imagem de impacto. O morto não produziu transformação, como um exemplo chave de que não é apenas a presença do jornalista no campo de batalha que garante a transformação no sujeito do relato nem a complexificação da produção jornalística. Nesta situação, talvez não adiante a defesa de Agamben de que a vida nua ganha cidadania na guerra com a morte, mas signifique apenas que ganha visibilidade e talvez simplesmente um espaço como estatística. O cadáver daquele iraquiano apenas reforçou uma visão ocidental anterior sobre o local e sobre aquela população, que é sempre representada como desordem, morte e deserto como a cena daquele corpo sem vida jogado na estrada, que a repórter tem a nítida sensação de que jamais viveu.

A presença do repórter diante da realidade do conflito é fundamental para a cobertura jornalística da guerra, mas apenas pode desenvolver seu potencial transformador do sujeito e do relato se existir o contato não com a morte, como o episódio do cadáver encontrado na estrada, mas com as vozes das vítimas. Não que o jornalista esteja necessariamente à procura dessas vozes como parte do seu relato, mas antes de tudo, porque esta experiência do repórter tem o potencial de transformá-lo e se alterar a sua visão de mundo e interpretação. Depois de encontrar o cadáver na estrada, num momento seguinte o comboio pára para registrar cenas do enterro de um iraquiano morto no conflito. O documentário registra o exato momento do enterro e o movimento de alguns fotógrafos, incluindo a repórter do jornal de Chicago, que também estão registrando a cena. Para conseguir um bom ângulo do corpo sendo

baixado à sepultura, a repórter se coloca à beira do buraco e diante de uma mulher que parece ser familiar do morto, vestida de preto, chorando e gritando copiosamente. A repórter tira sua foto e ao mesmo tempo é atordoada pelos gritos da mulher que naquele momento tem menos acesso ao seu morto do que a jornalista. O filme mostra a reação da jornalista no momento que sai após perceber o desespero da mulher e depois de ter a sua foto. No carro, mais adiante, a repórter reflete sobre o que acabou de fazer e presenciar. Naquele momento ela é impactada pela vida que ela julgava não ter visto no cadáver que havia fotografado anteriormente na estrada. Os gritos da mulher a sacodem e ela afirma ao cineasta que não agüentaria estar no lugar daquela mulher enterrando um parente diante de vários repórteres que se colocavam à frente dela para tirar suas fotos de guerra. No encontro com o segundo cadáver, há novamente o choque e o interesse jornalístico de mostrar aos leitores do jornal norte-americano a crueza da guerra, mas essa imagem mais uma vez reforçaria apenas a estatística sem vida através do corpo que não expressa mais nada a não ser a sua fatalidade. É no contato da repórter com a mulher iraquiana que enterrava o seu morto e com sua voz, sua opinião, seu grito, sua fala, que a repórter é tocada por aquela história sobre a qual não tem muitas informações, conseguindo colocar-se no lugar daquela vítima da guerra e avaliando que não suportaria viver aquela experiência de enterrar alguém íntimo como vítima da guerra. No primeiro corpo morto, a repórter não conseguiu ver-se, nem como a pessoa que antes daquele acidente tinha vida naquela região porque para ela é como se vida jamais houvesse existido, mas conseguiu identificação com a voz que se expressava diante dela. Diante dessa experiência, que a transformou como sujeito do relato, o seu próprio registro jornalístico e a função dessa apreensão se modificaram, tanto que a jornalista percebe na sua imagem e no seu relato a possibilidade de contar ao mundo que as pessoas

estão morrendo na guerra e que fora dali poucos sabem disso. Ela diz no documentário que nos Estados Unidos não se fala em “vítimas civis”, como se o exército norte-americano não estivesse matando iraquianos na guerra.

Ao longo do filme a repórter vai refletindo sobre o seu trabalho e sobre a guerra, comovendo-se com a situação e ao mesmo tempo entrando no jogo que garante todas as noites um conjunto de fotos enviado à redação de seu jornal em Chicago. Mas a guerra, o encontro com as pessoas e sua reflexão sobre o próprio trabalho vão modificando sua percepção e afiando sua fala, ao mesmo tempo que, segundo ela, vão afastando-a das pessoas próximas que ficaram nos Estados Unidos e que não compartilharam com ela aquela experiência.

A sua trajetória de deslocamento, desde a saída do Kuait, ou antes, desde a sua saída dos Estados Unidos, vai marcando diante das lentes do documentarista a mudança de olhar da repórter fotográfica que, ao mesmo tempo em que faz parte do sistema de cobertura diária e tem, todos os dias, que enviar imagens da guerra, vai sendo modificada pela realidade que testemunha, pelas experiências que participa e pelas pessoas que encontra. O documentário mostra o contraste interessante entre as impressões desta repórter fotográfica que vai discutindo a realidade que fotografa e outros jornalistas ao longo do caminho que afirmam que matariam a mãe por uma boa foto. Ao fim do filme, alguns dos jornalistas entrevistados decidem sair do Iraque, outros estão prontos para voltar para aquele ou outro conflito e a repórter do jornal de Chicago, segundo o documentário, decide ficar em Bagdá por alguns anos. Por determinação da profissão, a jornalista se vê deslocada a outra região e outra cultura, tornando-se ela mesma uma migrante provisória, e por decisão, tomada após sua experiência de guerra e do convívio com a população envolvida no conflito, torna-se

uma migrante, ainda que não definitiva, mas de uma permanência mais longa do que uma cobertura de guerra.

Todas as informações que o repórter da Globo possui vêm de fontes militares norte-americanas e tudo o que ele testemunha vem de uma população vizinha ao conflito, que vive na tensão de receber uma resposta militar iraquiana. Na cobertura da Rede Globo, o mais importante não foram as histórias que o narrador presenciou ou as notícias que pudessem mostrar algo além das informações repassadas pelo exército norte-americano, mas a presença de um enviado nas bordas do conflito, mais próximo da experiência de um “embedded” que pauta seu relato pelo aparato e pela narrativa militar do que de um “unilateral” que pode estar disponível a ser tocado pelo potencial de transformação do relato das vítimas. Transmite através de um ultra moderno aparelho que, pelo seu uso, insere a TV brasileira na cobertura mundial ao lado das demais emissoras internacionais e, pela sua tecnologia, oferece todas as noites a sensação de estar em lugares de difícil acesso num momento de guerra. Para Walter Benjamin, “narrar é uma das mais velhas formas de comunicar. Não tenta transmitir o puro em-si do acontecimento (como faz a informação), mas ancora o acontecimento à vida da pessoa que relata, para passá-la como experiência àqueles que escutam.”<sup>269</sup>. Tanto o repórter da TV Globo quanto a fotógrafa do jornal norte-americano realizaram suas coberturas sob as regras do jornalismo diário, que busca a imagem e o relato de algo extraordinário e emocionante aos olhos do seu público. Mas o jornalista da TV brasileira se manteve distante da realidade que prometia reportar, enquanto a repórter fotográfica demonstrou uma mudança de olhar à medida que se deslocava pelo território e diante da população em conflito.

---

<sup>269</sup> Walter Benjamin, 1985 [1936].



Talvez esta mudança de percepção tenha sido provocada e visualizada também pela realização do documentário como espaço de debate da presença do repórter na guerra, enquanto o cotidiano da cobertura diária de guerra proporciona mais a repetição de uma dinâmica de apreensão do fato que a reflexão sobre aquilo que é experienciado. Ao menos esta reflexão em poucos momentos cabe nas formalidades do relato jornalístico diário contemporâneo da guerra transmitida ao vivo – aparecendo apenas nas brechas dos relatos ou na constelação formada pelo leitor que busca diversas fontes (jornalísticas ou não) e constrói sua idéia sobre o conflito, as populações envolvidas, as iniciativas bélicas e as próprias coberturas jornalísticas e sendo depositado na maior parte das vezes na formação do olhar do jornalista e em outras formas de relato como os documentários. Ainda que a alteração no olhar da repórter possa não ter sido percebida pelos leitores do periódico que tiveram acesso ao seu trabalho jornalístico, talvez o pós-guerra e o tempo que decidiu permanecer no Iraque possam refletir no seu trabalho também de outro modo, sob a influência de sua experiência de migração de algum tempo. No Brasil, nos estúdios do *Jornal Nacional*, os apresentadores reforçavam a idéia de que os espectadores estavam falando direto do front, mais próximos do que ninguém jamais esteve em uma guerra. Numa das edições da primeira semana do conflito, a apresentadora do *Jornal Nacional*, Fátima Bernardes, diz durante a transmissão que os repórteres nunca chegaram tão próximos do *front*. No dia seguinte, o Secretário de Defesa dos Estados Unidos, Donald Rumsfeld, também conclui que a imprensa nunca foi tão livre para acompanhar a guerra.

Depois de algumas edições, no entanto, o repórter ou seus editores parecem ter se dado conta de que o centro do conflito não era a cidade do Kuait e passaram a falar mais de ações que aconteciam dentro do Iraque. Em transmissão ao vivo para o *Jornal*

Nacional em 25 de março de 2003, o repórter fala de uma suposta revolta da população iraquiana na cidade de Basra, no sul do Iraque, contra o governo iraquiano, e que estaria sendo contida com bombas pelas tropas de Saddam Hussein. O jornalista não cita nenhuma fonte que pudesse ter visto ou confirmado a revolta popular e tampouco o repórter diz ter testemunhado algum dos acontecimentos que narra. Ele conta como notícia, como fato e não esclarece a fonte da informação, se havia vindo dos militares norte-americanos ou ingleses ou de qualquer outra origem. Em sua entrada ao vivo, chega a dizer simplesmente que a revolta estava “acontecendo naquele momento”. Era um acontecimento que naquele momento do conflito, caso confirmado, poderia alterar drasticamente o rumo da opinião pública. Bastaria que as pessoas acreditassem que Saddam Hussein estava novamente massacrando a própria população iraquiana para que a guerra contra o Iraque começasse a ganhar legitimidade. Na análise das coberturas de guerra ao vivo, Hoskins, além de apontar para uma compulsão pela cobertura ao vivo, avalia que a checagem maior das notícias diminuiria o fluxo de informações, algo impossível de admitir numa cobertura que está em muitos canais 24 horas no ar ou, em outros, ao vivo sempre que o telejornal começa. “To thoroughly verify the accuracy and sources of the rapid flow of information and rumour would considerably slow the news-flow, to the advantage of one’s competitors. This makes news networks more vulnerable to the breaking of inaccurate stories”<sup>270</sup>.

Neste episódio, mais importante do que verificar a procedência e a veracidade das informações era divulgá-las antes ou ao mesmo tempo em que o faziam outras emissoras pelo mundo, importando assim fazer parte da cobertura mundial e não primar pela apuração da notícia, que é o suposto princípio básico do jornalismo. Em

---

<sup>270</sup> Andrew Hoskins, 2004 – p. 47.

muitas ocasiões em que o possível fato é anunciado antes que se tenha certeza da sua veracidade ou do seu final, mas como possibilidade ou até probabilidade, o acontecimento é posto ao público com o cuidado gramatical da não afirmação irrefutável. A notícia é acompanhada de expressões “pode estar acontecendo”, ou “segundo informações, estaria acontecendo uma suposta rebelião”. Essas precauções de linguagem costumam evitar formalmente a necessidade de uma correção de informação nas edições seguintes. Caso a informação seja desmentida no dia seguinte, o equívoco não terá sido da emissora – apenas à narrativa foi acrescentado um novo elemento, que muitas vezes pode alterar totalmente o sentido do relato, mas gerando apenas mais uma notícia. Porém esta precaução não foi a estratégia utilizada na divulgação desta história em especial, anunciada como fato.

No dia seguinte, várias TVs de outros países noticiaram que a revolta jamais existiu e tampouco a repressão com bombas pelo governo iraquiano. A informação do dia anterior foi, segundo essas reportagens, plantada pelos militares ingleses para tentar incentivar a revolta na cidade iraquiana. Na edição do Jornal Nacional de 26 de março não houve notícia sobre o desmentido da revolta e nem o repórter voltou ao ar para dizer que havia sido enganado ou que teria sido apressado ao divulgar a notícia sem citar fontes ou checar as informações. O dia já era outro, a narrativa já era substituída por uma mais recente, a batalha descrita era outra. Walter Benjamin afirma que “a informação só tem valor no momento em que é nova. Então precisa entregar-se inteiramente a esse momento e explicar-se nele”<sup>271</sup>. Para Martin-Barbero, os meios de comunicação em geral se preocupam apenas em transmitir uma sequência de acontecimentos não encadeados entre si que instalam um “presente contínuo”<sup>272</sup>. As matérias de Marcos Uchôa se encadeavam pelo tema, a guerra no Iraque, e pela

---

<sup>271</sup> Walter Benjamin, 1985 [1936] – p. 204.

<sup>272</sup> Jesús Martin-Barbero, 1998 – p. 02.

presença do repórter e de seu equipamento de vídeo, mas não se encadeavam para formar uma história mais ampla, com um sentido, que refletisse sobre os motivos do conflito, que apresentasse suas contradições. Martin-Barbero conclui: “no lugar de trabalhar os acontecimentos como algo que ocorre dentro de um tempo longo ou pelo menos mediano, os meios os apresentam sem nenhuma relação entre eles, em uma sucessão de fatos (...), em que cada acontecimento acaba apagando o anterior, dissolvendo-o” <sup>273</sup>. Assim, a notícia da suposta revolta dos iraquianos contra Saddam e do novo massacre não é mais visitada ou explicada ou desmentida na edição seguinte.

Carlo Ginzburg analisa o conceito de arte cunhado por Chklovski, um dos fundadores do formalismo russo, que reconhece na noção de ‘estranhamento’ a chave para se identificar ou realizar um fenômeno artístico. Para o autor são bastante conhecidos “os profundos ecos da noção de ‘estranhamento’ na arte e na teoria literária do século XX” <sup>274</sup>. É possível fazer uma relação do conceito analisado por Ginzburg com o conceito e o procedimento adotados pelo jornalismo contemporâneo, na medida em que ele aparentemente também se utiliza da idéia de ‘estranhamento’ para decidir o que é notícia e o que deve ser levado ao público. Para Chklovski, a arte se define como tal quando desestabiliza a percepção automatizada, provocando, deliberadamente um estranhamento. A notícia, para o jornalismo contemporâneo, é o fato que provoca ‘estranhamento’ na vida ordinária, e em geral prescinde voluntariamente de perspectiva histórica. Mas enfatizo que são dois tipos de estranhamento.

---

<sup>273</sup> Jesús Martin-Barbero, 1998 – p. 02 – (“En lugar de trabajar los acontecimientos como algo que sucede en un tiempo largo o por lo menos mediano, los medios los presentan sin ninguna relación entre ellos, en una sucesión de sucesos (...), en la que cada acontecimiento acaba borrando al anterior, disolviéndolo”).

<sup>274</sup> Carlo Ginzburg, 1998 – p. 18.

O “estranhamento” do qual fala Ginzburg é o que desestabiliza o que está acomodado, enquanto que no jornalismo, na maior parte das vezes, a notícia utiliza o atributo do estranhamento para em verdade reafirmar sentidos comuns e conceitos estabelecidos. No caso da cobertura da guerra, a imprensa muitas vezes tem reforçado a idéia da invasão do Iraque, colabora para a construção da imagem do Iraque como o perigo ou para a idéia de que os iraquianos estão festejando a ocupação, como ocorreu no início do conflito ao transmitirem a queda da estátua de Saddam no Centro de Bagdá. É valorizado o fato em si por seu estranhamento e pelo deslocamento de expectativa causado no público. Sem checar a informação ou ao menos apontar a sua fonte, o principal foco da reportagem que tratava do suposto novo massacre em Basra era o extraordinário que servia para reforçar a idéia de Saddam Hussein como ditador, sem que houvesse apuração das informações ou colocasse em questão a sua fonte. A “novidade” que reforça o discurso hegemônico sobre a invasão se sobrepõe à explicação, à análise e à fidelidade da informação, que não foi desmentida pela emissora no dia seguinte.

Quando analisa a presença da imprensa norte-americana nas coberturas das guerras do século XX, Noam Chomsky volta sua atenção para as “técnicas de propaganda”, usadas pelo próprio Estado em sintonia com a mídia e também através dela, na formação da opinião pública do país. Chomsky afirma: “propaganda is to a democracy what the bludgeon is to a totalitarian state”. Chomsky analisa as coberturas realizadas pela imprensa norte-americana durante as duas guerras mundiais, a Guerra Fria e contemporaneamente as guerras no Afeganistão e no Iraque no sentido de perceber como foi construído na sociedade americana nesses vários momentos o desejo da guerra. A mesma avaliação não cabe ser feita à imprensa brasileira, mas de certa forma a cobertura, especialmente de TV, no Brasil, durante o

início da guerra do Iraque, se utilizou de um aparato de propaganda também para convencer seus espectadores de que realizava uma cobertura de ponta, que estava ao lado das grandes redes de TV dos países desenvolvidos e diretamente ligados à guerra no Iraque. Como se participar da própria cobertura da guerra através dos enviados especiais espalhados pelo mundo e utilizando equipamentos de alta tecnologia fosse uma forma de ingressar numa certa modernidade e a possibilidade de se colocar lado a lado com canais como CNN e BBC. Eram a guerra ao vivo e as notícias sobre as incursões do exército norte-americano os principais focos da cobertura, restando pouco interesse na discussão sobre os motivos e a legitimidade da guerra. O videofone insere a TV Globo na cobertura mundial.

As assimilações e rebeldias do texto jornalístico podem ser analisadas sob as reflexões de Paul Veyne a respeito do conceito de sujeito. Para o autor, a subjetividade é a “identidade de si” <sup>275</sup> e o conceito de sujeito deve ser pensado no sentido político, analisando-o como indivíduo submetido à vontade do soberano. No caso da cobertura da Guerra do Iraque, é possível pensar o “soberano” como o discurso hegemônico da imprensa internacional que dá as diretrizes de uma cobertura mundial e dos atores que constroem a necessidade da guerra. Para o autor, significa dizer que apesar da sua condição de subjugado à vontade de um senhor, ou neste caso sob a influência de formas hegemônicas de narrar, o sujeito pensa algo a respeito de sua obediência e do seu amo <sup>276</sup>, ou sobre as instituições que os influenciam. Um sujeito, para Veyne, não deve ser pensado como um animal no rebanho, mas um “ser que dá valor à imagem que tem de si mesmo” <sup>277</sup>. As reflexões do autor sobre o sujeito também são importantes para pensar as influências da narrativa jornalística internacional, que tem suas brechas e auto-representações, não como simples

---

<sup>275</sup> Paul Veyne, 1998 – p. 10.

<sup>276</sup> *Idem.*

<sup>277</sup> *Idem.*

reprodução na mídia local por dependência ou subordinação, mas construída a partir do modo como autores dessa narrativa local percebem a si mesmos, a imprensa brasileira e o país, mantendo sempre um espaço na análise dessas narrativas para se perceber as brechas e os momentos em que essa representação de si não coincide com a imagem que o poder que influencia produz. Nesse momento aparece o “*flash*” do acontecimento e as possibilidades de contituir uma interpretação própria, consciente e crítica da guerra e de seus atores.

Para Veyne, o que ele chama de preocupação com a imagem pode levar o sujeito à desobediência, à revolta ou à obedecer ainda mais, mesmo que, segundo o autor, a última hipótese seja o que costuma ocorrer com mais frequência. Os jornais brasileiros como a *Folha de S. Paulo*, espelhados num ideal de sucesso e influência obtidos pelas grandes redes internacionais, não assimilam simplesmente determinados aspectos da cultura jornalística norte-americana predominante nessas coberturas porque devem algum tipo de obediência ou porque se percebem menos capazes de contar as histórias do mundo contemporâneo, mas a partir de uma idéia que fazem de si mesmos como parte de uma cobertura mundial, na qual não estão subjugados, mas da qual fazem parte e ajudam a construir.

A assimilação ou a discordância dos caminhos hegemônicos dessa cobertura mundial é feita a partir da idéia de si mesmo, na definição de Veyne, percebida e construída pela imprensa brasileira – não simplesmente por subjugação, mas por iniciativa própria e em cima de uma visão de mundo e de si. A história quase sempre é contada pelos vencedores e do ponto de vista dos seus líderes, mas Benjamin acredita que coisas espirituais são despojos dos vencidos e questionarão sempre cada vitória dos dominadores. “Elas se manifestam nessa luta sob a forma da confiança, da coragem, do humor, da astúcia, da firmeza, e agem de longe, do fundo dos tempos”

<sup>278</sup>. Aliando a esta perspectiva as reflexões de Veyne, os elementos elencados por Benjamin podem aparecer na cobertura contemporânea da guerra no Brasil quando os sujeitos que constroem as narrativas locais não se percebem como parte do esforço internacional de narrar jornalisticamente o evento, mas como meios de transmissão de narrativas hegemônicas, quebrando desse modo a assimilação prévia existente na relação da imprensa chamada internacional com as imprensas de países periféricos.

Agamben em seu texto sobre a “vida nua” e o poder do soberano se pergunta sobre as possibilidades de politizar e incluir a vida natural, individual, cotidiana, contemporaneamente. As saídas atuais seriam o funcionamento da biopolítica do totalitarismo de um lado, a sociedade do consumo e o hedonismo de massa de outro. Para o autor, até que uma política integralmente nova se apresente, “o ‘belo do dia’ da vida só obterá cidadania política através do sangue e da morte ou na perfeita insensatez a que a condena a sociedade do espetáculo” <sup>279</sup>, ou seja, a única possibilidade da “pessoa comum” aparecer numa guerra é como cadáver ou entre o número de feridos. Ainda assim os cadáveres de um lado da guerra podem ser mais considerados do que do outro, onde são percebidos como parte das estatísticas de baixas da guerra. As mortes diárias de iraquianos de antemão já não possuem o mesmo peso de anúncios sobre mortos de soldados norte-americanos, levando a refletir que mesmo a obtenção da cidadania através da morte pode sofrer pesos diferentes em relação ao sujeito da guerra e passar por um processo de banalização proveniente da longa duração do conflito e do desinteresse da imprensa que deixa de observar cada morte como um fato único para percebê-lo como uma notícia sem peso, que não merece mais o tempo e os gastos de uma cobertura ao vivo do local ou

---

<sup>278</sup> Walter Benjamin, 1985 [1940] – p. 224.

<sup>279</sup> Giorgio Agamben, 2002 – p. 19.



próxima ao conflito, apenas uma nota que aparece entre outras notícias internacionais de poucos segundos.

A divulgação quase cotidiana do número de mortos ganha peso pela repetição, mas também perde sentido quando se torna um fato comum e quase esperado entre as notícias da guerra que, tecnicamente e com base em declaração oficial do governo norte-americano, já teria acabado. Os mortos apenas voltam a ser notícia de destaque, ou a ter cidadania como coloca Agamben, no momento em que viram estatística alarmante, que representem uma avaliação geral da guerra e do período que já dura o conflito ou quando forem provenientes de uma ação extraordinária ou jamais usada. Em matéria do jornal *Folha de S. Paulo* de 19 de julho de 2006, quando as primeiras páginas e a capa exibiam números e imagens do conflito que acontecia entre Israel e Líbano, que passou a envolver também brasileiros mortos no país ou que tentavam sair às pressas e voltar para o Brasil, o jornal voltou a destacar as mortes no Iraque. Como episódio isolado, as mortes no Iraque já não ocupam matérias de capa neste período, mas um relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) contabilizou em seis mil os civis mortos no país nos dois meses anteriores e 14.500 civis mortos no ano de 2006<sup>280</sup>. Segundo a reportagem, o Ministério do Interior, que a matéria não deixa claro se é do Iraque, mas o texto leva a crer que seja, lança um dado de 50 mil mortos desde o início da guerra em 2003, reconhecido pelo próprio órgão como um dado que subestima o número real de fatalidades, que com outras fontes inclusive das Nações Unidas há muito já teria ultrapassado as 100 mil.

Talvez o mais difícil na análise de uma guerra seja falar e se aproximar do número de mortos, numa tendência em geral a se subestimar este dado, amenizando o resultado do conflito em termos de perda de vidas, principalmente civis. Segundo

---

<sup>280</sup> *Folha de S. Paulo*, de 19 de julho de 2003 – p. A13.

pesquisa divulgada por Noam Chomsky, em seu livro *Media Control: the spectacular achievements of propaganda*<sup>281</sup>, leitores norte-americanos quando foram perguntados sobre o número de mortos na Guerra do Vietnã tenderam esmagadoramente a citar números muito inferiores aos divulgados durante o conflito e das estatísticas finais, numa demonstração de que a morte é o que choca numa guerra, mas o que ela representa como catástrofe não é o que fica no registro das pessoas, que receberam boa parte das notícias através da imprensa e da historiografia. “One of the questions asked in that study was, How many Vietnamese casualties would you estimate that there were during Vietnam war? The average response on the part of Americans today is about two million. The actual figure is probably three to four million”<sup>282</sup>. A guerra termina, entra para história e o número de mortos não revela a noção de barbárie do evento, por motivos que podem ser especulados ou analisados como a banalização das mortes na publicação diária de notícias e na redução da importância das mortes que na maioria dos casos, em relação à Guerra do Iraque, é de civis iraquianos, e no caso da Guerra do Vietnã, de vietnamitas. No caso da matéria da *Folha de S. Paulo*, o momento em que os mortos voltam a ocupar o espaço do extraordinário, do choque e do fato é com a publicação do relatório da ONU e através de um dado geral que contabiliza essas mortes, ainda que seja um número muito abaixo do estimado extra-oficialmente.

Mesmo nessa ocasião, em que supostamente os mortos teriam o seu momento de cidadania e visibilidade, os mortos iraquianos permanecem no anonimato, sendo registrados como números e não pelo nome, por profissão ou por sua localização dentro do país, mas apenas pela nacionalidade. No único espaço da notícia que mostra o rosto de indivíduos e não apenas de estatísticas, que é a foto que acompanha a

---

<sup>281</sup> Noam Chomsky, 2002.

<sup>282</sup> *Idem* – p. 36

matéria e a legenda correspondente, a identidade do homem que aparece em primeiro plano é simplesmente iraquiana, sem nenhuma outra informação que o identifique e o individualize. O homem aparece aos prantos sobre um corpo coberto por um plástico com a legenda “iraquiano lamenta morte em ataque em Kufa, ao sul de Bagdá”, em foto que apenas ilustra a matéria, como se diz nas redações, mas não revela qualquer informação individual sobre a história desta pessoa e menos ainda sobre a morte que ocorreu naquele dia.

No texto também há informações gerais que ilustram os dados do relatório da ONU, que é o assunto principal da matéria, sem dizer nada mais sobre a vítima que aparece na foto, além de incluí-la em mais uma estatística. “Ontem um ataque suicida num mercado da cidade xiita de Kufa matou 59 pessoas e feriu 132, elevando para mais de cem os mortos em apenas dois dias” <sup>283</sup>. A única individualização ocorre, ainda que sem nome, em relação à pessoa que teria detonado o explosivo que causou as mortes, modificando ainda uma denominação que o jornal desde o início do conflito havia escolhido utilizar. O autor da explosão deixa de ser rebelde ou membro da resistência iraquiana, como nas edições do início da guerra, para se tornar “terrorista”, como muitos outros que utilizam estratégias de guerrilha e suicídio para provocar danos materiais e mortes. “Um terrorista parou sua van dizendo procurar trabalhadores e então detonou uma bomba” <sup>284</sup>. A cidadania aparece na guerra com a morte, mas pode se tornar incompleta quando faz parte de uma estatística que no futuro será minimizada ou esquecida ou ainda através de formas de individualização que deponham contra o sujeito.

Agamben traz para a discussão também as idéias de Foucault sobre técnicas políticas empreendidas pelo Estado sobre a pessoa e as possibilidades das tecnologias

---

<sup>283</sup> *Folha de S. Paulo*, de 19 de julho de 2003 – p. A13.

<sup>284</sup> *Folha de S. Paulo*, de 19 de julho de 2003 – p. A13.

do eu para responder a essa demanda estatal e oficial. Foucault fala em técnicas políticas, como a ciência do policiamento, com as quais o Estado assume e integra em sua esfera o cuidado da vida natural dos indivíduos; e por outro lado, o estudo das tecnologias do eu, através das quais se realiza o processo de subjetivação que leva o indivíduo a vincular-se à própria identidade e à própria consciência e, conjuntamente, a uma fonte de poder e de controle externos<sup>285</sup>. Do mesmo modo que Veyne expõe as possibilidades de assimilação do sujeito de leituras hegemônicas ou imposições de atores de comando desde que não confrontem com a visão que o sujeito faz de si mesmo, Agamben discute, através de Foucault e das reflexões sobre o poder do soberano e a subjetivação diante do estado de exceção, as possibilidades da utilização de atitudes políticas institucionais diante das formas que constituem a identidade do sujeito contemporâneo. Mais do que listar possibilidades de atuação dessas “tecnologias”, Agamben se coloca a pergunta: “e diante de fenômenos como o poder midiático espetacular, que está hoje por toda parte transformando o espaço político, é legítimo ou até mesmo possível manter distintas tecnologias subjetivas e técnicas políticas?”<sup>286</sup>. Está em questão quando se analisa a cobertura de guerra, ao utilizar as considerações de Agamben, Foucault e Veyne, as técnicas políticas que influenciam os discursos da imprensa brasileira na cobertura do conflito e as técnicas políticas construídas no jornal *Folha de S. Paulo* e também na maior rede de televisão do país, para representar de determinadas maneiras os sujeitos envolvidos. Do mesmo modo, as estratégias e tecnologias utilizadas pelos leitores para responder a essas técnicas do discurso jornalístico e aquelas dispostas pela imprensa brasileira para negociar com a influência e até imposição da imprensa internacional em apresentar a guerra como espetáculo ou a população como vítima da barbárie do seu próprio Estado e cultura,

---

<sup>285</sup> Giorgio Agamben, 2002 – p. 13.

<sup>286</sup> *Idem.*

ainda que esteja a imprensa brasileira por sua vez negociando a sua participação na cobertura internacional do conflito.

As reflexões de Agamben dos mecanismos da sociedade do espetáculo, das possibilidades de cidadania através do sangue e da morte e da fricção entre as técnicas políticas do Estado, dos discursos oficiais e de outras instituições e sobre as tecnologias do sujeito são importantes para a análise da cobertura de guerra, pensando na relação entre guerra e catástrofe e nas formas como a narrativa desses eventos são apresentadas pela imprensa. Os iraquianos só obtiveram cidadania política no momento em que se tornaram alvo de um poder militar e político que expôs seu sangue e provocou sua morte, quando se tornaram sujeitos e objetos na destruição, na morte e no espetáculo das câmeras de TV. Neste momento a sua vida nua é politizada e se torna parte da *pólis*. Em nenhum outro momento ou por nenhum outro motivo, que não seja os resultados da guerra, os iraquianos se tornam cidadãos e sujeitos da política. Apenas o corpo e os números ligados à violência são visíveis à esfera política. A estrutura da imagem dessas populações passa a ser a da fratura, a da exceção, a da violência e da destruição.

## **Mais algumas resistências**

As demais emissoras de TV brasileiras não enviaram correspondentes ao Oriente Médio para cobrir a Guerra no Iraque. Elas usavam em geral cenas compradas de emissoras de outros países, na maioria das vezes da norte-americana CNN e da britânica BBC, como também o fez a TV Globo, que não tinha cenas do Iraque através das suas próprias lentes instaladas no Kuwait. Ainda que diante deste cenário exista uma padronização do noticiário e das imagens, duas surpresas alteraram sobremaneira a transmissão das TVs de todo o mundo, inclusive as brasileiras: as emissoras Al-Jazeera, do Qatar, e RTP, de Portugal, que tinham ambas jornalistas em Bagdá e em outras partes do Iraque antes mesmo que os soldados norte-americanos pudessem circular por esses lugares. A primeira surpreende a todos por chegar aonde as emissoras ocidentais não chegam ou não querem chegar, como foi o caso desde a Guerra no Afeganistão, e a segunda por ter mostrado primeiro a primeira explosão em Bagdá, antes mesmo das TVs norte-americanas.

A Al-Jazeera começou a ficar realmente conhecida mundialmente e também no Brasil no final de 2001 quando os Estados Unidos atacaram o Afeganistão. Quando os bombardeios no Afeganistão começaram, parecia que tudo seria como na Guerra do Golfo: imagens distantes que mostravam luzes verdes cruzando um céu também esverdeado como se fosse a tela de um videogame. Sem vítimas aparentes, um bombardeio “cirúrgico” e “limpo”, com no máximo alguns “efeitos colaterais”, para utilizar expressões cunhadas e massificadas pelo governo norte-americano. Um jornalista da CNN chegou a se desculpar e a dizer no ar que aquela não era uma guerra para a televisão porque eles não tinham imagens para mostrar. Uma das questões é que os jornalistas estrangeiros estavam proibidos de entrar no Afeganistão

por ordem dos talebans, que comandavam a maior parte do país até então. O Taleban proibia a entrada dos repórteres e ao governo norte-americano serviam as “imagens de videogame”, uma imagem ‘limpa’, sem mortos.

Então surge a Al-Jazeera, que passa a ser a única emissora com permissão para entrar no Afeganistão. A emissora obrigou de alguma forma o restante da mídia global a contar outras histórias. No Afeganistão, os “efeitos colaterais” dos bombardeios são traduzidos pela Al-Jazeera em número de mortos e casas destruídas. A Cruz Vermelha é atacada “por engano”, conforme fontes oficiais norte-americanas e cadeias de televisão ocidentais, um engano revelado apenas depois que a Al-Jazeera distribui imagens do prédio destruído. As TVs do mundo todo tiveram que mostrar imagens da guerra, gente que morria, por mais que o governo norte-americano tenha pedido aos canais que “selecionassem melhor” as imagens antes de transmiti-las. Mas não foi possível. Era uma questão de audiência. Desde então a Al-Jazeera tem estado no centro de discussões sobre as coberturas das guerras no Oriente Médio e de algum modo alterou a maneira como as notícias sobre os conflitos são apresentadas. “‘O thought it [the bin Laden video] was sent directly to CNN, but then I noticed some strange logo in the top right corner of the screen, and I knew later that it was an Arab channel called Al-Jazeera that delivered the tape to CNN’, said the twenty-nine-year-old Bassett, who neither heard of Al-Jazeera now saw bin Laden before that day”<sup>287</sup>. Além de redirecionar a audiência das tradicionais emissoras ocidentais, a TV árabe acabou influenciando na cobertura da mídia internacional. “These days, Al-Jazeera sets the agenda”<sup>288</sup>.

No Brasil, a Al-Jazeera se tornou bastante conhecida do público e todas as emissoras do país reproduzem suas imagens. Mohammed El-Nawawy e Adel

---

<sup>287</sup> Mohammed El-Nawawy e Adel Iskandar, 2003 – p. 143.

<sup>288</sup> *Idem* – p. 03.

Iskandar escreveram sobre como o canal de TV a cabo do Qatar emergiu no Oriente Médio e teve tanto impacto nos últimos anos no Ocidente. “Al-Jazeera has become a global trendsetter among mass media networks, shaping public opinion and politics from London to Jakarta. The war on Iraq has also served to place Al-Jazeera among the elite of television broadcasters worldwide” <sup>289</sup>. Os autores afirmam que o que aconteceu com o canal desde os atentados de 11 de setembro de 2001 pode ser chamado de “unique and revolutionary phenomenon to date” <sup>290</sup>.

Para não se tornar dependente da cobertura da AL-Jazeera, as TVs ocidentais tiveram que encontrar uma maneira de entrar no Afeganistão. Era isso ou ficar o restante do conflito mostrando imagens produzidas pela Al-Jazeera e fazendo a fama da TV do Qatar. No início, os repórteres entravam clandestinamente, às vezes disfarçados sob uma burca, depois passaram a circular em lugares comandados por forças contrárias ao Taleban. Não significa que as imagens e os discursos produzidos tenham de todo expressado as diversas vozes e opiniões sobre a guerra. Muitas vezes, o registro da situação de pobreza pela qual passava e ainda passa grande parte da população servia para legitimar a interferência norte-americana na região. Mas o olhar da imprensa depois da Al-Jazeera teve que se modificar alguns graus a Leste. Atualmente o fenômeno Al-Jazeera tem dois fatores que explicam por que as TVs do mundo, mesmo as norte-americanas, não a ignoram, ao contrário, transmitem suas imagens nos próprios canais. Antes de mais nada, o canal vai a lugares onde as TVs ocidentais não vão e sempre tem imagens exclusivas, entrevistas com fontes que não falam habitualmente às TVs ocidentais, flagra resultados de bombardeios e de vez em quando transmite um vídeo de Bin Laden. Outro elemento é a existência de um público imenso no Oriente Médio e também nos países ocidentais aonde chega via TV

---

<sup>289</sup> Mohammed El-Nawawy e Adel Iskandar, 2003 – p. X.

<sup>290</sup> *Idem.*



a cabo que assiste a Al-Jazeera e reconhece o canal como fonte importante de informação sobre os países árabes e não apenas os grandes canais ocidentais. A Al-Jazeera entrou na competição mundial pela notícia e os canais ocidentais têm que reproduzir suas imagens para não perder histórias e não ver o público migrar para a TV árabe<sup>291</sup>.

No Iraque esteve novamente a Al-Jazeera mostrando que era possível e necessário contar outras histórias da guerra, não a partir do Kuait ou dos porta-aviões. Seus repórteres estavam nas ruas de Bagdá e em outras cidades entrevistando pessoas, ouvindo e transmitindo para outros países histórias e opiniões que a maioria das TVs ocidentais não mostrava com suas próprias lentes. Novamente como no Afeganistão, também as TVs norte-americanas em muitos momentos tiveram que transmitir imagens produzidas pela Al-Jazeera e não mostraram apenas cenas de videogame. No livro *Guerras do Século 21*, Ignacio Ramonet diferencia as guerras contemporâneas das do século XIX e parte do século XX em razão da supremacia militar não se traduzir necessariamente em conquistas territoriais e pelo papel central dos meios de comunicação. Segundo o autor, quando o poderio militar resulta em conquistas territoriais os resultados são incontroláveis e midiaticamente desastrosos. Sobre as conquistas territoriais Ramonet afirma que “na conjuntura atual, e consideradas em longo prazo, estas resultam politicamente incontroláveis, militarmente perigosas, economicamente ruinosas e midiaticamente funestas, em um contexto que tem confirmado os meios de comunicação como atores estratégicos de primeira ordem”<sup>292</sup>. A guerra no Iraque, que voltou a mostrar um conflito com conquistas territoriais quando isto já não era mais realizado, tem tido o resultado analisado por Ramonet: o conflito saiu do controle apregoado pelo governo norte-americano, com descontrole

---

<sup>291</sup> Seria interessante estudar como imagens e informações de TVs norte-americanas, por exemplo, são veiculadas e comentadas pela TV Al-Jazeera.

<sup>292</sup> Ignacio Ramonet, 2004 – p. 12.

político e milhares de mortes da população local, tendo reservado à mídia um papel estratégico. Este papel varia entre o apoio à guerra, a crítica à invasão e a possibilidade de outras formas de narrar o conflito. Essa fricção entre a Al-Jazeera e os canais ocidentais tem desequilibrado a balança da hegemonia da mídia ocidental. No Brasil e em outras partes do mundo, em países centrais ou periféricos, além da CNN e da BBC, as TVs têm transmitido também imagens e informações da Al-Jazeera.

Além da Al-Jazeera, outra novidade na transmissão da guerra do Iraque no Brasil foi o canal português RTP, que foi a primeira emissora a mostrar o início dos bombardeios aéreos em Bagdá. Foi a RTP, instalada na capital do Iraque, que mostrou as primeiras bombas caindo, antes mesmo da CNN, BBC e etc. No Brasil a TV Globo, que normalmente compra imagens dessas grandes emissoras anglo-americanas, também não foi a primeira emissora brasileira a transmitir as imagens iniciais da guerra. Apesar do idioma comum, não há um intercâmbio de informações e imagens entre as TVs brasileiras comerciais e emissoras portuguesas. Nos últimos anos o que se percebe é a entrada dos canais da Rede Globo em Portugal, principalmente pelo sucesso em Portugal das novelas brasileiras produzidas pela Globo. Mas o contrário é bem mais raro. Foi então a TV Cultura, uma emissora pública administrada pelo governo do Estado de São Paulo com boa qualidade de programação, mas com bem menos audiência que a TV Globo, a primeira emissora de TV brasileira a transmitir a invasão porque havia feito um acordo de compra de imagens da portuguesa RTP. Os telespectadores viram pela primeira o início da guerra ser transmitido na sua própria língua e não em inglês, oferecendo quem sabe mais um elemento de proximidade com o conflito.

Além de serem os primeiros a transmitir o início da guerra, os jornalistas portugueses enviaram, durante as primeiras semanas, notícias direto da capital iraquiana e de outras partes do país. Também utilizando um aparelho de videofone, mas transmitindo de dentro da cena da guerra (e não a partir do vizinho) e com muitos momentos de reflexão e análise contaram histórias, saíram às ruas, entrevistaram gente em Bagdá. Dois jornalistas da RTP foram inclusive presos e espancados por soldados norte-americanos quando se aproximaram de um comboio com soldados mesmo depois de mostrarem suas credenciais. É importante anotar que esses e muitos jornalistas de outras nacionalidades se arriscaram em estar em Bagdá muito antes das tropas norte-americanas e inglesas entrarem na cidade. E não foram bem vistos pelo governo dos Estados Unidos e muito menos protegidos por ele, tanto que o hotel Palestine onde estavam hospedados todos os jornalistas internacionais foi bombardeado pelo exército norte-americano. Dois jornalistas morreram no ataque que o exército chamou de “fogo amigo”. A RTP foi uma das poucas emissoras a mostrar o protesto de repórteres fotográficos em Londres que se recusaram a fotografar uma entrevista coletiva do ministro das Relações Exteriores da Inglaterra, Jack Straw, e da ministra das Relações Exteriores da Espanha, Ana del Palacio, organizada no dia seguinte do ataque ao hotel.

A cobertura da TV Globo continuou a enviar notícias da guerra a partir do Kuait durante todo o tempo em que os soldados norte-americanos lutavam no sul do Iraque, antes de entrarem em Bagdá. A simples presença do repórter no centro do conflito também não é garantia de uma cobertura crítica. É importante pensar basicamente como a emissora e seu correspondente apresentaram o clima da guerra e utilizaram a tensão de ser testemunha de uma catástrofe, onde a presença do repórter tornou-se ela mesma o centro da cobertura, sem uma análise que fosse mais reflexiva

e livre do grande número de informações oficiais. Tudo isso somado a um esforço de autopropaganda sobre correspondentes espalhados por todo o mundo, um repórter ao vivo do conflito e um equipamento que poderia mostrar o que jamais se viu. Transmitir uma notícia é selecionar informações, refletir sobre os eventos que reporta e testemunha, ouvir pessoas e escolher o que será realmente notícia. Para Chomsky, o resultado do que se vê nos noticiários tem sido uma limpeza e uma ação para amoldar o material cru através de definições prévias do que é ou não publicável. “O material cru da notícia precisa passar por sucessivos filtros, deixando apenas o resíduo purificado pronto para publicação. Em primeiro lugar eles estabelecem as premissas do discurso e da interpretação, e a definição do que é publicável” <sup>293</sup>. Notícia na maior parte das entradas ao vivo do repórter da TV Globo foram as manobras dos exércitos norte-americano e inglês, dados sobre a artilharia e a própria presença do repórter. À margem do conflito, a TV Globo não tentou voltar a sua cobertura para a análise da guerra, mas ao contrário buscou dar a sensação de estar recebendo notícias da guerra minuto a minuto. A análise didática do conflito vinha em complemento dos estúdios no Brasil, onde um outro repórter dava detalhes, postado sobre um mapa dos países do Oriente Médio, sobre o tipo de máquina de guerra utilizada nas ações daquele dia e por onde os generais norte-americanos afirmavam ter avançado.

A maior parte das imagens apresentava apenas o poderio militar norte-americano e como seria infantil tentar detê-lo ou questioná-lo. A estratégia de demonstrar um poder tão grande que chega a paralisar o outro foi utilizado no início da guerra pelo governo dos Estados Unidos ao apresentar o slogan “Chock and Awe” (Choque e Temor), cuja doutrina significava mostrar tanto poder militar, o lançamento de grande número de bombas num único momento e a tomada em massa

---

<sup>293</sup> Chomsky, 2002.

das cidades, que a população do lugar ficaria paralisada e se entregaria. Em outros momentos, outros impérios também já utilizaram a estratégia de demonstrar tanto poder, não apenas militar, a ponto maravilhar e paralisar outras nações com o objetivo de desmobilizar qualquer reação contrária<sup>294</sup>.

De maneira semelhante, em todos os dias do começo da guerra era exposto o poderio bélico norte-americano, em atividade mais recentemente no Iraque. O mapa diário da guerra no Jornal Nacional, horário nobre da televisão brasileira, mostrava diariamente como os Estados Unidos têm em suas mãos o poder de subjugar um país como o Iraque ou qualquer outro. A resistência iraquiana mostrou diariamente que a estratégia do “choque e terror” não conseguiu encerrar a guerra em apenas algumas semanas, ainda que o governo norte-americano tenha dado o conflito como oficialmente encerrado em maio de 2003. Mesmo depois daquela data, mais soldados norte-americanos foram mortos do que no período inicial da invasão até a data oficial para o final da guerra. As imagens da RTP e da Al-Jazeera em muitos momentos furaram o cerco das imagens padronizadas ou das cenas de videogame. A era do videofone foi inaugurada e talvez por enquanto tenha saciado o desejo de imagens direto da cena do conflito, mas o “videogame” se tornou impossível ainda que muito se deixe de mostrar e os espectadores talvez não se contentem apenas com as luzes verdes que cruzam o céu sem matar ninguém, apenas destituindo governos.

---

<sup>294</sup> Esse foi o papel da Exposição Internacional de Londres, montada pela primeira vez em 1851: o de grande vitrine e símbolo de todo o poder sufocante do Império Britânico. Para entender a presença desse poder é importante saber que a Exposição Internacional juntava no Palácio de Cristal todo tipo de cenário, trajes típicos de diversos países, animais empalhados, estátuas e principalmente todo tipo de invenção e novo produto e máquinas industriais, especialidades britânicas. Mas a exposição era tida como vitrine da “Indústria de Todas as Nações”. Myriam Ávila avalia a presença da Grande Exposição nas obras de escritores como Lewis Carroll e Edward Lear. Conforme reafirma Myriam Ávila, todo o espetáculo servia para deslumbrar e mostrar o tamanho do poder da Inglaterra. A idéia era uma apenas: “a idéia do poder ilimitado diante do qual todas as forças da natureza, todas as culturas, por mais remotas no tempo e no espaço, todas as idiossincrasias deveriam se curvar” (Myriam Ávila, 1996 – p. 183.). A autora lembra que até mesmo as classes trabalhadoras, que começam a ser organizar politicamente na Inglaterra, eram obrigadas por seus patrões a visitar a exposição.

## **O lugar da narrativa**

Por último, e após analisar a cobertura impressa e televisiva ao vivo, há uma questão importante a ser discutida ou ao menos lembrada: há espaço nas páginas de jornais diários para reportagens, especialmente na cobertura jornalística da Guerra no Iraque realizada pela *Folha de S. Paulo* e também na programação e na estrutura das emissoras de TV? Estaria a narrativa banida “para sempre” das edições diárias dos jornais? A informação em detrimento da narração, conforme afirmou Benjamin, ocupa os jornais brasileiros? Para onde foram deslocadas as narrativas, se é certo afirmar que os jornalistas as registram, as contam e dão conselhos contemporaneamente? A cobertura da imprensa, conforme foi analisado, tem sentido em função da contação de histórias, mas a cobertura diária da guerra está cada vez mais presa aos números, às fontes oficiais de informação e aos textos prontos produzidos por grandes agências. As narrativas aparecem como pretexto que garante a atenção do público, que sabe que os jornais e os telejornais são os locais das histórias, ou nas brechas da avalanche de dados, dos depoimentos oficiais e das informações sobre a máquina de guerra, em geral no momento em que o jornalista é parte e testemunha da guerra e está em contato com as vozes das vítimas. Mas, como que cansadas de ter espaço nas brechas e nos momentos de distração da cobertura altista que reedita diariamente a novidade da notícia, as narrativas se refugiaram nas reportagens impressas em formatos de livros, e não sem uma explicação histórica da cobertura de guerra no Brasil. As mudanças da cobertura de guerra no Brasil contribuem inclusive para explicar o contexto em que a imprensa brasileira realiza suas coberturas contemporâneas. Entre as principais alterações no modo de relatar conflitos internacionais, ou nacionais de grande dimensão, estão a introdução de

jornalistas profissionais e a introdução do próprio texto jornalístico, os suportes onde estas coberturas são realizadas em diferentes momentos, a velocidade do relato, a passagem do texto publicado aos textos e imagens televisivas e o lugar da reportagem no jornalismo brasileiro, que saiu dos jornais e das revistas à medida que o relato diário, especialmente através da cobertura ao vivo da TV passou a ser a principal fonte de informação sobre a guerra, e refugiou-se no livro-reportagem ou novamente nos relatos pessoais individuais como os diários, publicados com tal ou através de *blogs* na internet.

Desde a Guerra do Paraguai, a cobertura brasileira já é realizada fortemente através da publicação de textos longos em forma de livro. Só que na Guerra do Paraguai, no século XIX, o registro era feito na maior parte das vezes por combatentes que registravam suas impressões do conflito em seus diários que mais adiante eram publicados. Como foi o caso do Visconde de Taunay, que entre outras obras, publicou a *Retirada da Laguna*<sup>295</sup>, escrito originalmente em francês e talvez o mais conhecido relato deste evento, realizado quase como um livro-reportagem a partir de anotações realizadas durante a guerra em que combateu. De modo semelhante, o engenheiro André Rebouças também registrou sua participação na guerra em um diário, que foi publicado como tal apenas na década de 1970<sup>296</sup>. A Guerra de Canudos, um conflito interno brasileiro também do final do século XIX, mas com grande repercussão no território nacional na época e muito depois, traz um novo elemento para o testemunho da guerra e para a produção narrativa sobre conflitos no Brasil. Neste episódio já existe a presença do repórter cobrindo o evento com o propósito de ser publicado na imprensa e não mais é prioritário o relato do combatente. Euclides da Cunha foi ao sertão nordestino como enviado do jornal *Estado de S. Paulo* para cobrir a guerra.

---

<sup>295</sup> Alfredo Taunay, 1997 [1871].

<sup>296</sup> André Rebouças, 1973.

Ainda assim, com o início das mudanças que alterariam a forma de narrar a guerra no Brasil, profissionalizando a cobertura e voltando sua publicação para a imprensa, o relato mais importante e conhecido desta guerra é de Euclides da Cunha, mas sob a forma de romance, *Os Sertões*<sup>297</sup>, e não a partir de seu registro na imprensa. Nas guerras do século XX, cada vez mais a cobertura de guerras internacionais foi realizada no Brasil por jornalistas brasileiros deslocados aos países envolvidos e escrevendo reportagens para jornais.

Durante a Segunda Guerra Mundial, vários jornalistas e escritores realizaram coberturas como Joel Silveira, para os *Diários Associados*, e Rubem Braga, para o *Diário Carioca*. Os jornalistas, em diversos momentos, também como hoje, acompanhavam oficiais, no episódio os pracinhas brasileiros, mas estavam na condição de testemunhar a guerra das trincheiras, característica que no caso das guerras que envolvem o exército norte-americano quase desapareceu com o desenvolvimento dos aparatos tecnológicos de guerra que atingem os alvos sem que os corpos dos soldados entrem em choque e menos ainda os jornalistas. A surpresa na Guerra do Iraque que contrapõe esta lógica fica por conta das técnicas de guerrilha utilizadas pela resistência iraquiana e pelo cenário citadino de muitos conflitos, mas em geral não expõe o jornalista do mesmo modo que o tipo de guerra promovido pela Segunda Guerra Mundial. Não que a guerra do século XX oferecesse mais risco do que a contemporânea, porque para o corpo do jornalista ou para a “verdade”, que é a já chamada primeira baixa de uma guerra, se encontram cada vez mais desprotegidos quando o que está em jogo é o sucesso de uma iniciativa militar.

Na Guerra do Vietnã, um jornalista brasileiro ficou nacionalmente conhecido não apenas por cobrir para a revista *Realidade* o conflito, mas porque durante esta

---

<sup>297</sup> Euclides da Cunha, 1997.



cobertura, quando já havia praticamente encerrado seu dia de trabalho e sua estada no país, perdeu uma das pernas em uma mina terrestre. O repórter foi ele mesmo a notícia principal daquele conflito para o Brasil, fazendo a capa do periódico. Tanto José Hamilton como antes Joel Silveira fizeram parte de um momento em que a cobertura de guerra era cada vez mais especializada e realizada por jornalistas, mas não viveram a urgência da cobertura minuto a minuto como se tornou a cobertura contemporânea. Antes dessa velocidade ainda havia lugar para a narrativa e para a reportagem, como no caso de Hamilton Ribeiro, que escrevia para uma revista.

Contemporaneamente, o que comanda a cobertura de guerra é a velocidade do relato e das informações instantâneas ou ao vivo, mantendo transmissão do evento diariamente como atributo dos jornalistas e dos meios de comunicação, mas afastando o relato longo e a reportagem da imprensa. Neste sentido, retorna o espaço para o testemunho dos que experienciam a guerra e não são jornalistas, que podem ser soldados que não contam suas dúvidas aos jornalistas, ou moradores do Iraque que sentem a guerra em seu país e não são fonte de informação da imprensa, através principalmente da internet (nos *blogs*, *fotologs* e etc.), renovando a escrita e a leitura de diários. Ou ainda, reforça a publicação de livros-reportagem, espaço que abriga o relato longo, a reflexão, os temas que não são tratados na velocidade da cobertura diária e o debate principalmente sobre o próprio trabalho de cobrir a guerra, inclusive por jornalistas que estão relatando a guerra diariamente para seus respectivos jornais e emissoras de TV. E isso já é um fenômeno das últimas décadas no Brasil, em que jornalistas que cobrem experiências tão duras e traumáticas quanto uma guerra levam suas impressões, análises, entrevistas e experiências para os livros.

Caco Barcellos fez isso com sucesso pelo menos duas vezes quando publicou o livro-reportagem *Rota 66*<sup>298</sup> sobre a violenta polícia paulista e depois o livro-reportagem *Abusado*<sup>299</sup>, onde conta a vida de um morro carioca e de um de seus principais líderes, Marcinho VP (morto em 2003), numa pesquisa que durou cerca de quatro anos. Fora do espaço do livro-reportagem, o jornalista continua sendo repórter da TV Globo – um conceituado jornalista, mas que em muitos momentos produz matérias direto de Londres a respeito de situações ocorridas no Oriente Médio. Carlos Dorneles, um outro jornalista da TV Globo, também publicou um livro-reportagem<sup>300</sup> após a Guerra no Afeganistão onde analisa a cobertura da imprensa internacional sobre o conflito. Dorneles encontra na edição um espaço que jamais teve na TV diária, menos ainda na TV Globo, para analisar de maneira explícita o modo como o governo norte-americano censurou a imprensa durante a Guerra no Afeganistão e como a própria imprensa se prestou a apenas divulgar a versão oficial dos fatos. O jornalista não imaginava que pudesse haver controle maior do que o que ocorreu durante a primeira Guerra do Golfo, em 1991. “Quem poderia prever uma nova guerra com mais restrições ainda? Pois a cobertura pós-11 de setembro se transformaria no episódio mais censurado, autocensurado e distorcido de que se tem notícia na história da imprensa em frentes de guerra. Logo depois dos atentados, a imprensa americana – e toda a imprensa ocidental de roldão – pediu guerra, declarou-a antes do governo”<sup>301</sup>. O jornalista fala isto na primeira página de seu livro sobre a Guerra no Afeganistão, algo que não foi visto em suas reportagens diárias na TV Globo. Neste livro, ele ao mesmo tempo analisa a cobertura da imprensa e expõe as contradições e

---

<sup>298</sup> Caco Barcellos, 1992.

<sup>299</sup> Caco Barcellos, 2003.

<sup>300</sup> Carlos Dorneles, 2002.

<sup>301</sup> *Idem* – p. 19.

os impedimentos de se fazer análises críticas e reportagens que contem outras histórias no cotidiano das editorias de jornal ou TV.

O retorno do livro como espaço para a cobertura reflexiva traz ao leitor contemporâneo brasileiro também textos das coberturas de guerra de outras décadas como as já citadas realizadas por Joel Silveira e José Hamilton Ribeiro. Além de espaço para produzir reflexões, análises, contra-informações e narrativas mais longas sobre conflitos contemporâneos, o livro-reportagem dá sentido a textos publicados na imprensa de outras décadas e outras guerras, que ainda possuíam o desejo e o espaço para a reportagem de guerra. Os textos de Joel Silveira cobrindo as ações da Segunda Guerra Mundial formaram uma publicação chamada *O inverno da guerra*<sup>302</sup>, enquanto as reportagens de José Hamilton Ribeiro sobre a Guerra do Vietnã transformaram-se no livro-reportagem *O gosto da guerra*, ambos como parte de uma coleção publicada pela Editora Objetiva, intitulada “Jornalismo de guerra”. As duas edições trazem na capa fotos de época dos dois jornalistas em ação durante a guerra. Joel Silveira aparece de uniforme militar e capacete com um bloco de notas na mão, enquanto José Hamilton é retratado em sua cena mais famosa que é quando estava ferido pela mina terrestre, sujo de sangue e deitado no chão sendo socorrido. O próprio fotógrafo que o acompanhava fez a foto que foi capa desta edição e na época da revista *Realidade*.

Na Guerra do Iraque, o espaço para a reportagem, para a reflexão, para as falas das pessoas comuns e para a discussão sobre os bastidores da cobertura de guerra continua sendo o livro-reportagem. Diferente das publicações de Joel Silveira e José Hamilton, que apesar de estarem acompanhadas de textos de introdução, mas em essência tratam da compilação de textos já publicados em periódicos na época da

---

<sup>302</sup> Joel Silveira, 2005.

cobertura da guerra, o *Diário de Bagdá: a Guerra do Iraque segundo os bombardeados*, de autoria de Sérgio Dávila (textos) e Juca Varella (fotos), os mesmos repórteres que realizaram a cobertura diária para a *Folha de S. Paulo*, é feito de material não publicado no jornal ou produzido especialmente para o livro. Isso é afirmado por Dávila logo na apresentação da obra, deixando claro também que tratam no livro-reportagem especialmente do cotidiano dos iraquianos durante os bombardeios e do próprio trabalho jornalístico durante a guerra.

No caso da publicação sobre a Guerra no Iraque dos jornalistas da *Folha de S. Paulo*, há dois assuntos que chamam mais a atenção quando se compara com a cobertura dos mesmos repórteres no jornal: as narrativas sobre a vida dos iraquianos diante da guerra, que são destaque desde o título da obra quando os jornalistas assumem que se trata do ponto de vista dos bombardeados, e a análise sobre a própria condição do fazer jornalístico enquanto se realiza a cobertura dessa guerra. São dois elementos, dois enfoques, dois assuntos que não couberam preferencialmente nas páginas diárias dos jornais tal como eles se apresentam no livro publicado. Faltaria gancho, motivo, pretexto, um fato explosivo ou uma análise oficial de algum general dizendo o que “realmente aconteceu”. É incerto demais e conclusivo de menos como costumam ser as narrativas.

A introdução do livro é feita por José Hamilton Ribeiro, que faz elogios à cobertura diária de Sérgio Dávila para a *Folha de S. Paulo*, mas reconhece que no jornalismo diário não há espaço para a reflexão e para “as pessoas da guerra”. “O Brasil acompanhou, entre emocionado e divertido, as peças que Sérgio Dávila mandava de Bagdá. Mas a cobertura diária, o *dead line* e até mesmo a restrição de espaço não permitem reflexão maior sobre os fatos, os atos, as pessoas da guerra. Isso

fica para o livro”<sup>303</sup>. Apesar de também na versão em livro incorrer em equívocos, simplificações e sentidos comuns, o jornalista em seu *Diário de Bagdá* traz a tona mais do que no jornal as histórias dos iraquianos e o modo de trabalho dos jornalistas que foram cobrir o conflito. É importante ressaltar que tudo isso, tanto as matérias de jornal quanto o texto do livro em primeira pessoa, teve as dificuldades e as imposições daquele momento em que os jornalistas ficavam confinados em um hotel e viam a guerra de lá e tinha acesso em geral a outros locais e às pessoas apenas conduzidos por agentes ora do governo iraquiano, ora do exército norte-americano.

Escrito em primeira pessoa, o livro desde o princípio trata das condições de trabalho e da experiência cotidiana de dois jornalistas que queriam chegar a Bagdá antes do ultimato dado pelo presidente dos Estados Unidos. Não queriam perder um dos momentos mais importantes da cobertura jornalística, o começo da guerra. Mas até chegarem a Bagdá e presenciarem o que seria o início do conflito, os dois jornalistas vão registrando em texto e imagens as dificuldades de entrar no Iraque, as consequências do embargo e a fuga dos iraquianos com medo da guerra. Segundo o jornalista Sérgio Dávila, o carro que os leva em direção a Bagdá faz o trajeto todo sozinho, percebendo apenas a presença de veículos no sentido oposto à capital do país. Essas pessoas que fogem, conforme o jornalista, são aquelas que puderam pagar US\$ 300 ao governo para deixar o país, regra determinada pelo governo de Saddam Hussein um pouco antes da guerra. “Do lado oposto, todo o mundo parece estar vindo da direção de Bagdá, com carros cheios de pessoas e objetos. Aproveitam as poucas horas antes que se esgote o ultimato americano, para achar lugar mais seguro onde ficar. De acordo com lei assinada por Saddam Hussein, o iraquiano só pode deixar o

---

<sup>303</sup> José Hamilton Ribeiro, 2003 – p. 19.

país se faz um depósito compulsório de trezentos dólares. Como o salário mínimo é um décimo desse valor, poucos têm condições de viajar para o exterior”<sup>304</sup>.

Já em Bagdá, os dois jornalistas se instalam no hotel que durante a Guerra do Golfo, em 1991, abrigou os jornalistas internacionais e de onde Peter Arnet, da CNN, transmitia suas matérias. Mas, conforme o relato do livro, o hotel está curiosamente quase sem hóspedes ou outras pessoas circulando. Através de outro jornalista que está deixando o hotel, Dávila fica sabendo que a rede de TV CNN foi avisada que o local poderia se transformar em alvo militar dos norte-americanos. Nesse episódio, Dávila conta um dos momentos em que todos os 180 jornalistas que restaram em Bagdá seguem os passos da CNN, orientada o tempo todo e em outros momentos do livro em como deve agir e onde deveria estar. “Nas últimas 24 horas, seguindo uma decisão da equipe da CNN, todos os jornalistas se mudaram para o hotel Palestine, que fica do outro lado do Rio Tigre e está convenientemente longe de qualquer instalação militar”<sup>305</sup>. Nesse episódio, o jornalista fala também da solidariedade que quase nunca existe durante o trabalho jornalístico que, na maior parte das vezes, envolve diversos profissionais no mesmo espaço. O governo iraquiano tenta impedir a mudança de hotel, mas os jornalistas se reúnem e ameaçam deixar o país em bloco caso não possam ir para outro hotel. “Agora, o Ministério da Informação até tentou proibir o êxodo em direção ao Palestine, mas a imprensa ameaçou deixar o país em bloco caso fosse obrigada a continuar aqui. Foi a primeira vez que houve uma ação conjunta de um grupo que depois demonstrará em diversas ocasiões sua falta de união e seu individualismo exacerbado”<sup>306</sup>.

Ainda em relação ao hotel onde os jornalistas ficariam hospedados, Dávila discute as versões diferentes apresentadas pelo governo norte-americano e o que os

---

<sup>304</sup> Sérgio Dávila e Juca Varella, 2003 – p. 24.

<sup>305</sup> *Idem* – p. 31.

<sup>306</sup> *Idem*.

iraquianos falam de um mesmo episódio. Na operação chamada de Raposa do Deserto, realizado pelo exército norte-americano em 1998, o hotel Al-Rasheed foi atingido por dois mísseis e um terceiro caiu nas redondezas sobre um bairro civil. Na versão oficial norte-americana, a queda dos mísseis foi um engano. Para os iraquianos, conforme relata Sérgio Dávila sem dizer se a população ou apenas o governo do país, os mísseis tinham nome e endereço: “os americanos estariam retaliando o fato de o hotel ter colocado o tal retrato de George Bush, o pai, no chão (na entrada do hotel). Tanto que o terceiro Tomahawk caiu na casa da autora da pintura, a iraquiana Leila al-Attar, que morreu carbonizada”<sup>307</sup>.

As diferentes versões são temas que perseguem toda a cobertura da guerra e, em outro episódio do livro, Dávila fala novamente das versões sobre um fato. Dessa vez ocorre quando cai a primeira bomba sobre Bagdá. Além de iniciar a guerra e cumprir seu ultimato, o exército norte-americano declara que as bombas tinham como destino uma reunião onde estariam presentes Saddam Hussein e seus dois filhos. A partir dessa declaração de intenções e alegando informações precisas do serviço secreto norte-americano, muito foi falado sobre o paradeiro de Hussein que até então não havia sido encontrado. Dávila fala das diferentes versões que correram o mundo depois do primeiro bombardeio: “relatos posteriores afirmarão de tudo – desde que Saddam realmente morreu nesse primeiro dia até que ele teria sido visto ao sair carregado para uma ambulância, muito ferido. Nada se confirmará”. Nos jornais diários e muito menos na cobertura da TV é possível encontrar relatos que dêem conta dessas contradições, muito menos quando se está dando a notícia a partir de uma fonte oficial. Ela quase nunca é posta em questão como o que ela deve ser, uma versão. Mas

---

<sup>307</sup> Sérgio Dávila e Juca Varela, 2003 – p. 31.

como o fato. E quando ela se desmente, quase nunca as notícias seguintes trazem o desmentido ou uma nova versão.

A primeira bomba não interessa apenas porque busca Saddam Hussein como alvo, mas especialmente porque é aquela que desencadeia a guerra. Sobre o início da guerra, Dávila revela o que muitos teriam vergonha de dizer, que o primeiro sentimento é o de empolgação: “Fino e Patrício (repórteres portugueses e os únicos a registrar em vídeo a primeira bomba caindo sobre Bagdá) serão pioneiros em outras situações que envolverão jornalistas, todas ruins. Agora, porém, estão empolgados com o fato de a história estar acontecendo ali, a metros de nossa varanda. Assim como nós” <sup>308</sup>. Até que vissem de perto a devastação provocada pelas bombas norte-americanas, o repórter relata sua decepção com o efeito visual do bombardeio que ocorreu já durante o dia e visou pontos diferentes da cidade. “Como a guerra começou às 5h35, o dia já estava claro, e a explosão da série de bombas e mísseis despejados na ‘janela de oportunidades’ de que falou George W. Bush para pegar Saddam Hussein e seus filhos reunidos não nos causou o efeito visual esperado” <sup>309</sup>. O jornalista reconhece que a sua expectativa era ver e testemunhar o fim dos tempos, mas nesse momento já depois de quase 40 páginas não trata de quem poderia estar embaixo dessas bombas que ele viu apenas do alto do 11º andar de um hotel. O temor e o pânico são certamente proporcionais ao local de onde se assistiu a esse bombardeio e quem o protege. Para a população comum de Bagdá que viu as bombas caírem sobre si ou sobre pontos conhecidos seus, o “efeito visual” e o sentimento de medo causado pelas explosões devem ter sido maiores. Sérgio Dávila nesse momento não relativiza sua posição na cidade nem em relação a ela, uma cidade estranha a ele, que não lhe dá referências nem lhe traz preocupações de que sob as bombas estivessem pessoas,

---

<sup>308</sup> Sérgio Dávila e Juca Varella, 2003 – p. 37.

<sup>309</sup> *Idem* – p. 38.



muito menos seus conhecidos. Tanto que nesse momento do livro quando trata do primeiro bombardeio, o jornalista, apesar de mais uma vez colocar em cheque a versão oficial do exército norte-americano, não se refere aos iraquianos, mas aos mísseis e à mais cara demolição da história. “Depois, aliás, esse ‘ponto zero’ da guerra entraria para a história por outro motivo. Não existia nenhum *bunker* de 60 milhões de dólares em que Saddam & Família estariam escondidos na hora da tal janela, ao contrário do que oficiais americanos disseram então. Ou, pelo menos, ninguém descobriu o abrigo até agora. O resultado foi que os quarenta mísseis Tomahawk lançados caíram sobre construções normais. Deve ter sido a demolição mais cara da história: 30 milhões de dólares”<sup>310</sup>.

A partir da página 44, Sérgio Dávila em seus textos e Juca Varella nas fotos começam a fazer jus ao subtítulo que deram a seu livro-reportagem (*a Guerra do Iraque segundo os bombardeados*). O relato da primeira incursão por Bagdá mostrada no livro apresenta os motivos pelos quais escolheram dizer que mostravam a fala dos bombardeados: “É da resignação do povo que nos veio a idéia da cobertura da guerra do ponto de vista dos bombardeados. Julgamos que daí virão as melhores histórias, justamente do aspecto menos coberto pela imprensa internacional, especialmente a americana, mais preocupada com estratégias militares, sofisticação de armamentos e o ‘quem é quem’ do regime”<sup>311</sup>. Os jornalistas fazem nesse momento uma clara opção pela narrativa, embora talvez não seja tão acertada a interpretação deles em relação ao que chamam de resignação dos iraquianos. Mas a opção por contar histórias é consciente e evidente, especialmente nessa publicação, já que as edições diárias da *Folha de S. Paulo* como os demais jornais exigem que se fale dos mísseis, das intenções norte-americanas e dos “fatos”. Em sua primeira referência às histórias

---

<sup>310</sup> Sérgio Dávila e Juca Varella, 2003 – p. 38.

<sup>311</sup> *Idem* – p. 44.

contadas pelos iraquianos e à sua intenção de ouvi-los, os jornalistas tentam falar da decisões de muitos deles de fazer a vida continuar apesar da agressão dos Estados Unidos, de abrir seus comércios, de ir à feira. A primeira imagem dessa parte do livro mostra o dono de uma quitanda, Hassan Ali, que afirma que continuará fazendo o que fazia todos os dias: “Eu vendia bananas antes da guerra e vou continuar vendendo bananas depois da guerra”<sup>312</sup>. Talvez esta atitude pudesse ser chamada de resistência e não de resignação. Nesta fala o senhor de cabelo e bigode brancos fala mais sobre realizar um desejo próprio, da soberania iraquiana e da vontade de decidir sobre a própria vida do que sobre desistir e se acostumar à guerra. Mas o jornalista vê resignação. Ainda assim está ali a voz de um dos “bombardeados” para quem quiser dar outra interpretação e tirar outro conselho e não apenas a quantidade de bombas despejadas sobre ele.

Os jornalistas começam a mostrar os feridos e a destruição provocada pelas bombas, buscam também relativizar o que poderia ser propaganda oficial do governo iraquiano. “Vamos também visitar dez hospitais que recebem as vítimas civis dos bombardeios. (...) O que nos espera, porém, é sempre de travar a garganta, mesmo com as armações do Baath (...)”<sup>313</sup>. As páginas vão se sucedendo com fotos de casas destruídas e crianças sendo atendidas nos hospitais de Bagdá enquanto o texto vai contando os casos e falando das pessoas.

“Crianças como Ali Ismail Abbas, de doze anos, que perdeu os dois braços e criou comoção mundial. O menino foi achado sem esperança de sobrevivência num hospital da periferia de Bagdá e, graças aos holofotes de jornais e emissoras britânicas, provocou tal impacto na opinião pública mundial que foi criado um fundo em seu nome e ele se prepara para, em breve, viver com dois braços artificiais. Ou Saddam Hussein, de vinte anos, que não teve a mesma sorte. Seu braço esquerdo foi decepado no massacre de Al-Shola, um dos lugares mais pobres de Bagdá, com ruas de terra e esgoto a céu aberto.”

---

<sup>312</sup> Sérgio Dávila e Juca Varella, 2003 – p. 44.

<sup>313</sup> *Idem* – p. 52.

É notadamente um esforço e um espaço possível para falar das pessoas que vivem em Bagdá e mais ainda do cotidiano do trabalho jornalístico durante uma cobertura de guerra. A falta de conhecimento do país, as restrições oficiais tanto do governo iraquiano quanto do exército norte-americano e não falar árabe certamente reduzem a possibilidade de tratar do cotidiano dos bagdalis, ainda que o livro-reportagem chegue aonde o jornal não conseguiu. O último texto do livro, que se refere ao retorno dos jornalistas, ocorrido em 15 de abril de 2003, demonstra o que a cobertura significou para os repórteres como experiência profissional e pessoal e reapresenta os dois principais temas do livro: falar da imprensa e dos bagdalis, ainda que no caso das mulheres seja pouco e rápido demais para tratar da sua complexa situação diante tanto do governo iraquiano quanto do exército de ocupação e revele que os jornalistas participaram evidentemente de um mundo masculino durante a cobertura:

“Encerrada a semana de nossa nova incursão a Bagdá, seguimos os passos de uma rotina já conhecida: arrumar carro e motorista que nos leve embora de Bagdá. Desta vez, porém, o aperto no coração não é por medo, mas sim por deixar para trás um lugar que mudou nossas vidas. (...)”

Deixamos para trás o Sheraton, o Palestine, depois a praça Al-Firdos, então os restaurantes fechados da beira do Tigre, as pontes miraculosamente intactas (...), tudo pontuado aqui e ali por veículos militares, americanos e agora também australianos e britânicos. (...)”

Deixamos para trás Ali, nosso primeiro motorista, que para mim será sempre o rosto de Bagdá; o elegante Amjad, que nos mostrou que nem todas as consciências estavam à venda; Rubi, que lavava e passava todas as noites sua única roupa “boa” para aparecer bem arrumado na manhã seguinte para nós; Hassan Ali, que continua vendendo bananas, com guerra e sem guerra; Karin Kadum, que perdeu a mulher mas não a honra ao ser preso e torturado pela polícia secreta; os milhares que tiveram suas casas e suas famílias destruídas por “bombas inteligentes”; Ammar e Firas, cujo romance homossexual floresceu no momento em que Saddam Hussein era corrido do país; as centenas de senhores que se vestem todos os dias como quem vai para o trabalho e ficam em frente do hotel Palestine implorando aos militares americanos por um emprego; e as mulheres, que voltaram a sair de suas casas. Por lá e arredores, ficaram também os corpos de dezesseis jornalistas, mortos em mais uma guerra em que esse profissional é visto cada vez menos como força imparcial. Paul Moran foi vítima de um homem-bomba; Terry Lloyd caiu por fogo amigo; Fred Nerac continua desaparecido; Gaby Rado despencou do topo de um hotel por acidente ou suicídio; Kaveh Golestan pisou numa mina; Michael Kelly se acidentou num veículo militar; Kamaran

Abdurazaq Muhamed foi alvo também de fogo amigo; David Bloom teve coágulo nos pulmões; Julio Anguita Parrado e Christian Liebig estavam no alvo de um míssil iraquiano; Tarek Ayoub foi bombardeado; Taras Protsyuk e José Couso foram atingidos no Palestine; Mario Podestà, Verónica Cabrera e Elizabeth Neuffer se acidentaram na Expressway 1.

Que é onde estamos agora, já perto da fronteira com a Jordânia, quando Juca Varella se vira para trás com a mão direita espalmada levantada. Eu bato de volta e ele grita: ‘Conseguimos!’

Conseguimos”<sup>314</sup>.

---

<sup>314</sup> Sérgio Dávila e Juca Varella, 2003 – pp. 146 e 147.

## **Conclusão**

As epígrafes desta tese concentram o que são algumas das conclusões da pesquisa. Uma delas, de Gerard Vincent, afirma que o historiador nunca está ausente do enunciado que produz e que as abordagens escolhidas sempre têm um elemento pessoal para terem sido usadas e fazerem parte do trabalho. Desta maneira, antes de levantar alguns pontos importantes sobre o desenvolvimento do tema, é fundamental esclarecer que esta é uma versão, um recorte, uma escolha, uma constelação possível montada para dar sentido a um evento contemporâneo que é a Guerra do Iraque e a um fenômeno contemporâneo de massa que é a cobertura deste conflito. Mesmo quando as grandes narrativas eram as expressões hegemônicas na análise dos eventos, já se tratavam de versões e de escolhas pessoais, políticas e que correspondiam a seu tempo de análise. Mas o que as diferencia fundamentalmente das análises contemporâneas é a consciência atual dessa parcialidade, da existência da perspectiva na análise acadêmica. Talvez, como uma das conclusões, seja possível dizer que esta presença consciente de perspectiva e de relatividade do sujeito que narra poderia ser uma contribuição para o exercício da carreira jornalística, para compor o modo de produção do texto de repórteres e editores de jornais e emissoras de TV, especialmente nas de notícias internacionais. Neste sentido, a presença de Walter Benjamin se faz prioritariamente não através de citações de suas obras e teorias, mas na tentativa de incorporação de questões importantes, desenvolvidas por ele, como a necessidade e a capacidade de construir uma constelação de sentidos com leituras próprias do presente e do passado, revelando um texto que contribua para revolver as fileiras de vencidos para que abalem as dos vencedores. Desse modo, o autor da

análise, como o autor das narrativas jornalísticas, não existe fora do seu contexto e está entranhado no texto que produz.

Na esteira do conceito de constelação de Benjamin se soma mais uma das epígrafes, de Georges Duby, que trata da realização de um esboço, de uma obra inacabada, recheada de pontos de interrogação. Após alguns anos de pesquisa e análise, algumas ligações e leituras foram apresentadas nesta pesquisa, mas são todas interpretações que querem fazer pensar e levantar dúvidas sobre processos construídos sobre estruturas por demais rígidas como os conceitos de fato, informação, notícia, fonte e realidade e que precisam ser questionadas, muito mais do que conclusões do mesmo modo rígidas e acabadas. Para interpretar a realidade e os discursos, especialmente os contemporâneos, mais do que concluir e dar sentenças é preciso levantar questões e criar grandes e incômodos pontos de interrogação, em relação ao objeto analisado e à produção do próprio texto acadêmico. Faz-se necessário principalmente porque o objeto analisado, que é o texto jornalístico e a produção jornalística realizada no Brasil, é, sobretudo, complexo, diversificado, contraditório em muitos momentos, sem que seja possível sentenciá-lo, mas fundamental percebê-lo na suas muitas facetas.

A terceira epígrafe, de Jean-Luc Godard, trata da estreita relação entre a realidade da guerra, as pretensões políticas e militares de governantes e a produção de narrativas sobre os conflitos. A guerra contemporânea começa e termina pelos meios de comunicação. A guerra das narrativas e versões é tão importante para os que produzem as guerras e para os que se informam sobre ela quanto os resultados físicos dos conflitos. Ou melhor, o resultado físico das guerras depende diretamente da guerra de interpretação e de vozes que passa contemporaneamente pelos meios de comunicação e, na guerra em questão, pela cobertura diária e ao vivo através do relato

de notícias. Neste sentido, a imprensa brasileira, que dispensou desde o início da guerra uma atenção especial à cobertura do conflito, através do envio de repórteres e do número de página destinadas às notícias e análises do evento. Houve na história das coberturas de guerra no Brasil uma migração dos relatos de combatentes para os relatos de jornalistas profissionais reportando para a imprensa diária, ao mesmo tempo que, contemporaneamente, privilegia a notícia diária e transmitida ao vivo e faz a reportagem migrar para os livros. Levando em conta a preferência pela cobertura diária da guerra, priorizando a notícia, foi realizada esta análise, observando o lugar ocupado por essa cobertura, as suas prioridades, as escolhas que fez, o modo como trata e reproduz o discurso oficial e as estratégias que utiliza para resistir a este discurso.

Através da cobertura realizada pela *Folha de S. Paulo* nas primeiras semanas da guerra, que incluiu o envio de jornalistas ao centro do conflito, a tradução de textos de jornais internacionais, a publicação de textos e informações produzidas por agências de notícias, reportagens de outros correspondentes em cidades européias e norte-americanas, a produção de textos na redação brasileira com base em informações oficiais ou entrevistas com fontes locais e pessoas comuns, foi crucial manter a observação de onde aparece o desejo da imprensa brasileira de estar inserida entre as grandes emissoras e publicações que cobrem fatos de repercussão mundial. A principal observação foi de quando ela se aproxima das coberturas das grandes emissoras e empresas de comunicação ocidentais e em que momentos e aspectos menos se parece com essas referências internacionais de jornalismo, assumindo, ainda que de maneira híbrida, uma identidade própria que apresente suas especialidades, delineando formas que garantam a individualidade da cobertura, perseguida pela imprensa, especialmente em momento de crise como a guerra.

Há, ao mesmo tempo, uma tendência de inserção na cobertura mundial e a ocupação de um espaço de periferia, que garante a sua força crítica, tanto no resultado final que é a cobertura publicada, quanto na realização do trabalho jornalístico, segundo relato dos próprios repórteres que por muitos momentos tiveram acesso a pessoas, lugares e informações ou escaparam de conflitos, imposições e riscos por fazerem assumidamente parte da imprensa de um país de periferia para o Ocidente e sem feição ameaçadora para o Oriente. Neste contexto híbrido atuou a imprensa brasileira, movimentando-se entre a inserção na cobertura internacional, com a reprodução de textos que circulam iguais pelo mundo todo e declarações oficiais, e a produção de uma cobertura própria, diária mas não apenas restrita às notícias, revelando vozes locais e analisando criticamente as fontes oficiais, assumindo seu lugar periférico que traz desvantagens, mas também outros caminhos onde as grandes redes ocidentais não podem transitar.

A busca pela inserção entre as grandes redes de comunicação que circulam notícia pelo mundo leva a uma posição de igualdade e autoridade diante das instituições de comunicação que definem as coberturas de grandes eventos como os conflitos armados contemporâneos. Ainda que estas características sirvam para impressionar apenas o público brasileiro, mas que é o alvo dos veículos analisados. Essa busca foi e tem sido realizada tanto por jornais de grande circulação como a *Folha de S. Paulo* quanto por emissoras de TV de alcance nacional como a TV Globo. A escolha por publicar notícias diárias, entre capas, reportagens, artigos, charges, e outros produtos de comunicação; a utilização de notícias prontas produzidas por agências internacionais de notícias ou por jornais internacionais; e a reprodução de informações oficiais, muitas vezes oriundas de assessoria de imprensa dos que promovem a guerra, aproximaram os jornais brasileiros, com destaque neste caso à



cobertura do jornal *Folha de S. Paulo*, da leitura preferencial produzida por emissoras de TV e jornais de circulação e influência mundial como os norte-americanos e os britânicos. Enquanto nos momentos em que o jornal proporcionou a produção de textos próprios, através de enviados especiais ao Iraque ou na reportagem local, pode-se perceber uma maior independência na interpretação dos acontecimentos e da guerra de modo geral e uma possibilidade mais concreta e visível de individualização da cobertura, com um foco voltado claramente para o público brasileiro. É, na maior parte dos casos, nesses espaços onde surgem as histórias individuais, os depoimentos e as críticas ao conflito e à invasão, invisíveis nos textos factuais das agências e dos jornais ocidentais de modo geral cujos governos estão comprometidos com a iniciativa de guerra.

O local de uma análise da periferia surgiu quando o jornal optou por realizar uma cobertura que não se resumia ao factual, pensando no que poderia ser de interesse exclusivo dos seus leitores no Brasil e não de qualquer leitor; reservou espaço para uma leitura da própria cobertura jornalística realizada por grandes redes internacionais; e quando deu repercussão à cobertura e às produções jornalísticas vindas de outros locais como o próprio Oriente Médio, de países periféricos europeus ou de veículos independentes e críticos à guerra. Esse trânsito é possivelmente mais enriquecedor do que um lugar político fixo como o que ocupa atualmente a mídia norte-americana de em muitos momentos negociar ou reproduzir um código “hegemônico-dominante” sugerido pelo discurso oficial do governo dos Estados Unidos, ainda que o lugar político que se ocupa seja fruto sempre da posicionalidade do olhar de quem recebe o discurso e não de um local específico em si. A conclusão da análise da *Folha de S. Paulo* é justamente esta mobilidade do discurso que transformou o “Caderno Mundo” num mosaico de vozes, interesses, intenções,

interpretações e olhares, em muitos momentos críticos e em outros, reproduzidor de um discurso externo e hegemônico.

Para concluir e retornar algo que já foi mencionado, como em muitos momentos ocorre na construção do texto desta análise, na guerra de versões, a imprensa é sujeito e também é assujeitada a determinadas versões e discursos, assim como também são os jornalistas que, além disso, numa cobertura de guerra são submetidos ao risco concreto de morte. Uma amostra disso é a manifestação pública realizada em Paris pela organização Repórteres Sem Fronteiras, denunciando a morte em serviço de 153 pessoas durante os quatro anos da Guerra do Iraque e perguntando “E se fosse na França?”. Resta avaliar sempre se, como testemunhas oculares da guerra, os repórteres conseguem manter a sua capacidade de narrar.

## **Bibliografia**

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002
- ALENCASTRO, Luiz Felipe. “Introdução – modelos da história e da historiografia imperial” in *História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*, São Paulo, Cia das Letras, 1997
- ALENCASTRO, Luiz Felipe (org). *História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*, São Paulo, Cia das Letras, 1997
- ARENDT, Hannah. *O que é política?(Fragmentos das Obras Póstumas compilados por Ursula Ludz)*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1993
- ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000
- ÁVILA, Myriam. *Rima e solução: a poesia nonsense de Lewis Carroll e Edward Lear*, São Paulo, Ed. Annablume, 1996
- BARCELLOS, Caco. *Abusado: o dono do morro Dona Marta*, Rio de Janeiro, Ed. Record, 2003
- BARCELLOS, Caco. *Rota 66: a história da polícia que mata*, São Paulo, Ed. Globo, 1992
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica” [1935/1936] em *Obras Escolhidas: magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985
- BENJAMIN, Walter. “Crítica da Violência – Crítica do Poder” [1921] em Willi Bolle (org.), *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie (Escritos escolhidos)*, São Paulo, Ed. Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1986

- BENJAMIN, Walter. “O narrador” in *Magia e técnica, arte e política*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985 [1936]
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o Conceito de História” [1940] em *Obras Escolhidas: magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1985
- BENJAMIN, Walter. “Teorias do Fascismo Alemão” [1930] em Willi Bolle (org.), *Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie (Escritos escolhidos)*, São Paulo, Ed. Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1986
- BENJAMIN, Walter. *A Origem do Drama Barroco Alemão*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984 [1925].
- BURKE, Peter. “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro” in *A escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo, Ed. Unesp, 1992
- BURKE, Peter. “Desafios de uma história polifônica”, *Folha de S. Paulo, Caderno Mais*, 15 de outubro de 2000
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: imagem e história*, Bauru, Edusc, 2004
- CHOMSKY, Noam. *Media Control: the spectacular achievements of propaganda*, New York, Seven Stories Press, 2002
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *On war*, London/New York, Penguin Books, 1982
- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2001
- CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo, Beca, 1999
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1997
- DÁVILA, Sérgio & VARELLA, Juca. *Diário de Bagdá: a Guerra do Iraque segundo os bombardeados*, São Paulo, DBA, 2003
- DORNELES, Carlos. *Deus é inocente: a imprensa, não*, São Paulo, Ed. Globo, 2002

- DUBY Georges, *História da Vida Privada: da Europa feudal à Renascença*, Volume 2, São Paulo, Cia das Letras, 1997
- EL-NAWAWY, Mohammed e ISKANDAR, Adel. *Al-Jazeera: the story of the network that is rattling governments and redefining modern journalism*, Westview Press, Cambridge, 2003
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*, Rio de Janeiro, Editora Record, 2000
- GEERTZ, Clifford. “Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura” in *A interpretação das culturas*, Rio de Janeiro, LTC Editora, 1989
- GINZBURG, Carlo. “Estranhamento: pré-história de um procedimento literário” in *Olhos de Madeira – nove reflexões sobre a distância*, São Paulo, Cia das Letras, 1998
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*, São Paulo, Cia. das Letras, 1987
- GODARD, Jean-Luc. *Introdução a uma verdadeira história do cinema*, São Paulo, Martins Fontes, 1980
- HALL, Stuart. “Codificação/Decodificação” in SOVIK, Liv. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003
- HALL, Stuart. “Reflexões sobre o Modelo de Codificação/Decodificação – uma entrevista com Stuart Hall” in SOVIK, Liv. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital (1848 – 1875)*, São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1997
- HOSKINS, Andrew. *Televising war: from Vietnam to Iraq*, London/New York, Continuum, 2004

- LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra. *Discurso histórico e narrativa literária*, Campinas, Editora da Unicamp, 1998
- LEENHARDT, Jacques e PESAVENTO, Sandra. “Apresentação” in *Discurso histórico e narrativa literária*, Campinas, Editora da Unicamp, 1998
- MARTIN-BARBERO, Jesús. “Medios: olvidos y desmemorias”, *Revista Número*, Colômbia, # 24, 1998
- MIRZOEFF, Nicholas. *Watching Babylon: the war in Iraq and global visual cultura*, New York, Routledge, 2005
- ORWELL, George. *Nineteen Eighty-Four*, London, Penquin books, 2000 [1949]
- PEDRO, Vanessa. *Morte e liberdade na guerra do outro – os negros em narrativas sobre a Guerra do Paraguai* (Dissertação de Mestrado). Defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 2001
- PERROT, Michelle. “Delinquência e sistema penitenciário na França no século 19” in *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988 [1975]
- PERROT, Michelle. “O olhar do outro: os padrões franceses vistos pelos operários (1880 – 1914) in *Os excluídos da história*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1988 [1980]
- RAMONET, Ignácio. *Guerras do Século XXI: el imperio contra Irak*, Barcelona, DeBolsillo, 2004
- REBOUÇAS, André. *Diário – A Guerra do Paraguai (1866)*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1973.
- RIBEIRO, José Hamilton. *O gosto da guerra: a história comovente do jornalista brasileiro que cobriu a Guerra do Vietnã*, Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2005

- ROSA, Mário. *Síndrome de Aquiles: como lidar com crises de imagem*, São Paulo, Editora Gente, 2001
- SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*, São Paulo, Cia das Letras, 1999 [1993]
- SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, São Paulo, Cia das Letras, 1990
- SHARPE, Jim, “A história vista de baixo” in Peter Burke (org.), *A escrita da história: novas perspectivas*, São Paulo, Unesp, 1992
- SHOHAT, Ella e STAM, Robert. *Unthinking eurocentrism: multiculturalism and the media*, London/New York, Routledge, 1994
- SILVEIRA, Joel. *O inverno da guerra*, Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2005
- TAUNAY, Alfredo. *A Retirada da Laguna*, São Paulo, Cia. Das Letras, 1997 [1871]
- TOLSTOI, Leon. *Guerra e Paz*, Rio de Janeiro, Ed. Ediouro, 2002
- VEYNE, Paul. “O indivíduo atingido no coração pelo poder público” in *Indivíduo e Poder*, Lisboa, Edições 70, 1998
- VINCENT, Gerard. “Introdução: A dificuldade da escolha” in *História da Vida Privada: da Primeira Guerra aos nossos dias*, Volume 5, São Paulo, Cia das Letras, 1997
- VIRILIO, Paul. *Velocidade e política*, São Paulo, Estação Liberdade, 1996

## **Filmografia**

Documentário *War feels like war*, UK, 2004, sob a direção de Esteban Uyarra.

## **Sites e revistas**

Site da *BBC* (<http://www.bbc.co.uk>)

Site da *BBC Brasil* (<http://www.bbc.co.uk/portuguese>)

Site do *Jornal da Ciência* (<http://www.jornaldaciencia.org.br>)

Site *Le Monde Diplomatique* (<http://diplo.uol.com.br>)  
Site da UOL (<http://www.uol.com.br>)  
Site da agência *France Presse* (<http://www.afp.com/portugues>)  
Site da agência EFE (<http://www.efe.com>)  
*Revista Superinteressante*